



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ENSINO

**A PRÁTICA DE ENSINO DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA
CICLADA: VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA QUE FAZ USO DA
ESCUTA SENSÍVEL PARA ENSINAR**

Andreia Cristina Pontarolo Lidoio

Lajeado/RS, novembro de 2020

Andreia Cristina Pontarolo Lidoio

**A PRÁTICA DE ENSINO DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA
CICLADA: VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA QUE FAZ USO DA
ESCUTA SENSÍVEL PARA ENSINAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação.

Orientadora: Profa. Dra. Jacqueline Silva da Silva

Lajeado/RS, novembro de 2020

Andreia Cristina Pontarolo Lidoio

**A PRÁTICA DE ENSINO DESENVOLVIDA EM UMA ESCOLA
CICLADA: VIVÊNCIAS DE UMA PROFESSORA QUE FAZ USO DA
ESCUTA SENSÍVEL PARA ENSINAR**

A Banca examinadora abaixo aprova a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na linha de pesquisa Formação de Professores, Estudo do Currículo e Avaliação.

Profa. Dra. Jacqueline Silva da Silva
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Profa. Dra. Silvana Neumann Martins
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Profa. Dra. Suzana Feldens Schwertner
Universidade do Vale do Taquari - Univates

Profa. Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk
Universidade do Estado de Mato Grosso

Lajeado/RS, novembro de 2020

Dedico esta dissertação às pessoas que estiveram comigo durante esta caminhada, apoiando e incentivando minha busca.

Aos meus filhos, Ueslei Pontarolo Lidoino e Mateus Pontarolo Lidoino, que são minha fortaleza, parte do meu ser. Espero que tenham compreendido ou que compreendam, um dia, minhas ausências durante esse período.

Aos meus pais, Ana da Silva Pontarolo e João Pedro Pontarolo, pelo incentivo, carinho e orações, minha eterna gratidão pela vida.

Aos meus irmãos, Ana Claudia Pontarolo e Jean Paulo Pontarolo, pelo apoio e estímulo.

Em especial

Dedico este trabalho à minha orientadora Dra. Jaqueline Silva da Silva, pelas orientações durante essa. Sem você, professora, seria impossível ter escrito esta dissertação. Obrigada pelos ensinamentos, direcionamentos e pela partilha de conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo entusiasmo concedido, por ter iluminado meu caminho e não ter deixado me abater diante dos desafios vivenciados nesse caminhar até aqui.

À minha Professora Orientadora, Dra. Jacqueline Silva, pelas orientações, direcionamentos, paciência, ensinamentos, incentivo e descoberta. Sou grata por me fazer repensar alguns conceitos e imergir na busca do que realmente eu queria abordar. Obrigada pelo carinho e por todo o suporte que ofereceu.

Agradeço ao Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP), à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Centro Universitário UNIVATES, que me brindaram com a bolsa de estudos: bolsa Capes.

Agradeço à professora pesquisada, pois ela foi a essência deste trabalho, uma profissional dedicada, competente e digna de todos os méritos.

Agradeço aos estudantes coadjuvantes desta pesquisa, que se fizeram presentes por meio da estudante com a qual foi mantido o diálogo. Convém destacar que foram de fundamental importância para que eu investigasse a prática da professora.

Agradeço aos meus colegas de mestrado, em especial, a Digilaine, Geilson, e Nilcéia, pela parceria, amizade, incentivo e aprendizado.

“Escutar crianças se dá muito além dos ouvidos: acontece a partir da conexão do adulto com aquela sensação que vem de dentro na relação com a criança que está à sua frente.”

(FRIEDMANN, Adriana, 2019).

RESUMO

Esta dissertação aborda a temática da prática de ensino desenvolvida em uma escola ciclada: vivências de uma professora que faz uso da escuta sensível para ensinar na Escola Estadual Rui Barbosa, localizada em Alta Floresta/MT. A escrita está pautada em autores como Barbier (2004), Freire (1995), (1996) e (2002), Cerqueira (2011), Faour (2009), Silva, Schneider e Schuck (2014), Lorenzon e Silva (2014), Libâneo (2004 e 2011), Ibernón (2001), Nóvoa (1995), entre outros que contribuíram significativamente com esta pesquisa. Entende-se que a escuta sensível, quando realizada pelo professor, contribui intensamente com as práticas de ensino e com a aprendizagem dos estudantes. Sendo assim, constitui a problemática deste estudo: Como uma professora que atua no 2º ciclo de uma escola ciclada utiliza a escuta sensível nas práticas de ensino? Para tanto, o objetivo desta pesquisa foi “investigar as características de um ensino pautado na escuta sensível”. O estudo foi realizado junto a uma Professora que atua no Ensino Fundamental e com uma estudante da turma em que a professora lecionou em 2019. A investigação buscou pressupostos da metodologia qualitativa, aproximando-se ao estudo de caso. A finalidade foi interagir com a Professora investigada e com a estudante a fim de conhecer e coletar dados que serviram de base para elaboração desta dissertação. Constituem instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada, o diário de memórias e o diálogo com a estudante. Para obter mais dados, fez-se uso de fotografias, as quais foram enviadas à professora para auxiliá-la na escrita do diário de memórias. As categorias emergiram conforme a apreciação dos dados coletados, respaldadas na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). A pesquisa indica que a escuta sensível, quando adotada pelo professor no processo de ensinar, permite-lhe romper paradigmas, vencer obstáculos e trabalhar com a inclusão. Os escritos estão embrenhados de ações que revelam a possibilidade de desenvolver o trabalho com a escuta sensível e mostram que esse trabalho com a escuta sensível agrega na ação do professor e no aprendizado dos estudantes. Ensinar ouvindo-os e conhecendo-os, leva-os a serem participantes ativos do seu processo de aprendizagem. Considera-se que a professora ensina de forma a propiciar o protagonismo, o que fica em evidente em sua fala ao incentivar os alunos a serem participantes ativos no processo de aprender. Evidencia-se, pois, o quanto a professora se preocupa com a aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: Escuta Sensível. Práticas de Ensino. Ciclo de Formação Humana.

ABSTRACT

This dissertation addresses the theme of teaching practice developed in a cycling school: experiences of a teacher who uses sensitive listening to teach at the Rui Barbosa State School, located in Alta Floresta / MT. The writing is based on authors such as Barbier (2004), Freire (1995), (1996) and (2002), Cerqueira (2011), Faour (2009), Silva, Schneider and Schuck (2014), Lorenzon and Silva (2014), Libâneo (2004 and 2011), Ibernón (2001), Nóvoa (1995), among others that contributed significantly to this research. It is understood that sensitive listening, when performed by the teacher, contributes intensely to the teaching practices and the students' learning. Therefore, it constitutes the problem of this study: How does a teacher who works in the 2nd cycle of a cycled school use sensitive listening in teaching practices? Therefore, the objective of this research was "to investigate the characteristics of a teaching based on sensitive listening". The study was carried out with a teacher who works in elementary school and with a student in the class in which the teacher taught in 2019. The investigation sought assumptions of the qualitative methodology, approaching the case study. The purpose was to interact with the investigated Professor and the student in order to know and collect data that served as the basis for the elaboration of this dissertation. Research instruments include semi-structured interviews, a memoir and dialogue with the student. To obtain more data, photographs were used, which were sent to the teacher to assist her in writing the memoir diary. The categories emerged according to the assessment of the collected data, supported by the content analysis proposed by Bardin (2011). The research indicates that sensitive listening, when adopted by the teacher in the teaching process, allows him to break paradigms, overcome obstacles and work with inclusion. The writings are steeped in actions that reveal the possibility of developing work with sensitive listening and show that this work with sensitive listening adds to the action of the teacher and the students' learning. Teaching by listening to them and getting to know them, leads them to be active participants in their learning process. It is considered that the teacher teaches in order to promote protagonism, which is evident in her speech when encouraging students to be active participants in the learning process. It is evident, therefore, how much the teacher is concerned with the students' learning.

Keywords: Sensitive Listening. Teaching Practices. Human Formation Cycle.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|----------|--|
| AAE | Apoio Administrativo Educacional |
| AEE | Atendimento Educacional Especializado |
| AJES | Faculdade do Vale do Juruena |
| CEFAPRO | Centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Alta Floresta/Mato Grosso |
| CENSUPEG | Centro Sul Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação |
| PPP | Projeto Político pedagógico |
| SEDUC-MT | Secretaria de Estado de Educação, Esporte e Lazer de Mato Grosso |
| SRM | Sala de Recursos Multifuncionais |
| TCLE | Termo de Consentimento Livre e Esclarecido |
| TDEI | Técnico de Desenvolvimento da Educação Infantil |
| TEA | Transtorno do Espectro Autista |
| UNIFLOR | União Das Faculdades de Alta Floresta |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 O PERCURSO TRILHADO | 22 |
| 2.1 Abordagem de pesquisa | 23 |
| 2.2 Tipo de pesquisa | 25 |
| 2.3 Lócus da pesquisa | 26 |
| 2.4 Instrumentos de pesquisa | 28 |
| 2.5 Ética na pesquisa | 32 |
| 2.6 Sujeitos da pesquisa | 32 |
| 3 O PROFESSOR, A CRIANÇA E O ENSINO PAUTADO NA ESCUTA SENSÍVEL | 36 |
| 3.1 Escuta sensível: Conceitos e contribuições | 36 |
| 3.2 A escuta sensível no processo de ensino | 43 |
| 3.3 Escuta sensível e o ciclo de formação humana | 54 |
| 4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PARA A PRÁTICA | 61 |
| 4.1 Formação continuada de professores, perspectivas e desafios | 61 |
| 4.2 Planejamento e escuta sensível | 68 |
| 4.3 A escuta sensível na construção da aprendizagem dos estudantes | 75 |
| 5 O CURRÍCULO E A ESCUTA SENSÍVEL: POSSIBILIDADES E FRAGILIDADES | 83 |
| 5.1 Currículo e as limitações do trabalho com a escuta sensível | 83 |
| 5.2 O ensino com base na escuta sensível? | 90 |
| 5.3 Escola, ensino e resignificação de práticas diante do inesperado | 99 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FINDER DE UM CICLO QUE ABRE POSSIBILIDADES PARA OUTROS | 108 |
| REFERÊNCIAS | 113 |

| | |
|--|----------------|
| APÊNDICES | 118 |
| APÊNDICE A - Termo de anuência para a instituição de ensino | 119 |
| APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido para a professora | 120 |
| APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido para os responsáveis pela estudante | 121 |
| APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido para a estudante..... | 122 |
| APÊNDICE E - Roteiro da entrevista com a professora..... | 123 |
| APÊNDICE F - Roteiro do diálogo com a estudante..... | 124 |
| ANEXO | 125 |
| ANEXO A - Roteiro norteador do diário de memória e do diálogo com a estudante | 126 |

1 INTRODUÇÃO

Os meus primeiros anos escolares não foram marcados por emoções de que me recordo com entusiasmo. Iniciei a 1º série no ano de 1988, na Escola Municipal Rural de 1º Grau Bonsucesso, localizada na comunidade Bonsucesso, a vinte quilômetros do município de Alta Floresta. Minha professora, a senhora Lourdes, trabalhava com uma turma multisseriada e havia estudado somente até a quarta série do Ensino Fundamental. Estudei até a quarta série nessa escola e, durante todos os anos, em turma multisseriada. Eu era uma menina raquítica, que caminhava quatro quilômetros para chegar até a escola e mais quatro para retornar. A merenda era feita por nós e pela professora. Lavávamos a louça em um pequeno rio próximo à escola, e o fogão era a lenha. Como às vezes não havia merenda na escola, tínhamos que levar de casa. O cardápio era rotineiro: arroz branco com ovo caipira frito ou pão caseiro feito pela minha mãe. De todo o processo educacional, talvez sejam essas as situações que mais me trazem recordações.

O ensino era tradicional, usávamos a cartilha “Caminho suave”, da autoria de Branca Alves de Lima. Fui alfabetizada ainda no primeiro ano. Tinha um boletim apreciável, com notas excelentes, acima de oitenta e cinco, como se denominava naquela época. A escrita era com letra cursiva e minha caligrafia era desajeitada. Para melhorá-la, fazia muitos exercícios motores e de caligrafia, como os de cobrir pontilhados e traçados.

Lembro-me de que era uma das primeiras da turma a concluir as atividades solicitadas pelos professores, ficava entre os três primeiros a terminar. Gostava

muito de estudar e empenhava-me para aprender e auxiliar meus colegas que enfrentavam dificuldades pedagógicas ou os estudantes do ano anterior, visto que estudávamos em turma multisseriada. Os professores solicitavam aos estudantes que concluíssem rapidamente as atividades o auxílio para aqueles que apresentavam fragilidades no processo de ensino e aprendizagem. Em casa, estudava muitas horas, dedicava-me muito para que nas avaliações escolares pudesse alcançar a nota máxima.

Associava os trabalhos escolares com os cuidados dedicados aos meus irmãos mais novos a fim de que meus pais, agricultores, pudessem trabalhar no campo.

Toda essa responsabilidade que assumi desde a mais tenra idade colaborou para que eu alcançasse uma maturidade precoce. Acredito que essas vivências contribuíram para me tornar uma pessoa mais compreensiva, tolerante e empática diante dos desafios enfrentados. Tive uma infância muito humilde, financeiramente bem carente. Mas isso não me fazia sentir inferiorizada ou ter vergonha da minha condição financeira. Assim, cursei o Ensino Fundamental em escolas rurais, levando uma vida simples, mas com algumas recordações maravilhosas da infância, principalmente das brincadeiras no campo com meus irmãos, os banhos nos rios e as frutas que colhíamos diretamente da árvore.

Fiquei um período sem estudar por falta de oportunidade, uma vez que morava no campo e, na comunidade em que residia, havia oferta de ensino somente até a quarta série do Fundamental. Retornei aos meus estudos no ano de 2000, quando fui residir na cidade de Carlinda, Mato Grosso, e, com 21 anos, comecei a cursar o 8º ano do Ensino Fundamental. Nesse intervalo de oito anos em que fiquei afastada da escola, cresci, tornei-me mulher e casei muito nova – com apenas dezesseis anos de idade, próprio da cultura daquela época. Também tive meu primeiro filho e, nessa época, trabalhei no campo juntamente com meu esposo.

Paralelamente ao retorno aos estudos, comecei a trabalhar como Agente de Saúde. Depois de um ano nessa profissão e cursando o Ensino Médio no período noturno, comecei a lecionar substituindo alguns professores, o que consistia em um, dois ou no máximo três dias, mensalmente ou quinzenalmente, para determinado

professor que necessitasse resolver problemas pessoais. Essa situação de substituição ocorria porque os professores não tinham atestado para justificar as suas faltas, e a opção era colocar outro profissional para lecionar em seu lugar e remunerá-lo com recursos próprios. O referido trabalho era efetivado no período diurno e, por dois anos, mantive-me dessa forma, sem sala de aula fixa. Depois comecei a ter contrato assinado com a Escola Municipal Manoel Bandeira, mas também de pouca duração – um mês ou no máximo três para cobrir licença médica ou outros afastamentos dos servidores. E foi assim que o gosto pela docência começou.

Em virtude da necessidade e da vontade de realizar um curso superior na docência, iniciei o curso de Pedagogia no ano de 2006. Nessa época, ainda morava no município de Carlinda, a 35 quilômetros do município de Alta Floresta/Mato Grosso, onde cursei a faculdade em uma instituição particular, União das Faculdades de Alta Floresta (UNIFLOR), visto que o curso de Pedagogia não era disponibilizado pela universidade pública existente no município de Alta Floresta.

Ainda no primeiro semestre, emergiu a paixão pelo curso e a certeza de estar no caminho certo. A disciplina de História da Educação confirmou o que ainda estava por vir no exercício da profissão. Naquele momento, percebi que, de fato, esse curso me completava e, diante disso, aprofundei meus estudos, buscando sempre a qualidade em ensinar. Dedicava-me ao máximo aos trabalhos prestados como professora substituta, e essa experiência potencializou a minha identidade na docência, uma vez que estava contextualizando a teoria com a prática.

Aplicava-me intensamente a cada aula vivenciada no curso de Pedagogia. As discussões, as leituras me instigavam e despertavam em mim a curiosidade de aprofundar ainda mais meus estudos. Eu já estava fazendo o uso da escuta sensível, pois, pelas leituras dos materiais indicados pelos professores, eu articulava meu trabalho em sala de aula, considerando os estudantes nas suas particularidades. Nessa época, comecei a atuar com a disciplina de Matemática em uma turma do sexto ano. Passei a observar mais meus estudantes para compreender e desenvolver meu trabalho. Não foi fácil, já que eu não possuía habilitação para trabalhar essa disciplina, porém a necessidade profissional me fez trabalhar com ela.

No mesmo ano em que comecei a cursar Pedagogia, passei no concurso de Apoio Administrativo Educacional, no município onde eu residia – Carlinda –, e fui trabalhar na Escola Municipal Manoel Bandeira. Nesse tempo, eu trabalhava como Apoio Administrativo Educacional (AAE) no período matutino, era professora interina no período vespertino e acadêmica do curso de Pedagogia no período noturno. Permaneci com essa rotina por oito meses, de janeiro de 2006 até agosto de 2006.

No mês de agosto de 2006, fiz um concurso para trabalhar como Técnica de Desenvolvimento da Educação Infantil nas escolas que ofertavam Educação Infantil. O concurso era para a cidade de Alta Floresta, onde eu cursava a faculdade de Pedagogia. Fui efetivada como Técnica de Desenvolvimento da Educação Infantil (TDEI). Dessa forma, atuei na Educação Infantil de 2006 a 2011. Foram anos mágicos, de muito aprendizado. Atuei nas seguintes turmas: Berçário I e II, Maternal I e II. Aquelas crianças, cheias de curiosidade, transformavam nossos dias e as aulas em aprendizado recíproco.

Para desenvolver o trabalho com a Educação Infantil, fazíamos uso da escuta sensível. Ouvir cada criança que frequentava a sala de aula de forma peculiar era o direcionamento para o planejamento. Aqueles pequenos, muitas vezes, não falavam ainda, mas demonstravam por meio de sentimentos e olhares o que queriam e não queriam. Não era fácil interpretar os gestos, choros, sorrisos, mordidas, gritos. Depois de um determinado tempo convivendo com elas, passava a conhecê-las, a ponto de saber se estavam doentes, felizes, tristes, com fome, com sede, se tinham gostado ou não da atividade. Essas experiências vivenciadas no ambiente de trabalho, especificamente na sala de aula, articulavam-se com as leituras discutidas na graduação. Era possível efetivar na prática a teoria. E, diante dessa constatação, o interesse e o bom desenvolvimento da atuação profissional só se intensificava.

No ano de 2009, terminei a graduação e continuei trabalhando na Educação Infantil e, em 2010, submeti-me ao concurso público da Secretaria de Estado e Educação, Esporte e Lazer (SEDUC), da rede Estadual de Mato Grosso, e fui aprovada. Ainda nesse mesmo ano, fui mãe novamente: nasceu meu segundo filho. Assumi o concurso somente em 2012, com uma turma de 4º ano do 2º ciclo. Vivenciei momentos de insegurança e de medo ao enfrentar o novo. Era um desejo efetivar-me como professora da rede estadual de ensino de Mato Grosso, porém foi

difícil deixar de trabalhar na Educação Infantil, visto que gostava muito de estar com aquele público encantador.

A Educação Infantil é uma etapa de ensino apaixonante. As crianças aprendem pela experimentação; a ludicidade, a investigação e a experiência fazem parte de seu cotidiano. O aprendizado parte das brincadeiras e da interação. A liberdade dada à criança de vivenciar as mais diversas sensações faz dessa etapa da educação um misto de crescimento, desenvolvimento e aprendizado.

Paralelamente ao trabalho no Ensino Fundamental, iniciei, no ano de 2011, minha primeira especialização em Educação Infantil e Alfabetização, pela AJES, Faculdade do Vale do Juruena. Já minha segunda especialização, no ano de 2016, foi em Neuropsicopedagogia e Educação Inclusiva, pela CENSUPEG, Centro Sul Brasileiro de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação. As duas especializações acrescentaram significativamente à minha formação e às minhas práticas de ensino, pois escolhi cursar especializações com as quais eu me identificasse. Já havia destacado o gosto pela atuação na Educação Infantil, e a outra especialização veio somar na compreensão do desenvolvimento cognitivo, emocional e motor da criança visto que ambos estão interligados. Além disso, estudar os transtornos, deficiências e dificuldades de aprendizagem com que nos deparamos cotidianamente na escola fez-me aprofundar, posteriormente à especialização, os estudos sobre transtornos, deficiências e dificuldades de aprendizagem e o quanto refletem na aprendizagem dos estudantes.

Diante dos acontecimentos relatados, iniciei um novo ciclo profissional, que revela novas inquietações e talvez tenha sido o momento profissional em que mais fiz uso da escuta sensível durante a minha atuação docente. Atuando entre uma turma e outra, surgiu o interesse de vivenciar um novo desafio. Foi então que tive a oportunidade de trabalhar na sala de Recursos Multifuncionais¹, como professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE). Atuei, nos anos de 2014 a 2016, nessa função. As crianças que frequentam o Atendimento Educacional

¹ As Salas de Recursos Multifuncionais são espaços da escola onde se realiza o atendimento educacional especializado para os alunos com necessidades educacionais especiais, por meio de desenvolvimento de estratégias de aprendizagem centradas em um novo fazer pedagógico que favoreçam a construção de conhecimentos pelos alunos, subsidiando-os para que desenvolvam o currículo e participem da vida escolar (BRASIL, 2007).

Especializado são estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

As minhas vivências como mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (meu segundo filho possui TEA) contribuíram para que eu tivesse um olhar para a Educação Especial e pudesse enxergar além de uma especificidade dentro da educação, mas com plena concepção de que esses estudantes são capazes de se desenvolver, dentro das suas limitações, muito além daquilo que esperamos. Meu filho mostrou-me isso, uma vez que ele superou os desafios e desenvolveu-se muito bem. Basta acreditar neles e escutá-los, pois eles nos direcionam para que possamos atendê-los de forma a contribuir para sua aprendizagem. Esses estudantes são capazes de se desenvolver quando nos dedicamos e lhes proporcionamos o atendimento pedagógico de que necessitam em sua área de comprometimento, seja ela emocional, cognitiva ou motora. Para tanto, o trabalho docente necessita ser intensificado e aperfeiçoado de acordo com as necessidades de cada estudante. Desse modo, pensando no quanto eu poderia contribuir com os estudantes que necessitavam do Atendimento Educacional Especializado, decidi, no ano de 2014, vivenciar esse desafio de trabalhar na Sala de Recursos Multifuncionais.

Um dos trabalhos primordiais da sala do AEE é realizar o estudo de caso, o qual consiste em uma análise aprofundada sobre o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional do estudante, desde seu nascimento, realizando uma investigação com esses estudantes e com suas famílias. O estudo de caso consiste em observar além do que é visível. Nesse contexto, a cada olhar, gestos, palavras, comportamentos dos pesquisados, eu anotava e, após isso, analisava criteriosamente para compreender melhor aquele estudante e posteriormente elaborar o plano de atendimento individualizado para cada um deles ou realizar o relatório de encaminhamento a profissionais da saúde.

A menção acima refere-se ao estudo de caso realizado com estudantes que frequentam a sala de AEE, o qual tive a oportunidade de realizar com os estudantes enquanto atuei nesse espaço. A pesquisa desenvolvida nesta dissertação também se aproxima de um estudo de caso, porém investiga uma professora que faz uso da escuta sensível nas suas práticas de ensino.

Referindo-me ainda a esse espaço, sou imensamente grata a cada dia trabalhado, a cada estudante com que me foi dada a oportunidade de atuar enquanto docente, pois foi desafiante, fez-me buscar e aprimorar meus conhecimentos, realizar novas leituras e novos aprendizados. Ser professora do AEE permitiu que eu aprofundasse o conhecimento no desenvolvimento humano e trouxe uma realização profissional, já que me fez acreditar ainda mais que todo estudante tem potencial para aprender. Independentemente de suas condições físicas, emocionais e intelectuais, o aprendizado acontece, cada um no seu tempo e de acordo com suas potencialidades. Talvez não o aprendizado padronizado pelo “ensino engessado” e o proposto muitas vezes pelas políticas públicas, mas o aprendizado de que o estudante necessita naquele momento.

Atuar com os estudantes com deficiências e transtornos suscitou em mim a inquietação de escutar mais, argumentar e mostrar – tanto para meus colegas de profissão, que trabalhavam com esses alunos no período de aula regular, quanto para os pais desses estudantes – que as aprendizagens acontecem, não com a intensidade e no mesmo momento para todos, mas de modos diferentes, e cada um aprende o que se faz necessário naquele momento e o que é possível de acordo com sua maturidade e nível de desenvolvimento. E assim o fazia. Saía da comodidade da minha sala e, no planejamento coletivo, a coordenação da escola disponibilizava em torno de trinta minutos para que eu conversasse com meus colegas professores sobre como incluir os estudantes especiais na sala de aula e como realizar a adaptação curricular para eles. Muitas vezes, aprofundava os estudos em determinada deficiência ou transtorno para dialogar com os demais professores nesses momentos em que estávamos juntos.

Como tudo é um ciclo, um movimento, continuando a trilhar por esse caminho, alcei novos voos. Em julho de 2016, realizei o processo seletivo para atuar como professora formadora da área da alfabetização no centro de Formação e Atualização dos Profissionais da Educação Básica de Mato Grosso (CEFAPRO). No mesmo ano, ingressei como professora no Ensino Superior, atuando nos cursos da área da saúde com a disciplina de Libras e, no curso de Pedagogia com a disciplina de Estágio Supervisionado e Metodologia da Alfabetização. Essas experiências oportunizaram-me uma satisfação pessoal e profissional, bem como novos conhecimentos e aprendizados.

Na profissão docente estamos em constante movimento. Os acontecimentos que emergem nos causam desassossego, algo considerado pertinente no processo de ressignificação das práticas de ensino do docente. Senti a necessidade de compreender mais sobre o ensino e, então, lancei-me a um novo desafio: retorno ao universo acadêmico, ingressando no Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari - Univates, no ano de 2019.

A busca pelo mestrado veio da necessidade de aprofundar os conhecimentos e aproximar-me mais do mundo da pesquisa. Visualizei a oportunidade de discorrer sobre algo de que gosto muito e vejo como uma prática essencial na docência: a escuta sensível no ensino. Sinto essa necessidade de relatar em pesquisa o quanto a escuta sensível se faz importante na sociedade e suas contribuições para o processo educacional. Dessa forma, almejo investigar a prática de ensino de uma professora que atua em uma escola ciclada, na qual faz uso da escuta sensível, relatando as contribuições coletadas nesta pesquisa. A escuta sensível permeia o universo dos sentidos, da afetividade e o imaginário. Na visão de Barbier (2004, p. 98), “Uma pessoa só existe pela existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em permanente interação”. Com base nas palavras do autor citado, o ser é constituído de sentimentos e de um corpo, portanto as ações advindas são as mais variadas, principalmente no que se refere a sentimentos. Dessa forma, a escuta sensível na ação docente oportuniza conhecer o estudante. O desejo de abordar a temática da escuta sensível surgiu da necessidade de mostrar suas contribuições significativas no processo educacional e a sua importância na sala de aula. É fundamental ouvir para conhecer e direcionar o planejamento, assim como as intervenções pedagógicas e a ação docente, a fim de mediar a aprendizagem.

Impulsionada pela crença de que o conhecimento precisa ser compartilhado, trago para esta pesquisa a prática pedagógica de uma professora e os percursos percorridos por ela para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem por meio da escuta sensível. Nesse contexto, partindo do pressuposto de que escutar o outro é o ponto de partida para o trabalho pedagógico e que essa escuta proporciona a percepção das necessidades, das inquietações, dos anseios e dos desejos dos nossos estudantes, lancei-me a este desafio.

A problemática levantada é a seguinte: Como uma professora que atua no 2º ciclo de uma escola ciclada utiliza a escuta sensível nas práticas de ensino? Com base nesse problema, o objetivo geral desta pesquisa buscou investigar as características de um ensino pautado na escuta sensível. Os objetivos específicos foram traçados de forma a dialogar com cada capítulo deste trabalho nas seguintes proposições:

- ✓ Descrever como o ensino, pautado na escuta sensível, é desenvolvido na prática da professora;
- ✓ Conhecer as contribuições da escuta sensível para a construção da aprendizagem dos estudantes;
- ✓ Identificar as dificuldades enfrentadas pela professora ao trabalhar com a escuta sensível.

Buscando respostas para os objetivos elencados, foram elaboradas as questões que nortearam esta pesquisa:

- ✓ Quais são as contribuições da escuta sensível na construção das aprendizagens dos estudantes?
- ✓ Quais são as dificuldades enfrentadas pela professora ao trabalhar com a escuta sensível?
- ✓ Como o ensino, pautado na escuta sensível, é desenvolvido na prática da professora?

No primeiro capítulo, introdução desta dissertação, apresento o trajeto da caminhada, abordo parte da minha trajetória, permeando algumas fases, dentre elas a infância, sendo que a imersão no passado, tal como exposto neste capítulo, talvez justifique a minha busca por este tema de pesquisa. Elenco ainda o problema de pesquisa, o objetivo geral e os específicos, as questões norteadoras, os quais acrescentaram significativamente a este primeiro capítulo.

O capítulo dois destina-se a explicitar a caminhada, delineia os passos trilhados no desenvolvimento desta investigação. Esse capítulo é dividido em

subcapítulos, que apontam como foi a trajetória percorrida até obter os dados e transformá-los em parte da escrita deste trabalho. Intitulam-se Abordagem de pesquisa, Tipo de pesquisa, Lócus da pesquisa, Instrumentos de pesquisa, Ética com a pesquisa e Sujeito escolhido.

No capítulo três, discorro sobre o professor, a criança e o ensino pautado na escuta sensível. Apresento Escuta sensível: Conceitos e contribuições, A escuta sensível no processo de ensino, Escuta sensível e o ciclo de formação humana. Os subcapítulos permeiam a definição da escuta sensível e suas contribuições nas práticas de ensino. Eles estão fundamentados em autores que discorrem sobre o tema e nas pontuações da professora pesquisada.

Esse capítulo aprofunda o significado da escuta sensível, bem como as suas contribuições para as práticas de ensino. Sua escrita busca embasamento em autores que abordam o tema e nas exposições da professora. Explicita-se o Ciclo de Formação Humana e como o ensino é ofertado por ele. E, por fim, as contribuições e a articulação no processo de ensinar, conforme o ciclo de Formação Humana e a escuta sensível, são evidenciadas.

O capítulo quatro, intitulado Formação de professores: contribuições da teoria para a prática no processo de ensino e aprendizagem, apresenta três subcapítulos, que foram articulados com os dados coletados e deram vivacidade e realismo a esta escrita. São eles: Formação continuada de professores, perspectivas e desafios; Planejamento e a escuta sensível; A escuta sensível na construção da aprendizagem dos estudantes. Todos os subitens embasam-se em autores que discorrem sobre o tema e nos dados coletados na pesquisa a campo. Assim, esse capítulo destina-se ao aprofundamento da formação de professores e sua importância na ação docente cotidiana e dá-se ênfase à exposição das falas da professora e às dificuldades enfrentadas ao fazer a formação continuada no âmbito escolar.

Nesse contexto, são apresentados os aportes do planejamento com base na escuta sensível para a efetivação da prática docente. Tanto o discurso da professora quanto os escritos de autores que abordaram o tema corroboram a proposição de quanto o planejamento é necessário e importante no processo de ensinar. O texto

exibe o processo de construção da aprendizagem dos estudantes com alicerce na escuta sensível e alude à narrativa da professora em relação a esse processo de construção, dialogando com os autores que fundamentam este trabalho.

O capítulo cinco – Currículo e a escuta sensível: possibilidades e fragilidades – possui três subcapítulos que auxiliaram na escrita: Currículo e as limitações do trabalho com a escuta sensível; O ensino com base na escuta sensível; Escola, ensino e resignificação de práticas diante do inesperado. Este último texto discorre sobre currículo e planejamento, duas vertentes que movimentam o ensino na escola.

O capítulo cinco faz alusão ao currículo, com base em autores que discutem o que é currículo e como ele direciona o trabalho pedagógico na instituição. De acordo com a fala da professora, ficam nítidas as dificuldades enfrentadas em trabalhar a escuta sensível articulada ao currículo. Sua exposição faz menção às imposições das políticas públicas, que dificultam a ação docente em determinados momentos, principalmente ao trabalhar com projetos e envolver a comunidade. Nesse contexto, são apresentados no capítulo momentos de vivências no ensino remoto² em tempos pandêmicos, assim como as dificuldades enfrentadas pela professora nesse momento difícil toda a humanidade vem enfrentando.

Em Considerações Finais, exponho as concepções vivenciadas, o trajeto realizado e pontuo como ocorreu todo o processo, que teve seu início em janeiro de 2019, o início do mestrado em Ensino, a escolha do tema, a temática, o problema e os objetivos. Desde então, a caminhada se deu em articulação com leituras, escrita e pesquisa. Apresento como foram as expectativas iniciais até o término desse trajeto, relatando os empecilhos encontrados nesse caminhar. Relato se os objetivos traçados no início foram alcançados, bem como as respostas à problemática evidenciada. Dessa forma, finaliza-se o capítulo introdutório desta dissertação.

² [...] o ensino remoto preconiza a transmissão em tempo real das aulas. A ideia é que professor e alunos de uma turma tenham interações nos mesmos horários em que as aulas da disciplina ocorreriam no modelo presencial. Disponível em: <https://sae.digital/aulas-remotas/>. Acesso em: out. de 2020.

2 O PERCURSO TRILHADO

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que, em decorrência da pandemia da covid-19 em nosso país, neste ano de 2020, o que havia sido planejado para ser desenvolvido a campo e foi aprovado pela banca de qualificação, necessitou de readequações em alguns procedimentos de coleta.

A pesquisa ocorreria nos meses de março a maio de 2020, sendo duas entrevistas e dez dias de observação, com quatro horas diárias e registros dessas observações no diário de bordo feito pela pesquisadora. Após as observações, ocorreria outra entrevista e, posteriormente à coleta, dar-se-ia o início da escrita da dissertação. A qualificação do projeto de dissertação foi com base nos instrumentos de pesquisa já citados acima.

Como a pesquisa seria realizada com duas entrevistas e observações da prática de ensino de uma professora, justificam-se as medidas tomadas no que diz respeito às mudanças nos instrumentos de coleta desta pesquisa. Ela continuou com uma aproximação do estudo de caso e com o instrumento da entrevista já previsto na metodologia anterior. A mudança ocorreu na observação, por não ser possível acompanhar a prática da professora em sala de aula devido à pandemia da covid-19.

Dessa forma, o diário de memórias foi um instrumento fundamental na coleta de dados. A professora, em um período de oito semanas, produziu registros das memórias de sua prática com sua turma do ano de 2019. Na realização desse registro, a cada semana a pesquisadora enviava à professora um disparador que

ativou as suas memórias. Esses disparadores foram registros fotográficos da professora em ação com suas turmas anteriores. As imagens selecionadas buscaram momentos diferenciados. Para a obtenção das fotografias, houve o deslocamento até a escola e o pedido à coordenação para acessar os arquivos de fotos da escola, a fim de escolher algumas. A coordenação da Escola Estadual Rui Barbosa disponibilizou o material.

Além disso, realizou-se um diálogo com uma estudante da turma de 2019 da professora pesquisada. Essa estudante foi indicada pela professora, e a escolha se deu após verificar-se que ela reside em Alta Floresta/MT e que seus pais estavam disponíveis para acompanhá-la durante o diálogo. O diálogo com a estudante ocorreu por meio do aplicativo *zoom*, logo a participação dos pais nesse processo foi de suma importância. Eles ficaram próximos à estudante e a auxiliaram a usar o aplicativo. Nesse diálogo, buscou-se investigar como foram as vivências e a relação dela e de sua turma com a professora regente no ano letivo de 2019. Para tanto, foram utilizadas as fotografias da turma na qual a professora lecionou e que a estudante frequentava. As fotos foram utilizadas como disparadores para o diário de memórias da professora, bem como para o diálogo com a estudante. Elas estão nos anexos desta dissertação, para que o leitor possa compreender quais auxiliaram a professora a escrever suas memórias e quais serviram para auxiliar a estudante no diálogo com a pesquisadora. Deixa-se, neste texto, a justificativa das mudanças realizadas e necessárias em decorrência da pandemia.

2.1 Abordagem de pesquisa

A abordagem de pesquisa utilizada foi a qualitativa, pois buscou trabalhar com um recorte de uma realidade, no caso, uma professora que atua com crianças da faixa etária entre seis a onze anos de idade, de uma escola da rede estadual de ensino, e com uma estudante dessa mesma realidade.

A pesquisa fez uma aproximação com o estudo de caso, portanto condiz com a abordagem qualitativa. Outra característica que a classifica como qualitativa é investigar a prática de uma professora, por meio de entrevistas e dos relatos realizados por ela no diário de memórias, e o diálogo com uma estudante. A investigação pautou-se em conhecer o trabalho da professora que atua com a

escuta sensível. Como a escuta sensível é uma metodologia pertinente que aprecia o estudante como um todo, investigaram-se, por meio da abordagem qualitativa, as contribuições dessa prática a fim de comprovar a sua importância. Afirma Godoy (1995):

Algumas características básicas identificam os estudos denominados "qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

A abordagem usada foi selecionada por assegurar seus estudos na interpretação do mundo real, considerar os acontecimentos e buscar a essência da temática em discussão. Dessa forma, preocupa-se em ir além da quantidade, em compreender as experiências, o meio e a cultura vivenciada.

Conforme Trivinos (1987), a participação do entrevistado envolve características simbólicas, com traços culturais, envolvimento da realidade do pesquisado e da sua comunidade. O autor destaca a importância do contato que ocorre na pesquisa qualitativa entre pesquisado e pesquisador. Isso permite ir além de investigar o que se propõe, é entrar no universo do indivíduo de uma forma singular, aproximar-se e analisar todo o seu entorno.

Esta pesquisa consolidou-se após um estudo da literatura e observação de ações práticas sobre a escuta sensível e suas contribuições no processo de ensinar e aprender. Dessa forma, conhecendo a professora e sua atuação e tendo acompanhado resultados em turmas anteriores nas quais utilizava a escuta sensível para ensinar, buscou-se essa profissional e questionou-se se aceitaria ser pesquisada.

Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, que não podem ou não devem ser quantificadas. Na perspectiva da autora, essa abordagem torna-se importante porque permite vivenciar acontecimentos não esperados, mas o entrevistado surpreende com as respostas dadas nas entrevistas. As observações permitem que o entrevistador possa analisar seu pesquisado e verificar sua compreensão referente ao tema.

Na pesquisa qualitativa, o pesquisador pauta seus estudos na interpretação do cotidiano do entrevistado, preocupando-se com a experiência vivida por ele sobre o que está investigando.

Escolheu-se a abordagem qualitativa para desenvolver a pesquisa, uma vez que foi investigada a prática da escuta sensível, sendo trabalhado o recorte da realidade de uma professora. A abordagem qualitativa contribuiu para tornar este trabalho significativo. A partir desta proposta, surgiu a oportunidade de buscar aprofundamento sobre a prática de trabalho da professora.

2.2 Tipo de pesquisa

Para desenvolver esta pesquisa, escolheu-se o *tipo de pesquisa* por estudo de caso. Conforme Yin (2001), estudo de caso na pesquisa qualitativa traz dados relevantes com características individuais, pois geralmente envolve pequenos grupos, ou somente um pesquisado, o que pontua a seriedade de intensificar o olhar integral para o mesmo.

Ainda de acordo com Yin (2001, p. 27), o estudo de caso busca analisar acontecimentos contemporâneos e aprofundar a investigação sobre um determinado fato ou ação. Ele dá abertura para responder a questionamentos que o pesquisador, muitas vezes, não consegue com outros métodos. Explica Godoy (1995):

No estudo de caso, o pesquisador geralmente utiliza uma variedade de dados coletados em diferentes momentos, por meio de variadas fontes de informação. Tem como técnicas fundamentais de pesquisa a observação e a entrevista. Produz relatórios que apresentam um estilo mais informal, narrativo, ilustrado com citações, exemplos e descrições fornecidos pelos sujeitos, podendo ainda utilizar fotos, desenhos, colagens ou qualquer outro tipo de material que o auxilie na transmissão do caso. Ainda que os estudos de caso sejam, em essência, pesquisa de caráter qualitativo, podem comportar dados quantitativos para aclarar algum aspecto da questão investigada (GODOY, 1995, p. 24).

Nesta pesquisa ocorreu uma aproximação com o estudo de caso. Fez-se uso da entrevista semiestruturada para coletar dados com a professora pesquisada, bem como de suas memórias descritas, que neste trabalho denominamos de diário de memórias.

2.3 Lócus da pesquisa

O lócus desta pesquisa foi a Escola Estadual Rui Barbosa, localizada na Avenida Amazonas, bairro Cidade Alta, na cidade de Alta Floresta/Mato Grosso. A Escola Estadual Rui Barbosa é composta por três pavilhões mais ou menos iguais. No primeiro, concentra-se a Secretaria, o Laboratório de Aprendizagem e de Informática, a Sala da Coordenação, a Sala de Professores. No segundo, há sete salas de aula. No terceiro, mais sete salas de aula. E, de frente para o terceiro pavilhão, encontra-se a cozinha juntamente com o refeitório, duas Salas de AEE, os banheiros masculino e feminino, a Biblioteca e a Rádio Escolar.

A escola possui quadra em espaço amplo que, entretanto, necessita de reformas, principalmente no parquinho, que se encontra com seus brinquedos quebrados e não está adequado para as crianças brincarem. Há uma quadra de areia, mas sem estrutura. Atende estudantes do Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Estão matriculados 1281 alunos, atendidos por um total de 79 professores e 30 funcionários distribuídos no Apoio Administrativo Educacional, limpeza, vigia e Técnico Administrativo Educacional, nos períodos matutino, vespertino e noturno. Atende por ciclos desde 2001, ano em que o Ciclo de Formação Humana foi implantado em Mato Grosso.

Quando ocorreu o processo de implantação do Ciclo de Formação Humana em Mato Grosso, foi elaborado um documento a fim de nortear as Secretarias de Educação e os professores para desenvolverem o trabalho conforme a metodologia do Ciclo. O documento em questão serve de base da política de Ciclos: “Escola Ciclada de Mato Grosso, novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer”, organizado pela Secretaria Estadual de Educação em 2001. Esse material destaca que os Ciclos de Formação Humana consideram a organização das turmas por idade. A proposta do ciclo é pensar a criança no seu desenvolvimento cognitivo, motor e emocional.

Sendo assim, compreende que o estudante, ao conviver com seus pares de idade, tem maior oportunidade de vivenciar, trocar e socializar experiências que contribuirão para a construção de sua identidade, o que fica dificultado caso exista a disparidade de idade. A proposta do ciclo é minimizar os impactos negativos trazidos

pela escola seriada, principalmente no que tange à distorção entre idade e série, bem como pensar no desenvolvimento integral e na inclusão do estudante. Arroyo (1999) afirma:

Organizar a escola em Ciclos de Desenvolvimento Humano vai significando que todos repensemos nossa concepção de educação e repensemos o papel, o perfil, a função social do educador. Significa repor nosso ofício em outros patamares, descobrirmo-nos profissionais do pleno desenvolvimento humano. Entendermos as temporalidades, os ciclos da formação humana, assumirmo-nos profissionais do desenvolvimento humano, requalificarmos, recuperando dimensões permanentes em nosso ofício de mestres (ARROYO, 1999, p. 63).

Como pontua o autor, organizar a escola para atender em Ciclos de Formação Humana não é somente optar pela organização em ciclos, mas também preparar e dar suporte para quem vai atuar com esses estudantes, o que é imprescindível. Não compreender a proposta do Ciclo poderá desencadear situações que tornam uma escola excludente, enquanto a proposta do Ciclo de Formação Humana busca a inclusão.

A escola base desta pesquisa recebe as crianças a partir dos 6 anos completos ou que completam até 30 de março do ano em que irão cursar o 1º ano. Elas permanecem no Ensino Fundamental por nove anos de escolaridade. Durante esses nove anos, os estudantes passam por três ciclos, assim divididos: o 1º Ciclo contempla o 1º, 2º e 3º anos; o 2º Ciclo, o 4º, 5º e 6º anos; e o 3º Ciclo, o 7º, 8º e 9º ano. O ensino, na concepção do Ciclo de Formação Humana, tem como objetivo o desenvolvimento integral da criança.

Em relação à avaliação, conforme o Ciclo de Formação Humana, esta é realizada nas concepções diagnóstica, formativa e somativa, por meio da observação constante do estudante durante a realização dos trabalhos pedagógicos, nos quais se envolve simultaneamente no período em que se encontra no âmbito escolar. O estudante que frequenta o Ensino Fundamental na Escola Estadual Rui Barbosa somente poderá ser retido ao final de cada Ciclo, depois que o conselho de classe³ decidir por isso. A retenção ocorre quando o estudante apresenta um

³ Conselho de Classe é uma reunião avaliativa em que diversos especialistas envolvidos no processo ensino-aprendizagem discutem acerca da aprendizagem dos alunos, o desempenho dos docentes, os resultados das estratégias de ensino empregadas, a adequação da organização curricular e outros aspectos referentes a esse processo, a fim de avaliá-lo coletivamente, mediante diversos pontos de vista. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Conselho_de_classe. Acesso em: nov. 2019.

comprometimento pedagógico intenso, ou por excesso de faltas, ou por abandono. A avaliação no sistema não é por notas, mas por conceitos: Progressão Simples (PS⁴), Progressão Parcial com Apoio Pedagógico (PPAP⁵).

2.4 Instrumentos de pesquisa

Quanto aos instrumentos de pesquisa, foram utilizados a entrevista semiestruturada⁶, o diário de memórias⁷ e o diálogo⁸ com a estudante da turma de 2019. A entrevista permite ao entrevistador estar diretamente com sua fonte de pesquisa, o que envolve muito mais que anotar e gravar as respostas informadas por ele. Minayo (2009) expõe:

Entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo (MINAYO, 2009, p. 62).

O olhar do pesquisador, nesse momento, carece estar voltado para o entrevistado a fim de que a pesquisa seja uma produção de conhecimento, e a cordialidade e a gentileza devem imperar entre os dois. Cabe salientar que o momento é relevante e, para que flua com naturalidade, é fundamental proporcionar um ambiente agradável. Godoy (1995) acrescenta:

Existem, no entanto, situações onde o pesquisador tem que optar por uma entrevista mais formal. Embora nas entrevistas pouco estruturadas não haja a imposição de uma ordem rígida de questões, isso não significa que o pesquisador não tenha as perguntas fundamentais em mente. A entrevista poderá ser gravada, se houver concordância do entrevistado, ou pode-se tomar algumas notas (GODOY, 1995, p. 27).

⁴ PS – Indica que o processo de ensino aprendizagem do estudante vem se desenvolvendo conforme esperado; no entanto, o estudante nessa situação, sempre que preciso, deverá ser acompanhado pela equipe pedagógica. cos.seduc.mt.gov.br/orientativo_pedagogico/2017.

⁵ PPAP – Indica que o processo de ensino aprendizagem do estudante tem sido insatisfatório, em mais de 50% dos objetivos de aprendizagem propostos, e requer apoio pedagógico intensivo cos.seduc.mt.gov.br/orientativo_pedagogico/2017.

⁶ Exposta no decorrer da dissertação, sendo a fonte indicada como professora, 2020a.

⁷ Exposto em quadros que permeiam a dissertação, sendo a fonte indicada como diário de memória da professora, 2020b.

⁸ Os diálogos são mencionados durante as discussões e a fonte é citada como estudante, 2020.

A entrevista foi realizada com a professora por meio do aplicativo *Zoom* e foi gravada. Com antecipação, data e horário foram avisados à professora e marcados de modo a lhe serem favoráveis. Ao conversar com ela sobre recomendar um dos seus estudantes da turma do ano de 2019, ela indicou uma menina, explicando que não estava fazendo a escolha com base na sua inteligência ou comportamento. Afirmo que a selecionou porque consegue dialogar de forma a representar seus colegas e contemplá-los na sua exposição. A estudante foi escolhida considerando que é uma criança desinibida e seus pais teriam disponibilidade para estarem com ela durante o diálogo com a pesquisadora. Eles não se opuseram, o que contribuiu no momento do diálogo, pois auxiliaram a filha a acessar o *link* do aplicativo *zoom*.

A parceria com os pais nesse diálogo foi imprescindível, pois eles apoiaram a filha e a auxiliaram com o *meet*. A participação da estudante na pesquisa foi assegurada por meio das assinaturas dos pais, contidas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esses Termos encontram-se no Apêndice C desta dissertação. Nesse contexto, Luca, Andrade e Sorrentino (2012) afirmam:

O diálogo é um exercício profundo de desvelamento que não tem limite final ou ponto de chegada, pois a vida está sempre em transformação. Desvendar-se e desvelar o Outro, num eterno entrelaçar de significados. Dialogando expomos nossa essência e ganhamos mais consciência de nós mesmos, de nossas fragilidades e fortalezas, virtudes e limitações, o que queremos e com o que não concordamos, encontrando nosso lugar na sociedade, que nada mais é do que a expressão da nossa identidade. O diálogo pode ser uma porta de entrada para a formação das conexões necessárias à construção não somente de uma identidade, mas de uma consciência e responsabilidade planetárias, que não constituem um produto pronto e acabado. Elas são sempre o resultado de um movimento constante de avaliação e reavaliação da nossa postura perante o mundo (LUCA; ANDRADE; SORRENTINO, 2012, p. 3).

Por meio do diálogo, estabelecem-se relações harmoniosas e de compartilhamento de vivências. Portanto, estabeleceu-se com a estudante que fez parte da pesquisa um diálogo a fim de conhecer o universo vivido por ela e seus colegas no ano em que ela foi estudante da professora. A conversa com ela referiu-se aos momentos de vivência com sua turma no ano letivo de 2019. Para auxiliar na efetivação do diálogo, foram buscadas imagens de diferentes momentos da turma, as quais foram apresentadas à estudante, no intuito de ela reviver momentos e expô-los. Por meio do diálogo, colheram-se informações que auxiliaram a compreender o trabalho com escuta sensível, efetivada pela professora. Os questionamentos feitos buscaram não intimidá-la, deixando-a passear em suas

memórias; eles não foram feitos diretamente, mas implicitamente por meio da conversa. Análogo a isso, Freire (1979) relata:

Sem amor é impossível o diálogo. É por isso que não pode haver diálogo entre opressores e oprimidos. É imprescindível, para restaurar-se, ou inaugurar-se o diálogo, que se acabe com a opressão. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo (FREIRE, 1979 *apud* FERNANDO BECKER, 1993, p. 83).

A busca pela efetivação do diálogo veio na perspectiva de coletar informações de forma natural, e as fotografias contribuíram muito com o momento. Houve a espontaneidade diante do contato com elas. Nesse sentido, Freire (1996) expõe:

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve, o que importa é que professor e aluno se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 52).

A citação de Freire pontua exatamente o que se buscou com o diálogo efetivado, pois, por meio dele, foi possível conhecer a prática de ensino da professora em sala de aula, na ótica de um terceiro, de alguém que vivenciou a escuta sensível proposta pela professora ao ensinar. Isso foi algo esplêndido! Conversar com uma “criança” permite ter este conhecimento por parte dela, daquilo que se investiga em relação à profissional. Um fato é a professora pesquisada expor toda a sua ação, o outro foi a estudante que vivenciou esses momentos fazer isso, permitindo o conhecimento sobre como a professora pesquisada procedia, principalmente em situações em que emergiam problemas, fossem de comportamentos, fossem de aprendizagem de alguns estudantes.

Nesse diálogo, foram observadas as expressões e emoções nos momentos em que a estudante fez uso das lembranças para relatar fatos da sua turma e da professora. Os relatos foram motivados apenas por imagens e conversas entre pesquisador e pesquisada. Destacam-se essas contribuições como valiosíssimas para a escrita desta dissertação.

Agregado aos instrumentos de pesquisa, fez-se uso do diário de memória. Posteriormente à entrevista, foram enviadas semanalmente duas fotos reportando-se à turma em que a professora atuou no ano de 2019. O diário de memórias acrescentou significativamente à coleta dos dados. No total foram quatro semanas

enviando as fotos. Para auxiliar a professora na busca pelas recordações, a fotografia foi parceira, visto que a levou a analisar o contexto da foto e discorrer sobre o momento em questão. As memórias descritas foram voltadas para sua prática de ensino e da escuta sensível, que fundamentou sua prática no ano em que foram feitas as fotografias.

Ao buscar referências que pautassem o diário de memórias, encontrou-se o autor Candau (2014), que aborda a importância do diário para o pesquisador e para a pesquisa, e as contribuições da memória na construção da sua história e trajetória de vida. Nessa perspectiva, Candau (2014) salienta:

Quando o indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser a totalidade do seu passado para ele se reapropriar e, ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original. O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade, renovada a cada vez que se narra algo (CANDAU, 2014, p. 76).

A memória é algo que permite a visita ao passado, ao tempo que revive histórias, considerando que a professora pesquisada atua na docência há mais de vinte e oito anos e vivenciou diferentes períodos educacionais. Logo, são anos de história que contribuirão com a escrita desta dissertação, um reviver do passado atrelado ao presente. É o contar de uma história profissional, pela própria pesquisada, em formas de relatos no seu diário de memórias.

Para compor os textos do diário de memória, como já pontuado neste texto, fez-se uso de fotos, que somaram nesse processo de escrita. Para Bastos (2014, p. 03), “A fotografia está frequentemente associada à noção de documento. Isto significa que, antes de tudo, a fotografia serve para testemunhar uma realidade e, posteriormente, para recordar a existência dessa mesma realidade”.

Fotografias não se limitam apenas ao ato de historiar um momento; elas vão além disso. O registro é algo que permanece e contribui com as memórias e as lembranças. As imagens permitem uma análise mais criteriosa, permitindo observar detalhes às vezes despercebidos no contato com o outro. Em suma, elas contribuem para que o outro possa conhecer o que ocorreu naquele instante de vivência, porém no passado. Além de permitirem rever posteriormente o que aconteceu, as fotografias, neste trabalho, tiveram a função de levar a professora a reviver suas

memórias e escrever a respeito delas, memórias essas relacionadas à sua prática de ensino.

2.5 Ética na pesquisa

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram usados os Termos de Anuência e de Consentimento, que se encontram no “Apêndice A” - Termo de Anuência para a Instituição de Ensino. No “Apêndice B”, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Professora; no “Apêndice C”, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os Responsáveis pela Estudante; no “Apêndice D”, o Termo de Consentimento Livre; no “Apêndice E”, o Roteiro da Entrevista com a professora; no “Apêndice F”, o Roteiro do Diálogo com a Estudante. Em “anexos”, constam as fotos que nortearam o roteiro da Escrita do Diário de Memória, bem como a sua descrição.

Em relação à ética na pesquisa, destaca-se que pesquisar é uma tarefa criteriosa que envolve informações advindas de fontes terceiras e exige do pesquisador seu comprometimento e respeito. Discutir ética na pesquisa é respeitar as limitações impostas pelos sujeitos investigados e foi organizada, com antecedência, com todas as autorizações e demais documentos necessários. Foi necessário informar também o objetivo da pesquisa, a problemática e as intenções com o trabalho que seria desenvolvido.

Pesquisar não é um ato simples, uma vez que envolve sujeitos e instituições com sua organização própria, que, ao permitirem a pesquisa, ficam sujeitos à exposição, mesmo que esta se encontre respaldada e preservada por documentos e autorizações. Sendo assim, toda ética foi imprescindível para evitar uma exposição desnecessária da instituição ou dos profissionais sujeitos da pesquisa, os quais devem ser considerados e preservados.

2.6 Sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa foram a professora e a estudante da turma do 5º ano do ano letivo de 2019. Elas foram protagonistas deste trabalho, trouxeram vida e informações que resultaram na escrita desta dissertação e merecem gratidão pelos dados coletados e pelo aprendizado obtido a partir deles.

A escolha dessa profissional foi feita pela pesquisadora, que lhe fez o convite e ela o aceitou. O trabalho realizado pela professora protagonista desses escritos ocorreu na mesma escola em que atua a pesquisadora, que já conhecia esse trabalho da escuta desenvolvido pela professora. Assim, julgou pertinente efetivar em pesquisa essa ação para que outros professores pudessem conhecer como se dá o trabalho com a escuta sensível.

A professora tem graduação em Pedagogia, com Especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais. É profissional efetiva da rede estadual de ensino da cidade Alta Floresta/MT. Está atuando na educação há mais de vinte e oito anos.

Para a análise dos dados, fez-se uma aproximação com a técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), a fim de descrever as três etapas, que, na sua concepção, são pertinentes para análise dos dados. A primeira etapa, segundo o autor, é a pré-análise e objetiva sistematizar por meio de leitura flutuante o material coletado, conhecendo-o. Nessa etapa, analisa-se e vivencia-se cada dado coletado, imergindo no mesmo. Com os dados da entrevista e do diálogo com a estudante, bem como os textos dos relatos expostos no diário de memória, houve oportunidade de conhecer por meio da leitura flutuante o que havia sido coletado. Foi uma viagem rumo a esta escrita, desfrutando naquele momento a essência da escuta sensível nas vozes da professora e da estudante.

A segunda etapa é o momento de explorar o material, definir categorias de análise, visando à classificação. Essa etapa é importante, porque possibilita as inferências e aprofunda o olhar crítico em relação ao material coletado. Na segunda etapa, como já se conhecia o que havia sido coletado, foi momento de analisar o que poderia ser abordado nas discussões dos dados. Foi o momento de começar a ter um olhar mais técnico, filtrando as informações coletadas.

A terceira etapa consistiu em realizar o tratamento dos dados, fazer as inferências e interpretações para articulá-las e compor o texto a ser utilizado na escrita da dissertação. Foi necessário realizar o tratamento das informações. Esse é o momento da análise reflexiva e crítica. Os dados selecionados como necessários foram separados por considerá-los preponderantes à escrita deste trabalho, o que exigiu uma verificação aprofundada.

A triangulação dos dados coletados ocorreu a partir do entrelaçamento do problema de pesquisa, dos objetivos, das questões norteadoras e dos demais itens que emergiram durante o processo de pesquisa. Godoy (1995) assinala:

A análise dos dados de campo deve permitir que o pesquisador verifique a pertinência das questões previamente selecionadas e das percepções que gradativamente vai refinando com o propósito não apenas de descrever, mas, de construir novas explicações e interpretações teóricas sobre o que está acontecendo no grupo social em estudo (GODOY, 1995, p. 29).

A abordagem de pesquisa, bem como os instrumentos de coleta e análise de dados, contribuíram para o desenvolvimento da investigação realizada e também ajudaram no levantamento de dados e na escrita desta dissertação.

Com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011) e pautando-se nos objetivos específicos e no problema desta pesquisa, bem como na análise dos dados coletados, foram elencadas as categorias.

Na categoria três, discorro sobre o professor, a criança e o ensino pautado na escuta sensível. Apresento os seguintes subcapítulos: Escuta sensível: Conceitos e contribuições; A escuta sensível no processo de ensino; Escuta sensível e o ciclo de formação humana. Eles surgiram ao analisar os excertos relacionados com as falas da professora na entrevista e no diário de memórias sobre como ela trabalha com a escuta sensível.

A categoria quatro trata da Formação de professores: contribuições da teoria para a prática no processo de ensino e aprendizagem, com os subcapítulos Formação continuada de professores, perspectivas e desafios; Planejamento e a escuta sensível; A escuta sensível na construção da aprendizagem dos estudantes. Elas emergiram a partir da análise das falas da professora em relação a como ela elabora seu planejamento, considerando a escuta sensível e a heterogeneidade existente em uma sala de aula.

A categoria cinco, intitulada “Currículo e a escuta sensível: possibilidades e fragilidades”, possui três subcapítulos: Currículo e as limitações do trabalho com a escuta sensível; O ensino com base na escuta sensível; Escola, ensino e ressignificação de práticas diante do inesperado - Currículo e as limitações do trabalho com a escuta sensível. Essas categorias partiram do caderno de memórias

da professora, no qual ela descreve o currículo e sua efetivação no cotidiano escolar.

3 O PROFESSOR, A CRIANÇA E O ENSINO PAUTADO NA ESCUTA SENSÍVEL

3.1 Escuta sensível: Conceitos e contribuições

O terceiro capítulo desta dissertação dialoga com este objetivo: descrever como o ensino, pautado na escuta sensível, é desenvolvido na prática da professora. Nessa perspectiva, este capítulo aborda e apresenta discussões sobre como a professora concebe a escuta sensível e de que forma ela a articula com suas práticas de ensino.

Este escrito perpassa os relatos da professora e da estudante, entrando na sala de aula e no espaço escolar. Assim, conhece-se a forma de ensinar de uma professora que mergulha no mundo da escuta para conhecer seus estudantes e proporcionar-lhes aprendizagem.

Concebe-se a escuta sensível como magia que transporta para um universo de empatia e nos faz experimentar diversos sentimentos, entre eles solidariedade, percepção, companheirismo, ajuda ao próximo e proteção. Escutar é transportar, humanizar, relacionar, despir-se e evoluir. A escola é um mundo além da lousa, giz, estudantes e professores. É um espaço de construção de sonhos, de vida ascendente, realizações, energias, frustrações, aprendizado, vivências e crescimento. Escutar nos permite conhecer e proporcionar encontros. A escuta é possível, existe e é necessária. Nessa mistura entre ensino e escola, estudantes e professores, ela vem na promoção do crescimento em busca do protagonismo do

estudante. Escutar é estar sensível às emoções alheias.

A terminologia “escuta sensível” pode parecer ao leitor algo muito distante do ensino. Imagina-se estar relacionado somente com a psicologia, e não com o ensino. A escuta, no entendimento de Barbier (2004, p. 187), apresenta-se de três formas particulares: “científico-clínica, poético-existencial e espiritual-filosófica”. Para ele, a escuta sensível insere-se no imaginário pessoal-pulsional, no social-institucional, e no terceiro e último, que ele mesmo denomina de imaginário sacral. A forma como o autor aborda a organização de escuta está ligada ao imaginário e articula-se com a sensibilidade do professor.

Segundo Barbier (2004), escutar está ancorado na sensibilidade, empatia e resiliência. A escuta sensível, ao ser adotada pelo professor no contexto escolar, busca contribuir e facilitar o diálogo e a relação entre professor e estudante. Ela busca compreender o ser humano e seus sentimentos; assim ressalta-se que ela interfere na aprendizagem dos estudantes.

Escutar o outro na sua totalidade exige dedicação do escutador, porém a escuta vai além da decodificação dos sons, pois permeia o universo dos sentidos. Escutar é um exercício de estar atento à fala, à expressão corporal, visto que os gestos se ouvem. O ato de ouvir exige empatia, ou seja, colocar-se no lugar do outro.

Ao propor a escuta sensível no espaço escolar, é imprescindível analisar falas, gestos e comportamentos, bem como a exposição das emoções dos estudantes no cotidiano escolar. A professora utiliza esse suporte para planejar, avaliar, preparar atividades e desenvolver sua aula com o objetivo de atender todos os estudantes nas suas singularidades. Explicam Dunker e Theba (2019):

[...] quando realmente escutamos alguém, isso nos coloca na situação de alguém que recebeu um presente. As palavras do outro são aquilo que muitos têm de mais precioso, no entanto, em geral, é dado mais valor aos objetos que circundam a troca de palavras. Por isso, para escutar alguém é preciso algum sentido de generosidade que nos coloca em gratidão pelo que recebemos (DUNKER; THEBA, 2019, p. 87).

Escutar torna-se subjetivo, e isso contribui na transformação almejada, a verdade tão íntima exposta para o escutador, que, de posse dela, a toma para si sem julgamentos, sem impor condições aos escutados. É necessário ter cuidado

com as descobertas alheias captadas pelo ato da escuta vindas do mundo externo, porém interior de alguém. É como se nos apropriássemos da essência do outro e nela sorrateiramente nos infiltrássemos para, com suportes, auxiliar a obra de arte a transformar-se na sua busca inicial.

Ouvir é transcender os limites da sensibilidade, é aprofundar-se no ser do outro sem ser invasivo, no intuito de conhecer e ajudar. Nessa concepção, fundamenta-se a descrição de escuta sensível na perspectiva de Barbier (2004):

A atitude requerida para a escuta sensível, é a de uma abertura holística. Trata-se realmente de entrar em uma relação de totalidade com o outro tomado em uma existência dinâmica. Uma pessoa só existe pela existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em permanente interação. A audição, o tato, o gosto, a visão, o paladar, são desenvolvidos na escuta sensível (BARBIER, 2004, p. 98).

Barbier destaca que, para praticar a escuta sensível, o indivíduo entra em uma relação de sintonia com o outro no seu contexto. Não significa submergir no espaço alheio, não há necessidade de se expor ou de expor o outro. Quem escuta o faz porque fez uma escolha de usar a escuta para compreender o outro e o mundo que o cerca. Tanto o escutado como o escutador carecem dessa compreensão, de uma forma que envolva a sensibilização, empatia e afetividade. É uma prática que se constrói para manter diálogos que promovam a sensibilização quanto ao agir. Quando se compreende, é possível ser mais compreensivo. Freire (2002) afirma:

Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro. Isto não quer dizer, evidentemente, que escutar exija de quem realmente escuta sua redução ao outro que fala. Isto não seria escuta, mas auto-anulação. A verdadeira escuta não diminui em mim, em nada, a capacidade de exercer o direito de discordar, de me opor, de me posicionar. Pelo contrário, é escutando bem que me preparo para melhor me colocar, ou melhor, me situar do ponto de vista das ideias (FREIRE, 2002, p. 44).

O autor ressalta a importância da escuta, corrobora que ela vai além da competência de ouvir. Segundo Freire (2002), escutar não vem na perspectiva de inferiorizar a si e ao outro. A escuta, para o autor, torna o sujeito que está sendo escutado um ser que possui a capacidade de compreender e refletir melhor sobre o outro e seus sentimentos expostos. Ela permite ser solidário, e não inferior. Para a professora, colaboradora nesta pesquisa, escutar sensivelmente é:

Escutar é usar os cinco sentidos na sala de aula, é ponderar, mas se preciso chamar atenção, sim, pois chamar é também uma forma de ensinar e, associado a isso, observar o comportamento e a reação. Meu coração se enche de alegria e de orgulho, em saber que, em específico com uma estudante, foi necessário que com ela eu desenvolvesse a escuta sensível constantemente, eu observava muito. Quando ela contou para mim sua história, falou baixinho, mas eu ouvi e entendi o porquê dela sempre estar quieta. Ela falava muito baixinho, mas seu caderno sempre impecável, quando trazia a minha mesa eu aproveitava para escrever um parabéns bem grande, você é nota dez, continue assim, você vai longe, sempre estimulando-a nesse sentido (PROFESSORA, 2020a).

O ensino e suas constâncias nessas palavras citadas, emaranhadas de esperança e carregadas de emoções, fazem refletir sobre as práticas de ensino no cotidiano escolar. Percebe-se a escuta sensível e a conexão que ela proporcionou à professora ao escutar sua estudante. O realismo da situação, a exposição de algo que ocorreu, a mudança que nasceu de um respeito pelo outro expostos nessa narrativa demonstram que, ao ouvir, a professora soube escutar, esperar e agir e, desse modo, presenciou o desabrochar da estudante, que passou a confiar na professora para relatar sua história.

A professora ansiava pelo dia em que a estudante pudesse revelar o porquê de seu jeito tão sereno de ser e compartilhasse com ela o que a deixava tão quieta em sala de aula, pois dessa forma ela poderia ajudá-la. E isso ocorreu: um relato que nos faz sentir únicos nessa profissão, que envolve, além de ensinar, o amor, o carinho e a empatia.

A compreensão da comunicação estabelece-se a partir da escuta, respeitando e compreendendo. Quando se permite exercer a prática da escuta sensível, promove-se o respeito às individualidades e a aceitação das diferenças, fragilidades e potencialidades do outro. Nesse sentido, Freire (2002) destaca:

A importância do silêncio no espaço da comunicação é fundamental. De um lado, me proporciona que, ao escutar, como sujeito e não como objeto, a fala comunicante de alguém, procure entrar no movimento interno do seu pensamento, virando linguagem; de outro, torna possível a quem fala, realmente comprometido com comunicar e não com fazer puros comunicados, escutar a indagação, a dúvida, a criação de quem escutou. Fora disso, fenece a comunicação (FREIRE, 2002, p. 44).

Escutar é um processo de sensibilização que provoca a pessoa para pensar no outro de uma outra forma. Ela move e leva a sair da zona de conforto, faz pensar e propicia à pessoa trilhar o caminho do outro sem ser percebido. Ademais, é um libertar-se das amarras do pré-conceito, das hipóteses elaboradas

desnecessariamente, por não conhecer. Barbier (2004) apresenta assim o conceito de escuta sensível e sua ação nas relações dialógicas:

A escuta sensível reconhece a aceitação incondicional do outro. Ela não julga, não mede, não compara. Ela compreende sem, entretanto, aderir às opiniões ou se identificar com o outro, com o que é enunciado ou praticado (BARBIER, 2004, p. 94).

Escutar a dificuldade do outro é dialogar com a sensibilização alheia, permitir evoluir como ser humano. Isso não significa compactuar com ações consideradas inadequadas, mas compreender o que o levou à ação. Esta é a função da escuta sensível: ser um instrumento que versa a transversalidade.

De acordo com Barbier (2004, p. 100), “a escuta é sempre uma escuta-ação espontânea”. Ela age sem nem mesmo se pensar nisso. A ação é completamente imediata e adapta-se perfeitamente ao acontecimento. Compreende-se nas palavras do autor que o processo de ouvir é inevitável e espontâneo, porém nem todos fazem uso da escuta sensível, aquela que aprofunda o ouvir o outro na sua totalidade. No entendimento de Barbier (2004):

A escuta sensível apoia-se na empatia. O pesquisador deve saber o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para “compreender do interior” as atitudes e os comportamentos, o sistema de ideias, de valores, de símbolos de mitos (ou a “existencialidade interna”, na minha linguagem) (BARBIER, 2004, p. 94).

Nesse sentido, escutar é ter conhecimento de que um indivíduo difere do outro, e compreender isso é complexo. Além disso, é preciso entender que o mundo à sua volta, no qual ele está imerso, responde de forma diferente para cada um, isso porque os desafios e problemas do outro, na atual circunstância da escuta, não são vividos com a mesma intensidade que os do escutado. Esta percepção de que o outro é diferente resume-se no olhar que inicia o processo da prática da escuta sensível: saber diferenciar os sentimentos nas diversas vivências e entender o próximo sem o ajuizamento de ações e emoções.

A escuta caminha ao lado da sensatez entre o eu e a experiência do sujeito; ambas se fundem e se movimentam ciclicamente. Todos os seres humanos são permeados de sentimentos como medo, raiva, alegria, euforia, dentre outros, porém ouvir permite compreender o que causa os diferentes sentimentos e qual a importância deles na vida cotidiana. De acordo com Dunker e Thebas (2019):

Não fomos educados a escutar o outro. Não fomos educados a tentar compreender e lidar com a forma humanamente particular, torta e atabalhoada como cada qual consegue e fracassa ao expressar tudo que sente, pois também, como nós, não foi educado a acolher, cuidar e expressar seus sentimentos (DUNKER; THEBAS, 2009, p. 154).

Todos estão imersos em uma sociedade falante que busca demonstrar tudo que sente, mas fala-se muito e escuta-se pouco, como se falar constantemente fosse necessário. Conforme destacam os autores, as pessoas não são ensinadas a escutar. Ao falar, o cuidado é necessário, pois a concepção é de que sempre haverá a escuta, mas esquece-se que o outro também pensa assim. Muitas vezes a escuta é feita somente com a ação de ouvir e ignora o olhar, a observação, os gestos, as expressões, os tons de fala. Escutar é estar atento aos detalhes, atrela-se ao ato de ouvir além das vozes emitidas pelo emissor. Nesse contexto, em um dos seus escritos no diário de memória, a professora colaboradora desta pesquisa descreve:

Lembro-me do dia em que levei os estudantes para conhecer a minha casa, isso aconteceu depois de fazer com a turma um piquenique, próximo à minha residência. Ao retornar para a escola, passamos na minha casa. Nesse dia quis proporcionar a eles a mesma sensação que tive quando criança ao ir à casa da minha professora primária. Os alunos ficaram muito alegres, felizes em conhecer a minha casa, e eu também fiquei feliz em mostrá-la. Por isso, que sempre valorizei e valorizo todos os momentos com eles, pois acredito que a formação humana é construída com os detalhes e o que fica, sempre, é a atenção recebida e valorizada. Nossos alunos precisam ser ouvidos (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

O relato emociona. Ele encontra-se permeado de afetividade, momentos únicos na vida desses estudantes que tiveram a oportunidade de visitar o lar da professora. É algo íntimo, mas carrega significados, pois, ao permitir que eles conhecessem a sua casa, ela consentiu que entrassem em um local muito íntimo, que é o lar. Conforme relata a professora, os estudantes ficaram felizes em conhecer sua casa.

Suas palavras deixam em evidência que ela escuta sensivelmente seus estudantes, já que trabalhar com formação humana requer conhecer como pensam, sentem, falam e agem os envolvidos. Os momentos expostos na escrita da professora fazem refletir sobre como o professor é importante para seus estudantes.

Abaixo exhibe-se um momento de vivência da professora em sua sala de aula. Um período que é aguardado por muitos estudantes; no entanto, por outros, não.

Saber contornar esta situação em sala de aula exigiu da professora a escuta sensível.

[...] estávamos confeccionando lembrancinhas para o dia das mães. Essa foi uma atividade realizada com a turma do quinto ano em 2019. Tomei os devidos cuidados, pois tinha alunos que já não tinham mais suas mães vivas e outros que não moravam com as mesmas. Nesses momentos não é fácil nosso trabalho, você se depara com uma situação que te força a discutir com eles assuntos delicados, mesmo que seja algo que possa doer. Na mesma turma, estudantes com mães presentes, outros não e foi preciso abordar de forma sensata todo o contexto que envolveu a data. Assim, a escuta sensível se fez necessária, eu percebi que não poderia deixar de falar da importância das mães em nossas vidas e não necessariamente naquela data. Usei a atividade para dizer a eles que ela iria além de uma lembrancinha para as mães, mas sim um momento de arte, já que confeccionaram uma caixinha de papel. Acho que é, sim, importante falarmos das mães, mas sempre com muita cautela e ponderação para não ferir estudantes (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

Poderia ser possível, em um passe de mágica, fazer desaparecer as mais diversas situações que emergem cotidianamente no espaço escolar. Quão enigmática é a prática docente do professor, com momentos de adrenalina constantes e mistos de emoções. Em momentos como os citados pela professora é que nos deparamos com o profissionalismo. Um dia letivo diferente, no qual haveria um acontecimento e os estudantes almejavam preparar algo para levar como lembrança a suas mães.

Foi preciso que a professora, por meio da escuta sensível, discutisse com seriedade a data e usasse de sabedoria, empatia, solidariedade para fazer desse momento – da confecção da atividade – um aprendizado. É necessário que a condução de atividades como essa ocorra nos momentos de docência. Fechar os olhos para essas situações é não permitir que o estudante amadureça e possa compreender a diversidade de situações existentes.

Querer escutar e ser um bom ouvinte requer concentração, atenção, disposição para compreender, para acompanhar o outro em seus pensamentos. Escutar é estar preparado para pensar junto com o outro. Essa prática requer silenciar-se por um instante e estar em sintonia com o escutado. É preciso atentar à linguagem como um todo, seja ela verbal ou corporal, pois o corpo fala muito mais que a oralização em determinados momentos. A principal característica de um bom

ouvinte, contudo, parece ser a capacidade de ouvir sem julgar, sem querer impor ao outro a sua forma de ser, de pensar ou de sentir. É, em outras palavras, ser capaz de compreender, refletir e provocar a pensar.

3.2 A escuta sensível no processo de ensino

A escola é cercada e impregnada por burocracias, que às vezes parecem ter mais importância do que aquilo que a direciona e a sustenta: o ensino, os estudantes, seus sonhos e suas buscas. São pessoas de todas as idades e perspectivas que vivem papéis diferentes dentro do mesmo ambiente.

O ensino objetiva favorecer ao indivíduo educação, a qual contribuirá para torná-lo um cidadão consciente dos seus direitos e deveres. O chão da escola configura-se de profissionais, professores e estudantes que vivenciam as mais diversas experiências, envolvendo classes sociais, economia e cultura. Nesse universo, os protagonistas e atores do ensino há muito aprenderam que a solidariedade, o conhecimento e a parceria são capazes de romper barreiras políticas ideológicas. Associa-se a essa escrita a professora que, em mais um dos seus relatos no diário de memória, revela: *“Escrever as memórias é algo interessante, me fazer reviver meus trabalhos, meus estudantes, isso vai dando mais fôlego e energia para continuar na docência”* (PROFESSORA, 2020a). Sente-se fôlego ao ler seus relatos e, mesmo após tantos anos de atuação, ela possui essa energia e esse amor pela docência, pela profissão que exerce. Aprende-se com ela a escutar.

Convém salientar que a escola é um espaço social de pluralidades e diversidades, inclusivo e com o poder de transformação, mesmo diante das alienações de um sistema. É nesse ambiente que permeiam os sonhos, as aprendizagens e o conhecimento. Nele se constroem relações de amizade e de confiança. Dessa forma, busca-se combater o preconceito, as injustiças, desigualdades e impunidades. Nela se reafirmam os direitos e deveres do ser humano, a igualdade nas suas desigualdades.

É pertinente considerar a prática que envolve o escutar o outro como uma possibilidade de ensinar. Ao dialogar com a professora sobre como ela definiria o

ensino pautado na escuta sensível, ela não respondeu em forma de discurso, embasada em autores ou expondo suas concepções metodológicas. Ela respondeu por meio de um exemplo, vivenciado com sua turma de quinto ano, no ano letivo de 2019. Assim, ela narrou:

[...] pedi para eles escreverem sobre o que queriam agradecer naquele dia, depois para que alguém socializasse a sua escrita, e em uma dessas socializações uma aluna começou a ler. Ela começou a chorar e a sala toda parou para observá-la, ela lia e também chorava enquanto lia. Ela dizia: “eu não posso reclamar de nada, hoje eu sou muito feliz! Porque eu tenho uma mãe que me ama, porque a minha mãe sofreu muito nesta vida, não teve amor de mãe e de pai, não teve nada, porém ela dá tudo para nós. Esse tudo de melhor, não é uma casa melhor. É tudo do amor e do carinho”. Então eu vi lágrimas descendo do olhar da aluna e as lágrimas descendo dos olhos dos demais estudantes e eu quase também fui às lágrimas. Mas tentei segurar para direcionar e conduzir a aula. Eu quis aproveitar a situação do relato dela, o que vejo foi uma escuta sensível que fiz, valorizei a fala dela, mas eu sabia que ali dentro daquela sala tinha outras crianças que precisavam ouvir todo o relato e aprender com a aluna a valorizar mais o que tinham, porque às vezes em outra situação não conseguiria expor e por meio do relato da aluna eles iriam aprender. Eu vejo que é muito importante isto, as falas e relatos na sala de aula. Tenho certeza que aquele dia vai ficar marcado. As aulas de valores são aulas que valem a pena fazer com os estudantes (PROFESSORA, 2020a).

A fala da professora evidencia a escuta sensível para com seus estudantes, não somente para com a estudante que lia seu relato, mas com todos os demais. Ao permitir que a estudante expusesse seus anseios, a professora conduziu o momento de forma a propiciar que todos aprendessem com aquele relato. Foi um momento de exposição de sentimentos, que fez com que a turma, presente na sala, se voltasse para a estudante em questão.

A escuta envolve a empatia e solidariedade, e a professora conduziu sua aula por meio dessa escuta, nesse momento, e fez com que os estudantes aprendessem a ouvir o outro e a compreendê-lo. Sabemos que a sala de aula é um ambiente de diversas aprendizagens, não somente do currículo escolar, mas de ensinamentos para a vida. Com a permissão para que os estudantes pontuassem o que queriam agradecer, a professora conseguiu entrar nas particularidades dos estudantes, ouvindo-os e podendo contribuir.

O estudante na sua singularidade e, ao mesmo tempo, na sua pluralidade chega à escola e traz consigo sua história, um caminho percorrido, e são essas vivências que contribuem para a construção da personalidade. O professor que faz uso da prática da escuta sensível considera essa trajetória no processo educacional.

Escutar no ambiente escolar não é apenas ouvir as palavras pronunciadas, é ir além, olhar o estudante no seu íntimo, conhecer seus sentimentos, não apenas externamente. Para fazer uso dessa prática, o professor vai se despir de seus conceitos ou pré-conceitos arraigados, e deve partir do pressuposto de escutar sem julgar. A escuta precisa ser verdadeira, acolhedora; não se força ninguém a ouvir. Assim, Dunker e Thebas (2019) postulam:

A empatia não é apenas reconciliação, mas conflito produtivo e trabalho criativo com a diferença. Entre a humanidade e a inumanidade, em cada um de nós, escuta empática que envolve a perda de nossas aparências, os reconhecimentos de nossas incoerências e a partilha de nossas contradições (DUNKER; THEBAS, 2019, p. 250).

Ser empático é imaginar como seria se fosse ao contrário, sentir-se vivenciando tal situação e compadecer-se a respeitar o momento do outro. Ter a empatia para com o outro é reconhecer as fragilidades e, ao mesmo tempo, a força existente nos seres humanos, bem como a capacidade de se reinventar diante das diversas situações vivenciadas ao longo do percurso.

Geralmente a escola é o primeiro ambiente em que o estudante estará cotidianamente com os demais da mesma idade, com estudantes mais velhos, ou mais novos. Sendo assim, a escola torna-se um marco na infância. As experiências vivenciadas nesse ambiente proporcionam aos estudantes sentimentos intensos e marcantes. Eles fazem da escola, realmente, sua segunda casa e estabelecem laços fraternos com seus colegas e professores. No relato da professora, pode-se perceber isso. A aluna sentiu-se segura para expor uma situação vivenciada por ela com seus colegas. Essa ação da estudante somente ocorreu porque a professora já tinha como rotina realizar este ato, que está intrínseco à escuta sensível.

É nos momentos de crescimento e desenvolvimento que o estudante carece ser acolhido, amado, escutado por alguém que esteja preparado para tanto. Os estudantes crescem, estão com o professor diariamente, muitos deles iniciam o processo de alfabetização em uma escola e seguem até o final do Ensino Médio. Na escola, bem como na família, muitas são as expectativas aguardadas e idealizadas por professores e pais, bem como pelos estudantes durante as vivências no âmbito escolar ao longo dos anos que passam na escola.

Desde muito cedo, os estudantes socializam com os professores suas futuras

escolhas profissionais, as amizades que constroem nesse espaço, o sentimento de autonomia que passam a sentir, pois, por um determinado tempo, ausentam-se dos pais e, para eles, isso é algo espetacular. A escola torna-se um marco na vida deles, como pontua Cunha (2010):

A escola é um lugar privilegiado para a socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. O professor que não considerar os aspectos sociais e humanos da sua atribuição correrá o risco de não ser bem-sucedido. O aluno possui a necessidade de conviver, estabelecer relações, adquirir conhecimento. A primeira evidência desse aferimento estará na manifestação do seu desejo, pelo qual expressará sua humanidade e o caminho para atraí-lo (CUNHA, 2010, p. 41).

A escola constitui um espaço de risos e vidas pulsantes, de estudantes em formação e crescimento, experimentando a magia do crescer. É preciso o olhar mais sensível por parte dos adultos que estão à frente dos trabalhos escolares, principalmente do professor. Para tanto, expõe-se o diário de memória da professora para evidenciar como ela descreveu a escuta em suas práticas de ensino. Em um dos trechos, a professora afirma:

[...] ouvir é aprender um pouco mais sobre o assunto, valorizar o outro, a autoestima de quem faz. Muitas vezes o dizer dos alunos estava no olhar deles. Via-se que queriam me contar alguma coisa, eu primeiro ouvia e depois pedia para socializar ou eu mesma socializava o que eles queriam falar. É muito bom verificar a alegria no rosto do educando quando eles percebem que damos atenção às suas ideias (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

A professora recorda momentos da sua ação em sala de aula e destaca o quanto os estudantes são importantes para ela, que aquilo que eles têm para socializar interessa. Ela lhes dá atenção e relata o quanto percebe que eles se sentem bem. Escutar na sua essência traz essa concepção de ser empático com o outro, colocar-se no lugar do outro.

Nesse sentido, Rogers (1986) pontua que ensinar compreende que o professor tenha um nível de maturidade e segurança que lhe permita diminuir a sua imponência enquanto profissional e chegar-se mais próximo ao seu estudante. Ensinar é ter responsabilidade e compromisso com seu papel profissional e com a aprendizagem dos estudantes e, para tal, se faz necessário acreditar no potencial destes.

Sendo assim, o ato de aprender interliga-se com a ação do ensinar e torna-se um processo dinâmico, que exige concentração, interesse, empenho e motivação de ambos – estudante e professor. A relação a se estabelecer nesse processo é de suma importância, a parceria precisa ser estabelecida e devem ocorrer a comunicação e o diálogo, de forma que ambos se compreendam e se respeitem. Com base em uma fala da estudante, expõe-se:

Ela falava para a gente dar o melhor de nós e mesmo que no momento da avaliação ficássemos atrapalhados, não teria problemas, era só uma apresentação. A professora sempre deu muito carinho para nós. Antes da apresentação, ela deu abraço em todo mundo e pediu para que ficássemos calmos, foi muito legal o jeito que ela cuidou de nós naquele dia (ESTUDANTE, 2020).

Essa fala comprova o encantamento de uma estudante pela sua professora. Isso nos faz acreditar que o ensino pautado na escuta sensível se torna significativo, tanto para o estudante quanto para o professor. Percebe-se que, mesmo diante dos desafios do cotidiano, a relação entre professora e estudantes é agradável, pois há confiança entre eles.

Aprendizagem significativa, conforme Ausubel (2003), considera o sujeito e sua história e valoriza o conhecimento prévio dos alunos. Isso facilita a interação com o que está sendo ensinado, visto que são eles que darão significado a um novo conhecimento que lhes é apresentado ou por eles é descoberto. Nesse processo, também é importante trabalhar a autonomia dos estudantes para que se sintam pertencentes ao contexto em que estão inseridos.

O envolvimento entre o que se vai ensinar até a sua execução em sala de aula inicia ao planejar. Nesse ato, o professor deve assegurar ao estudante as possibilidades de ele sentir-se parte integrante do processo desde o planejamento até sua execução. Dessa forma, a aprendizagem torna-se significativa, uma vez que o estudante passa a ser considerado desde o momento do planejamento até a efetivação do mesmo em sala de aula.

Nesse processo que envolve conhecer, ensinar e aprender, o professor deve incluir seus estudantes, independente das suas condições socioeconômicas ou culturais, respeitando sua organização de vida, agindo sensivelmente, envolvendo o outro, isso porque, ao escutar, ele permitiu que a inclusão fosse efetivada, pois

compreendeu os diversos pensamentos existentes em cada criança e passa a compreender e respeitar essa individualidade. Assim, Cerqueira (2011) enfatiza:

A escuta sensível pode contribuir grandemente para a construção de uma nova realidade educacional, que tenha por foco a valorização do aluno, do professor e dos demais sujeitos desse ambiente. Essa é essencial para a mudança nas atuais relações humanas. A escuta sensível é uma das contribuições que pode ajudar no desenvolvimento de uma educação cuja primazia é a formação integral do educando, pois é exatamente isso que a escuta sensível propõe, uma valorização do ser enquanto pessoa, e não apenas nos papéis e status sociais que representam (CERQUEIRA, 2011, p. 39).

O estudante passa um longo período no ambiente escolar, um mínimo de quatro horas diárias. Em algumas instituições de ensino integral, ele permanece por oito ou até dez horas nesse espaço. É nesse ambiente que ele se encontra diretamente inserido no ensino formal. Assim sendo, a escola necessita ser um espaço que oportunize ao estudante expressar-se, brincar, fazer amigos, alimentar-se e também frustrar-se, vivenciar diferentes sentimentos e emoções. Valorizar as vivências dos estudantes primando pela sua interação e socialização é ensinar para o protagonismo e contribuir com seu crescimento.

O professor, no ambiente escolar, tem o direito e o dever de conhecer mais sobre seus estudantes, através da observação, reflexão e interação. Dialogar com eles se faz oportuno, pois é na conversa que aprofundamos o conhecimento sobre seus sentimentos, suas experiências e vivências cotidianas. Por meio dela, podemos propiciar ensino e aprendizagem. Explica Cerqueira (2011):

A escuta é um processo fundamental nas relações interpessoais. Ela propicia uma maior aproximação destes sujeitos que se relacionam. A escuta proporciona o reconhecimento do outro, a confiança mútua entre quem fala e quem escuta. A escuta é uma das pontes que permitem a aproximação dos sujeitos, estabelece a confiança para as relações interpessoais entre quem fala e quem escuta. A escuta é uma das pontes que permitem a aproximação dos sujeitos, que estabelece a confiança para as relações interpessoais entre quem fala para ser escutado e quem se permite escutar (CERQUEIRA, 2011, p. 20).

Concebe-se na escuta sensível uma prática que busca conhecer os estudantes e planejar na perspectiva de proporcionar atividades que venham a somar na aprendizagem dos estudantes, favorecendo a participação efetiva de ambos. Em busca de verificar como se deu a atuação da professora, foi realizado um diálogo com uma estudante, que fez parte da turma do quinto do ano no ano de 2019. Ela expõe, em um trecho de sua fala, ao dialogar com a pesquisadora:

Todo dia, depois da conversa sobre o dia, ela escrevia uma frase, uma palavra de amor, de algum sentimento e a gente tinha que falar alguma coisa que encaixava dentro dessa palavra, então era muito legal porque a gente trabalhava isso, esse sentimento que estava escrito no quadro. Falava quem sentia vontade de falar, nem todos falavam, ela respeitava isso. Ela sempre trabalhava nossa autoestima, dizia que íamos conseguir. Na prova Brasil ela incentivava bastante a gente, dizia que nós íamos arrebentar, ser um sucesso, porque nós éramos excelentes e éramos alunos dela, então iam conseguir: “se não conseguir ficar com nota muito alta, mas vocês deram o máximo, isso que importa”. Ela acreditou na gente (ESTUDANTE, 2020).

Sua espontaneidade revive um momento de suas vivências ao compor esse diálogo para esta pesquisa. A estudante revela como era a professora pesquisada em sala de aula no seu momento de atuação. Procurou-se, nesse diálogo, realizar a análise não somente das falas da estudante, mas de seu comportamento, gestos, tons de fala, olhares. Foi perceptível o brilho em seus olhos, e nele visualizou-se a saudade da escola, uma vez que ela se encontra afastada devido ao período pandêmico da covid-19. Talvez, além disso, saudade dos colegas e da professora, uma vez que relata a atenção ofertada por ela a todos eles de forma igual.

Quando o professor sai da sua zona de conforto e começa a olhar os seus estudantes como pessoas que pensam e agem de forma diferente uns dos outros, ele tem a oportunidade de repensar a sua prática. Schneider (2017) destaca:

A visão da criança com direitos próprios, atrelada à escuta do professor sobre aquilo que ela traz no seu dia a dia, abre a possibilidade de acentuar a interação do professor com ela, promovendo assim o protagonismo infantil. Nesse sentido, uma vez que a criança se sente segura e acolhida, poderá estar mais à vontade para expor suas hipóteses e questões, abrindo espaço para a construção do seu próprio processo de aprendizagem, que vai sendo constituído no encontro e na relação, baseada na troca e na escuta, em que tanto o professor, quanto as crianças relacionam-se e são elos da construção (SCHNEIDER et al., 2017, p. 76).

Cada estudante possui interesses, necessidades e tempos que diferem. Isso é transitar no universo singular de cada um deles. A escola é um espaço de troca de experiências vividas, e tem na figura do professor aquele que é mediador do conhecimento. As representações nos diferentes contextos vivenciados pelos estudantes instigam, cada vez mais, o professor a estar próximo, estabelecer diálogo e acolher. Não se pode somente entrar em uma sala de aula, ministrar seu conteúdo e ir embora: o fazer docente vai além da transmissão de conteúdo, é primordial estabelecer vínculos. Nesse sentido, buscou-se saber da professora quais as contribuições da escuta sensível para a construção da aprendizagem dos

estudantes. Ela relata:

Com a escuta sensível pude levá-los ao entendimento maior de algo essencial na vida deles, a partir do momento em que percebi que seria possível retomar, instigar, perguntar, direcionar e ouvi-los. É mesmo prazeroso trabalhar na educação com o entendimento de que nossos alunos necessitam sempre de algo a mais que está além do currículo proposto. É preciso ouvir mais, perceber mais, eles nos ensinam muito. Entender que somos apenas uma parte na vida deles, que o conhecimento é infinito, mas que essa parte precisa ser valiosa, precisa ser inesquecível para eles. Precisamos ser lembrados como aquele professor que deixou marcas de que é possível sermos melhores, de que eu sou importante e que a vida deles tem sentido (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

A professora expõe a importância do currículo para a aprendizagem das crianças. No entanto ela destaca que, ao ouvir os estudantes, pode ir além de ensinar os conteúdos. Procura em sua prática diária deixar para seus estudantes algo que chama de valioso, que seriam os momentos vivenciados em sala de aula. Ela deseja que eles futuramente recordem dela com carinho, como aquela professora que compreendeu e deu atenção nos momentos em que precisaram. O que ela denomina “algo mais” entende-se que é a preparação para a vida, a relação de amizade, carinho que se estabelece no ambiente escolar. Isso para ela é de suma importância, pois o estudante recorda no futuro desses momentos e sentirá saudades, já que foi algo bom que ocorreu no seu período escolar.

O professor é visto pelo estudante como aquele amigo que acolhe, conversa, orienta, enxuga as lágrimas, que brinca e sorri. Isso permite realizar o entrelaçamento entre estudante e professor, o que gera laços de confiança que beneficiam os processos de ensino e de aprendizagem. Os estudantes buscam nos docentes afetividade, principalmente quando esta é omitida em seus lares. Ser referência para os alunos tem se tornado cada vez mais intenso e uma prática necessária. Como pontua Rinaldi (2012):

A escuta não é fácil. Exige uma profunda consciência e a suspensão de nossos julgamentos e, acima de tudo, de nossos preconceitos; demanda abertura à mudança. Requer que tenhamos claro em nossa mente o valor do desconhecido e que sejamos capazes de superar a sensação de vazio e precariedade que experimentamos sempre que nossas certezas são questionadas (RINALDI, 2012, p. 125).

Quem escolhe a prática da escuta sensível para sua profissão deve ter a concepção de que não será fácil, como destaca a autora. É necessário visitar o seu

“eu” constantemente se quiser praticar. Essa ação exige libertar-se de amarras que influenciam o desenvolvimento da prática. Escutar é aprender com o outro a ser uma pessoa mais tolerante e resiliente. Melillo (2005) corrobora:

[...] a resiliência se produz em função de processos sociais e intrapsíquicos. Não se nasce resiliente, nem se adquire a resiliência “naturalmente”, no desenvolvimento: depende de certas qualidades do processo interativo do sujeito com outros seres humanos, responsável pela construção do sistema psíquico humano (MELILLO, 2005, p. 61).

A resiliência tem sido movimentada nos discursos e nas ações diárias. Por meio dela, o indivíduo se fortalece para vivenciar as dificuldades enfrentadas cotidianamente. Ao fazer uso da escuta sensível, aquele que o faz busca a resiliência para auxiliá-lo a compreender o escutado e, dessa forma, auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem.

Com base nessas informações, é primordial que o professor tenha e desenvolva o relacionamento intrapessoal, se autoconheça para depois conhecer o outro. Adentra-se, assim, em mais um exposto do caderno de memória da professora para verificar como ela relatou suas práticas de ensino pautado na escuta sensível.

[...] trabalhando os conteúdos da prova Brasil, e por mais que sei que esta é uma prova muito importante a nível municipal, estadual e federal, tentei ao máximo levar os alunos a buscarem realizar as atividades, estudarem, fazerem as tarefas, mas sempre com o cuidado do não enchimento de conteúdos da pressão extrema, de estudar apenas para ter que fazer uma prova, adquirir uma nota, de ficar em primeiro lugar, de ser o melhor, mas sim, de aprender de forma prazerosa e sendo sempre o sujeito de sua própria aprendizagem. Estávamos vivendo um momento atípico onde tínhamos acabado de voltar de uma greve e o tempo seria pouco para trabalhar os conteúdos que são exigidos no currículo. Mas graças ao uso da escuta sensível, consegui levar os alunos a quererem estudar, a buscar ampliar seus conhecimentos, a terem interesse pelas atividades propostas, sempre quando lhes propunha o conteúdo, ouvia-os primeiro sobre o que já tinham visto sobre o assunto, eles gostam muito de falar, e foi importante ouvi-los (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

A avaliação do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), que ocorre em anos ímpares, tem como objetivo diagnosticar os níveis de ensino dos estudantes e é aplicada com as turmas do quinto e do nono ano do Ensino Fundamental e do terceiro ano do Ensino Médio. A partir de 2021, será aplicada para o segundo ano do Ensino Fundamental e também para as instituições de

Educação Infantil. A professora, no ano de 2019, atuou em uma turma de quinto ano, e seus estudantes fizeram a avaliação do SAEB. Diante do tempo escasso, a professora tinha uma quantidade de conteúdo a serem trabalhados e preparar seus estudantes para se saírem bem na avaliação. Porém, faz parte da sua prática de ensino não ser conteudista e dar ênfase a um currículo “engessado”. A professora buscou articular de forma que os estudantes aprendessem os conteúdos propostos sem se sentirem sobrecarregados. Isso fica evidente quando ela pontuou que, antes de inserir um novo conteúdo, procurava ouvir seus estudantes, como eles estavam e, além disso, dava ênfase ao aprendizado deles e que esse deveria ser alcançado de forma prazerosa. Assim, ela teve cuidado para não tornar as aulas desgastantes.

É nítido que situações que emergem no cotidiano escolar podem ser desafiantes para o professor. Os momentos de convivência oportunizam movimento, e o professor tem a oportunidade de refletir, indagar, pesquisar e buscar novos conhecimentos. Por mais que pareça ser uma rotina, é impossível prever o que vai acontecer ao certo durante as quatro horas que passam juntos diariamente. Aquele professor que se inquieta constantemente está se renovando pedagogicamente. Cerqueira (2011) salienta:

O sujeito que escuta não diminui, por isso, seu direito de discordar, mas apenas exerce a capacidade de respeitar a opinião diversa da sua, o pensamento contrário, a expressão diferente. O ouvinte, dessa forma, faz uso de uma escuta positiva no sentido de não impor uma opinião ou uma postura autoritária em relação ao ser que lhe fala. É mais uma vez a difícil tarefa de compreender o outro, dentro do seu contexto, e não sobre nossas interpretações pessoais. A criança, o sujeito deve ser pensado em todas as suas necessidades específicas. Ele precisa ser visto, escutado, sentido, para que dessa forma fique mais próximo à sua compreensão (CERQUEIRA, 2011, p. 26).

Dentro dessa relação intensa que se estabelece entre professor e estudante, o desgaste, ou a incompreensão, muitas vezes, ocorrem, uma vez que são vivências cotidianas. Isso, ocasionalmente, torna a sala de aula um ambiente de conflitos, com situações e problemas que demandam do adulto, neste caso o professor, a busca por resolvê-los. Nesse sentido, muitos professores têm buscado compreender melhor seus estudantes para auxiliá-los, e a escuta sensível tem sido uma aliada e contribuído com o professor nessa ação.

Dessa forma, ao se propor a exercer a escuta, é necessário fazê-lo constantemente, na sala de aula, no refeitório, no pátio, nos diferentes espaços em

que se tem a oportunidade de encontrar o estudante. Quando o professor escuta o estudante, ele pensa nas propostas para elaborar seu planejamento, considerando as diferentes individualidades e formas de aprendizagens existentes na sala de aula.

Além disso, desenvolver o trabalho pedagógico é considerar a pluralidade de culturas, pensamentos, concepções, vivências e conhecimentos. Ela proporciona o ensino participativo, em que o estudante é parte do processo de construção da sua aprendizagem. Ouvi-lo é compreender o que ele pensa da escola, do ensino, da metodologia utilizada e do processo educacional como um todo. Nessa linha, Cerqueira pontua:

Nesse sentido, acreditamos que a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes. O aluno precisa se apropriar das informações que circulam nos meios sociais e culturais para transformá-las em conhecimento. Não podemos perder de vista que essas informações deveriam fazer sentido para a vida desse sujeito, para que ele possa ser articulado com suas ações, seus objetivos e seus sonhos e outras aspirações que tenha (CERQUEIRA, 2006, p. 32).

É importante ressaltar que a participação do estudante nas decisões e nos conteúdos que compõem o currículo promove participação efetiva. Permitir que ele exponha o que pensa sobre o ensino formal é oportunizar o ensino pautado na escuta. É desafiante o caminho para se ter uma sala de aula com estudantes mais harmoniosos, participativos, criativos, que prezam as trocas de conhecimentos, no entanto não é impossível.

Vale salientar que, ao abordar o protagonismo, a liberdade, a criticidade e a criatividade, não se está fazendo referência a um ensino sem regras e limites. Quando o professor conhece seus estudantes de uma forma mais intensa e compreende que cada ação ou comportamento exercido por eles possui uma explicação teórica, ele os auxilia a pensar em estratégias que viabilizem a interação no ambiente escolar e evitem a desavença. Conforme cita Rogers (1986):

Uma abordagem desse tipo, centrada na pessoa, é uma filosofia que se acha em consonância com os valores, os objetivos e os ideais que historicamente constituíram o espírito da nossa democracia. [...] Ser plenamente humano, confiar nas pessoas, conceder liberdade com responsabilidade não são coisas fáceis de atingir. O caminho que apresentamos constitui um desafio. Envolve mudanças em nosso modo de

pensar, em nossa maneira de ser, em nossos relacionamentos com os estudantes. Envolve uma dedicação difícil a um ideal democrático (ROGERS, 1986, p. 326-327).

O autor deixou como legado a abordagem centrada na pessoa. A tríade Rogeriana, como é chamada, aborda que, para ensinar, é necessário pensar na aceitação do estudante como ele é, suas buscas e interesses. É preciso a empatia de se colocar no lugar do outro, nesse caso o estudante, o que ele sente e pensa. Exige ser harmônico e autêntico com seus estudantes. Ao conhecê-los, estabelecem-se formas de comunicação que lhes apontam como percorrer o caminho da aprendizagem.

Com base nas discussões dos teóricos sobre a escuta sensível no espaço escolar e por meio dos trechos expostos das entrevistas e relatos do diário de memórias da professora, bem como do diálogo com a estudante, é possível verificar o quanto a escola vai além de um espaço em que se ensina conteúdo. Escola é mais: é lugar de escuta sensível, de estabelecer relações, vivenciar diversos sentimentos, aprender, ensinar e se preparar para a vida.

3.3 Escuta sensível e o ciclo de formação humana

A escola, lócus da pesquisa, oferta o ensino organizado por Ciclo de Formação Humana. Logo, é imprescindível dialogar sobre o que vem a ser o Ciclo de Formação Humana, pois, sendo uma organização adotada pelo estado de Mato Grosso e pela escola sede da pesquisa há duas décadas, é pertinente descrever como é o ensino partindo dessa organização curricular. Para tanto, expõe-se a seguir essa articulação entre o Ciclo de Formação Humana e a escuta sensível.

Em Mato Grosso, o Ciclo de Formação Humana foi implantado no ano de 2001. A Escola Estadual Rui Barbosa, lócus da pesquisa, faz parte da rede estadual. O estado aderiu à organização, de forma que toda a rede estadual do estado de Mato Grosso também aderiu. Prevendo o impacto que seria para todas as escolas e para os professores do estado de Mato Grosso, a Secretaria Estadual de Educação elaborou um livro com orientações referentes ao Ciclo de Formação Humana. O livro, intitulado “Escola Ciclada de Mato Grosso, novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir ser e fazer”, foi organizado pela Secretaria Estadual de

Educação em 2001 e passou a orientar todo o processo de implementação, sendo esse material consultado até os dias atuais.

As discussões desse livro pautam-se em autores que abordam essa concepção de ensino, bem como as considerações realizadas pela professora sobre essa articulação. O Ciclo de Formação Humana não é novo em nosso país, sendo discutido desde a década de sessenta. Por meio dele, busca-se ofertar uma educação que caminha na perspectiva da união entre educação e desenvolvimento humano.

Quando um estado ou um município faz a escolha por implementar o regime de educação na perspectiva do Ciclo de Formação Humana, necessita ter a concepção de mudanças no currículo e estar preparado para tal mudança, uma vez que ambas envolvem todo o coletivo escolar, estudos e quebra de paradigmas.

Houve e há uma trajetória a se considerar no que tange à implementação dos ciclos no país. Os desafios de organizar o tempo e os espaços escolares que envolvem os diferentes atores sociais entrelaçados pelos ciclos passam por mudanças conforme o processo de concepção desse regime educacional. Barretto e Mitrulis (2001) esclarecem:

Os ciclos escolares, presentes em alguns ensaios de inovação propostos pelos estados sobretudo a partir da década de 60, e, em alguns de seus pressupostos, defendidos desde os anos 20, correspondem à intenção de regularizar o fluxo de alunos ao longo da escolarização, eliminando ou limitando a repetência. Cada proposta redefiniu o problema à sua maneira, em face da leitura das urgências sociais da época, do ideário pedagógico dominante e do contexto educacional existente. Independentemente das tônicas de cada momento, o desafio essencial permaneceu, e, sobre não ser novo, reafirma a urgência de passar da universalização das oportunidades de acesso ao provimento de condições de permanência do aluno na escola garantindo-lhe aprendizagem efetiva e educação de qualidade (BARRETTO; MITRULIS, 2001, p. 103).

No Ciclo de Formação Humana ou escola organizada em ciclos, o foco concentra-se no desenvolvimento humano, e não no conteúdo. É necessário questionar-se: de que forma o estudante aprende? Qual o tempo que ele leva para aprender? Portanto, o objetivo é centrar-se em como o estudante aprende para poder direcionar a prática de ensino.

A professora apresenta sua concepção do ciclo de formação humana. Quando questionada sobre como é o trabalho com a escuta sensível e se é possível

desenvolvê-lo em uma escola onde o ensino é pautado no ciclo de formação humana, ela explica:

[...] na sua essência o Ciclo de formação humana é para nós professores conseguirmos observar o aluno; e verificar por que ele não está aprendendo? Será que ele tem problemas neurológicos? Para descobrir se ele tem uma dificuldade pedagógica ou um problema neurológico, eu preciso ouvir, observar, olhar, compreender e direcionar o trabalho pedagógico. Isso é fantástico! Não dá mais para você ter um mero professor em sala de aula que diz: "olha, ele não quer aprender, ele não quer fazer". Misturar de repente, uma dificuldade de aprendizado com uma indisciplina, sabemos que é totalmente diferente. Eu vejo que é fantástico conhecer tudo que está vindo de melhoras para a educação, talvez o novo é que faz com que nosso trabalho realmente seja um trabalho de instigar, impulsionar, entusiasmar o estudante. Eu acho que é isso que nós devemos fazer. Olhar para uma criança e pensar: Meu Deus! Eu preciso ser importante na vida dela, deixar marcas, deixar um ser melhor. Mas para isso precisa-se valorizar o seu eu (PROFESSORA, 2020a).

Em seu relato, a professora pesquisada considera importante trabalhar em uma escola organizada por ciclo de formação humana. A paixão com que ela fala é encantadora, percebe-se que para ela é um prazer trabalhar em uma escola ciclada. O ciclo, conforme a professora, está atrelado à escuta sensível, pois nele o professor carece atentar para o desenvolvimento integral do ser humano. Por meio dele, é possível olhar o estudante como alguém que possui potencialidades e dificuldades e, diante dessa constatação, ser mediador da aprendizagem, oportunizar suporte ao estudante para que ele se desenvolva no seu processo de aprendizagem. Aprender e ensinar na perspectiva do ciclo vai além de dominar conteúdo; é preparar o estudante para enfrentar os obstáculos da vida e ser uma pessoa melhor no que tange a compreender o outro.

A perspectiva do ciclo é a de ir além da preocupação com o desenvolvimento cognitivo: é priorizar o desenvolvimento humano. Ele procura trabalhar simultaneamente atividades pedagógicas que envolvam o aspecto afetivo, social, psicomotor e cognitivo. As ações pedagógicas visam à inclusão dos estudantes no espaço escolar. Barretto e Mitrulis (2001) salientam:

Os ciclos compreendem períodos de escolarização que ultrapassam as séries anuais, organizados em blocos cuja duração varia, podendo atingir até a totalidade de anos prevista para um determinado nível de ensino. Eles representam uma tentativa de superar a excessiva fragmentação do currículo que decorre do regime seriado durante o processo de escolarização. A ordenação do tempo escolar se faz em torno de unidades maiores e mais flexíveis, de forma a favorecer o trabalho com clientelas de diferentes procedências e estilos de aprendizagem, procurando assegurar que o professor e a escola não percam de vista as exigências de educação postas para o período (BARRETTO; MITRULIS, 2001, p. 103).

O Ciclo é uma organização educacional inclusiva, não determina quem permanece ou se evade da escola, ou seja, não trabalha com avaliação excludente e seletiva, que consideram apenas a avaliação escrita. Seu principal objetivo é que todos os estudantes continuem na escola, aprendendo de acordo com seu nível de desenvolvimento. Para tanto, no livro de diretrizes (2001) encontra-se a seguinte afirmação:

Com o aprendizado escolar, a criança passa a apropriar-se dos conceitos científicos, que permitem a transformação dos conceitos espontâneos, tornando-os conscientes para a mesma. Essa transformação, por sua vez, só é possível quando os conceitos científicos partem dos conceitos espontâneos e são aplicados a situações significativas para a criança, relacionadas a suas experiências de vida (MATO GROSSO, 2001, p. 43).

Conforme a citação acima, para que o estudante se aproprie do conhecimento proporcionado, é necessário associar teoria e prática. O ensino por meio do Ciclo busca conduzir os estudantes a elaborarem conceitos sobre as situações de aprendizagem expostas e, por meio deles, conseguir efetivar conhecimento do que está sendo ensinado.

Para o Ciclo, as aprendizagens ocorrem por etapas do desenvolvimento e, dentro de cada nível de agrupamento dos ciclos, o estudante aprende o que é do referido Ciclo, sendo essa aprendizagem base para entrar no próximo Ciclo. É uma sequência, mas de forma cíclica nas aprendizagens, direcionada pela maturação cognitiva, afetiva e motora. Os ciclos dividem-se em três, ao longo do Ensino Fundamental: 1º Ciclo: 1º, 2º e 3º ano; 2º Ciclo: 4º, 5º e 6º ano; 3º Ciclo: 7º, 8º e 9º ano. Dessa forma, a criança passa por nove anos de estudo para concluir o Ensino Fundamental, entrando no mesmo com seis anos completos ou aquela que completa seis anos até dia trinta de março daquele ano. O término ocorre entre catorze a quinze anos de idade. Nas diretrizes (2001) encontra-se a seguinte orientação:

Nessa perspectiva, a comunidade escolar estabelece as capacidades e conhecimentos a serem desenvolvidos em cada ciclo, que se complexificam e aprofundam o trabalho pedagógico de fase para fase, e de fase para ciclo, num processo flexível, pois, à medida que os alunos constroem as capacidades e conhecimentos propostos, suas vivências deverão ser enriquecidas com outras informações e conhecimentos, dando a necessária continuidade ao processo de aprendizagem. Assim os conhecimentos passam por um processo de construção e reconstrução contínua e não por etapas físicas de ano letivo/séries com obstáculos como a reprovação, evasão e fragmentação em disciplinas estanques que colocam o aluno, desde o início do processo escolar, num contexto deslocado do seu processo de desenvolvimento percorrido (MATO GROSSO, 2001, p. 23).

Ciclos de Formação Humana são uma reorganização no processo escolar e contemplam a temporalidade na aprendizagem entre os ciclos. Compreender a temporalidade existente, que é de três anos entre um ciclo e outro, é necessário, mas é imprescindível que os professores conheçam a proposta de ensino por ciclo para poder efetivá-la. É fundamental o conhecimento e a fundamentação para reestruturar sua didática, buscando desenvolver o trabalho conforme orienta o currículo na perspectiva do ciclo.

Quando se analisa a escola organizada em ciclos e a prática de ensino a ser desenvolvida pelo professor, fica evidente que o professor, para atuar no ensino pautado na proposta de Ciclo de Formação Humana, carece conhecer como o estudante aprende nas suas diferentes linguagens.

Na entrevista com a professora ficou evidente a sua satisfação em atuar em uma escola que atende pelo Ciclo de Formação Humana. Para ela, o ciclo veio para tornar a educação melhor e mais inclusiva. Em outro momento, ainda se referindo ao Ciclo de Formação Humana, ela destaca:

*[...] eu penso e digo, com certeza, que o ciclo de formação humana existe Graças a Deus! Talvez quando eles fizeram o ciclo de formação humana, eles pensaram no trabalho com a escuta sensível, porque na sua essência ele é a escuta sensível. **Hoje** é inadmissível, acredito, continuarmos na educação ainda naquele tradicional, tanta coisa acontecendo neste mundo e o Ciclo de Formação Humana veio para que a gente tenha este olhar humano para com o estudante, é uma pena que muitos educadores não conseguem visualizar a importância do ciclo, eles acham que foi e é uma bagunça, mas não foi uma bagunça, é porque não houve entendimento do que era o ciclo de formação humana (PROFESSORA, 2020a, grifo nosso).*

Nesse fala, ela associa o ciclo com escuta sensível, pois ambos se relacionam. Quando o professor atua em uma escola ciclada, ele carece trabalhar na perspectiva da escuta. No entanto, ela pontua que não houve compreensão do que vem a ser o Ciclo de Formação Humana. Houve interpretações errôneas por parte dos profissionais no que tange à estrutura do mesmo no momento de atuar. A proposta do Ciclo considera o desenvolvimento integral do estudantes e as múltiplas aprendizagens.

Na concepção de escola organizada em ciclos, o educador é instigado a reorganizar sua prática e sua forma de ensinar, pois é o estudante que determina o ponto de partida do trabalho do professor. Por meio das aprendizagens necessárias

que eles precisam alcançar é que o planejamento das aulas é elaborado.

O Ciclo de Formação Humana rompe com o ensino tradicional visto que busca incluir os estudantes e trazê-los para dentro da escola. Fala-se de todas as crianças frequentando a escola, sem excluir, mesmo aqueles estudantes que possuem transtornos, deficiências ou enfrentam dificuldades pedagógicas e não conseguem acompanhar o currículo proposto e alcançar as aprendizagens relacionadas aos conteúdos. Ressaltam Hammel e Borges (2012):

[...] na escola do ciclo o tempo de aprendizagem é maior, pois a infância compreende mais que um ano, compreende como se aprende em cada ciclo da vida passa a ser central, outros espaços também são considerados educativos e a sala de aula perde sua centralidade, embora seja um espaço importante, compreende-se a biblioteca, os laboratórios, a comunidade, as famílias como locais educativos. A educação passa a incorporar novos elementos para ensinar e aprender (HAMMEL; BORGES, 2012, p. 12-13).

Na concepção do ensino organizado por Ciclo de Formação Humana, entende-se que os estudantes vão alcançar outras aprendizagens, portanto estar participando das aulas com seus pares agrupados por idade e ano representa avanços significativos para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, destaca-se o quanto a escuta sensível e o Ciclo de Formação Humana se entrelaçam e se correlacionam.

Segundo Barretto e Mitrulis (2001, p. 118), a proposta de trabalhar com o Ciclo de Formação Humana necessita ser pensada e estruturada de forma a garantir aprendizagem para a vida a fim de beneficiar o estudante a ser inserido no contexto sócio-histórico e cultural. Trabalhar no entendimento do ciclo exige estar preparado e adotar práticas de ensino, métodos de avaliação que não são excludentes, romper com o estigma da reprovação e evasão escolar. Assim, destaca-se:

Compreendendo que a ação educativa destina-se a promover o desenvolvimento humano, optamos por uma avaliação que contribua para que ocorra. Assim, propomos à avaliação uma nova face, a de ser um exercício de metacognição ou meta-aprendizagem, transformando-se em um instrumento do aprender, com o objetivo de promover aprendizagem significativa, capaz de levar o aluno a tomar consciência da evolução de sua aprendizagem (MATO GROSSO, 2001, p. 177).

A avaliação no Ciclo de Formação Humana possui caráter reflexivo e objetiva mudanças e transformação. O professor avalia seus estudantes cotidianamente, em todas as atividades pedagógicas desenvolvidas. A avaliação auxilia o professor a

levantar o diagnóstico da sua turma e a direcionar o ensino às dificuldades dos estudantes.

O processo avaliativo no Ciclo se dá por meio de conceitos bimestrais ou relatórios semestrais. Ele não utiliza somente a avaliação escrita para classificar o conhecimento do estudante, mas, associado a ela, faz-se o uso de outros métodos avaliativos que ocorrem gradativamente, considerando a participação, o empenho, ou ainda outras possibilidades, podendo envolver seminários, avaliação escrita e oral, produções textuais, desenhos, e outras, até obter-se um conceito. Para Hammel e Borges (2012):

Os Ciclos vêm se apresentando como possibilidades de debater além da lógica linear e devem ser compreendidos como articuladores do dinâmico e complexo processo de desenvolvimento e de aprendizagem dos sujeitos. Não podem apenas legitimar a mudança da realidade formal escolar, mas também oferecer a possibilidade de superá-la em todas as suas configurações de ensino conhecidas, como, por exemplo, o próprio processo de avaliação que é previsto muitas vezes pelas desigualdades no desenvolvimento e na aprendizagem entre os sujeitos. Sabemos que, dessa forma, ainda estamos estagnados naquela conservadora natureza de transferir nos sujeitos os conteúdos hierarquicamente organizados (HAMMEL; BORGES, 2012, p. 12).

O trabalho no Ciclo de Formação Humana é voltado à perspectiva da interdisciplinaridade e ao ensino embasado por sequência didática e projetos. Considerando que a criança aprende pela imitação e brincadeiras, o Ciclo valoriza atividades que envolvam a ludicidade. O ensino torna-se mais prazeroso quando o estudante tem a oportunidade de vivenciar no âmbito escolar momentos de brincadeiras e jogos associados às atividades pedagógicas.

As escolas que atendem pela organização do Ciclo de Formação Humana são sustentadas pelo paradigma de contribuir para romper com o processo de exclusão, considerando as múltiplas aprendizagens e linguagens dos estudantes. Sua organização curricular considera o ciclo de desenvolvimento, e a avaliação vem direcionar os caminhos para o professor redirecionar suas práticas de ensino. O conhecimento necessita ser significativo, e há uma relação entre teoria e prática.

Ensinar e aprender é algo intenso que constantemente exige que o professor busque recursos e metodologias que vão ao encontro das necessidades dos seus estudantes. Quando o professor opta por fazer o uso da escuta sensível para ensinar, ele está aberto para auxiliar seus estudantes e compreendê-los.

4 FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA PARA A PRÁTICA

4.1 Formação continuada de professores, perspectivas e desafios

Inicia-se a escrita do quarto capítulo desta dissertação e com ele empreende-se uma viagem a fim de conhecer o trabalho da profissional que forneceu dados para a elaboração desta dissertação.

A formação continuada busca contribuir com os professores, proporcionando-lhes estudar, por meio da teoria, as problemáticas vivenciadas no cotidiano. Este capítulo articula-se com o segundo objetivo específico desta pesquisa: conhecer as contribuições da escuta sensível para a construção da aprendizagem dos estudantes. Desse modo, ao escrever sobre a formação continuada de professor, o planejamento e a escuta sensível, responde-se a esse objetivo. O aperfeiçoamento profissional faz-se necessário em todas as profissões. Nessa perspectiva, Nóvoa (1995) destaca:

É preciso trabalhar no sentido da diversificação dos modelos e das práticas de formação, instituindo novas relações dos professores com o saber pedagógico e científico. A formação passa pela experimentação, pela inovação, pelo ensaio de novos modos de trabalho pedagógico. E por uma reflexão crítica sobre a sua utilização. A formação passa por processos de investigação, diretamente articulados com as práticas educativas (NÓVOA, 1995, p. 28).

O ambiente escolar é um espaço que vai além de ensinar e aprender. É nele que os desafios diários da profissão despontam. O conhecimento no período de graduação não é suficiente para sustentar a atuação profissional permanente, e a

formação continuada auxilia o profissional a buscar teorias que fundamentem a sua prática. O aprimoramento é necessário. No entanto, será de grande valia se for visto pelo profissional como parte integrante da sua atuação docente e ser for prioridade. Na entrevista com a professora, ao ser questionada se a formação continuada deveria abordar as contribuições do ensino pautado na escuta sensível, e por quê, a professora respondeu:

São nas formações continuadas que eu aprendo, porque o feedback é legal. A relação entre teoria e a prática, isso é importante, a formação continuada faz a diferença em sala de aula. Hoje não dá mais para ser um professor simplesmente como mero transmissor de conhecimento na sala, o aluno não aceita, ele prefere ir para youtube assistir as aulas por lá. O estudante busca na sala de aula algo além: o companheirismo, as discussões e reflexões coletivas. Eu, enquanto professora, preciso acompanhar as mudanças, porque a máquina, "o computador, celular" não oferecem isso a eles. A tecnologia não oferece um ser que te escuta, te direciona, que é afetivo, que te dê esperança, segurança e amor. Vivemos em um mundo cheio de loucuras. Enquanto professores precisamos valorizar o conhecimento (PROFESSORA, 2020a).

A professora ainda enfatiza que estudar sobre a escuta sensível nas formações continuadas é pertinente, pois muitos professores desconhecem essa prática de ensino e suas contribuições para a aprendizagem dos estudantes. Ela traz reflexões importantes, ao apontar benefícios da formação continuada de professores. Para ela, a formação continuada permite o vivenciar da teoria e da prática e, ao mesmo tempo, acompanhar as diversas mudanças ocorridas na educação. Ela permite que o professor possa discutir com seus colegas de profissão, que trabalham na mesma instituição, possíveis soluções para problemas no âmbito escolar.

Como destaca a professora, o estudante de hoje possui acesso a muitos recursos tecnológicos, e o professor precisa estar preparado para dialogar com ele sobre como é importante o uso consciente desses recursos. Nesse contexto, a formação continuada permite essa atualização profissional, científica e tecnológica.

Os cursos de graduação, sejam eles bacharelados ou licenciaturas, preparam a base com conhecimentos fundantes que darão sustento para iniciar a vida profissional do indivíduo. Para continuar fortalecido, é necessário manter a base sólida por meio de aprimoramento. Ressalta Libâneo (2011):

A escola de hoje precisa propor respostas educativas e metodológicas em relação a novas exigências de formação postas pelas realidades contemporâneas como a capacitação tecnológica, a diversidade cultural, a alfabetização tecnológica, a superinformação, o relativismo ético, a consciência ecológica. Pensar num sistema de formação de professores supõe, portanto, reavaliar objetivos, conteúdos, métodos, formas de organização do ensino, diante da realidade em transformação (LIBÂNEO, 2011, p. 80).

A profissão docente é desafiante, enfrenta problemáticas diariamente e, para minimizar os impactos externos que se acoplam à atuação diária da profissão, o professor tem buscado cursos de formação continuada ou de autoformação a fim de suprir suas necessidades ao ensinar ou para saber se posicionar em situações que emergem no cotidiano.

Ser professor na contemporaneidade significa entrar no universo particular de cada estudante, escutando-o e auxiliando-o para ficar bem. É também estar acessível às mudanças, à quebra de paradigmas e a romper com o estigma do ser superior, por estar na posição de professor.

Assim sendo, é comum deparar-se com programas educacionais de formação continuada que ignoram as diversidades de cada escola e abordam o assunto da formação continuada para todo o coletivo de um município e, às vezes, de todo um estado. Dessa forma, a formação passa a ser em rede. Nem sempre o professor, ao participar daquela discussão, queria estar ali, pois a sua realidade difere daquela que está sendo discutida. Assim menciona Freire (1996):

Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente sobre a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática, enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo (FREIRE, 1996, p. 39).

Conforme o autor acima, a formação do professor deve ser aquela que desperta nele a reflexão sobre sua ação – o discurso associado à prática. O trabalho diário em sala de aula torna-se um laboratório, no qual cotidianamente se avaliam as fragilidades nas ações desenvolvidas e as possíveis soluções para minimizar ou sanar as problemáticas evidenciadas no dia a dia.

Ao negar as contribuições da formação continuada, o professor também se nega a ressignificar sua atuação docente e não se abre para mudanças. Fica

estagnado e acaba, como a professora citou, sendo um mero transmissor de conhecimento. Dessa forma, os estudantes buscam em outros espaços aquilo que queriam da escola, mas esta não lhes proporcionou. A professora expõe que o professor, ao começar sua carreira na docência, carece do apoio dos demais colegas, pois para ele aquele espaço é novo; as regras de funcionamento, a filosofia e a cultura da escola, tudo isso necessita ser apresentado. Assim, ela acrescenta:

Aquele professor que vai entrar novo, ele precisa entender que na sala de aula, existem alunos que são diferentes uns dos outros. Muitas vezes, a explicação que farei do conteúdo, eles não vão entender da mesma forma, é preciso explicar diferente para um e para outro, bem como, eu também tenho que entender que um é diferente do outro (PROFESSORA, 2020a).

Observa-se a forma como a professora evidencia a realidade de uma sala de aula e expõe que o ensino precisa ser voltado para atender às necessidades do mundo contemporâneo. Os estudantes buscam nas aulas momentos que vão além de estudar, mas também de estar bem, fazer amigos, brincar e ser felizes. A formação continuada dialoga com o professor sobre essas mudanças, que ocorrem dentro do ensino e o auxiliam a compreender e a mudar suas práticas no intuito de fazer com que a educação encontre seu alunado. Destaca Imbernón (2001):

A formação terá como base uma reflexão dos sujeitos sobre sua prática docente, de modo a permitir que examinem suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes etc., realizando um processo constante de auto-avaliação que oriente seu trabalho. A orientação para esse processo de reflexão exige uma proposta crítica da intervenção educativa, uma análise da prática do ponto de vista dos pressupostos ideológicos e comportamentais subjacentes (IMBERNÓN, 2001, p. 48-49).

A reflexão sobre as problemáticas evidenciadas pelo coletivo, ali presente, deve ser considerada, sejam elas de cunho pedagógico, físico, social ou cultural.

Pensar com criticidade e fazer análise com discernimento coletivamente, sem a competição e o individualismo, faz com que as barreiras impostas e os desafios sofridos pelos profissionais da educação sejam aos poucos rompidos. O diálogo torna os momentos de formação continuada em possíveis soluções das problemáticas. Assim, Libâneo (2004) explica:

O termo formação continuada vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando ao aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional (LIBÂNEO, 2004, p.22).

A formação continuada, em sua essência, deveria ser a continuação da formação inicial, para consolidar aquilo que os quatro ou mais anos de faculdade não foram suficientes para aprofundar. Essa construção profissional que funde a junção da formação inicial com a formação continuada é defendida pelo autor, pois auxilia o professor a sentir-se preparado e fortalecido para encarar as fragilidades pedagógicas que venha a enfrentar em uma sala de aula. A professora descreveu:

Muitas vezes, ficamos muito tempo estudando teorias que não acrescentam muito nas dificuldades enfrentadas por nós, professores, em sala de aula. Se fossem organizadas as áreas de conhecimento para fazer a formação continuada, teríamos um melhor desempenho. As temáticas de estudo em determinados momentos servem para todos, e outras vezes não são para todos. [...] estávamos vivendo um momento atípico onde tínhamos acabado de voltar de uma greve e o tempo seria pouco para trabalhar os conteúdos exigidos para o ano. Mas, graças ao uso da escuta sensível, consegui levar os alunos a quererem estudar, a buscar ampliar seus conhecimentos, a terem interesse pelas atividades propostas. Sempre quando lhes propunha o conteúdo, ouvia-os primeiro sobre o que já tinham visto sobre ao assunto, eles gostam muito de falar, e foi importante ouvi-los (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

É pertinente analisar a reflexão da professora no que tange à formação continuada. Segundo ela, em determinados momentos, o que é proposto para estudo não vai ao encontro das necessidades pedagógicas dos professores. Dessa forma, torna-se desestimulante a participação, ou, quando há essa participação, não há o entusiasmo em participar ativamente das discussões que estão sendo fomentadas nesses momentos de formações.

Essa situação é preocupante, pois a formação continuada é um momento em que os profissionais da educação se dedicam a discutir teorias que visem auxiliar suas práticas cotidianas. Quando o professor se depara com discussões que não o fazem pensar e repensar sua prática, a tendência é criar aversão aos momentos dedicados para as formações continuadas no âmbito escolar.

Para que a formação seja algo que contribua com o professor, segundo Nóvoa (1991), é necessário ter ligação com o real que existe na escola, visto que pautar as formações em dominar conteúdo não faz com que o coletivo se empenhe e se dedique a participar. Por outro ângulo, são os projetos que se desenvolvem na escola, as fragilidades vivenciadas coletivamente por todos da instituição que levam

à participação efetiva, por meio de debates e discussões nas formações continuadas.

Os programas elaborados pelos governos e secretários de educação federais, estaduais e municipais, consideram uma pequena realidade, não se atêm aos detalhes, principalmente de escolas inseridas em bairros periféricos, carentes econômica e socialmente, bem como as escolas do campo, quilombolas e indígenas. Em meio a discussões sobre a formação continuada, reflete-se sobre as palavras desta estudante:

A professora gostava muito de fazer teatro de fantoche com a gente e nós apresentávamos o teatro de fantoches. Toda vez que ela trabalhava um gênero, ela apresentava ele em teatro primeiro para nós. Depois ela pedia para a gente criar um texto daquele gênero que ela trabalhou com a gente. No começo dava vergonha, depois passou, era muito legal (ESTUDANTE, 2020).

Observa-se que a estudante relata algo bom da sua aprendizagem e de suas vivências. A professora criativa ensinava gêneros textuais, fazendo uso da ludicidade, e os estudantes gostavam. A formação continuada de professores deve fortalecer as práticas de ensino nas escolas, fomentar discussões que visem à criatividade e à inovação constante. Isso pode tornar a ação docente expressiva e o aprendizado mais significativo para o estudante.

A escola necessita fomentar as discussões referentes às problemáticas externas à sala de aula e levá-las para dentro da formação continuada, pois o entorno escolar carece dessas reflexões. Ignorar essa situação é impossível, principalmente quando se busca melhoria educacional. Os professores precisam sentir-se pertencentes e não alheios a todo o processo externo que envolve a vida dos estudantes. Não se pode ignorar os estudantes, passando diariamente quatro ou mais horas com eles. Assim sendo, há uma relação estabelecida entre eles.

Sendo a formação continuada um momento de reflexão e discussão das fragilidades do profissional e da instituição, o profissional interino que acabou de chegar à instituição e ainda se encontra em processo de conhecimento cala-se por não saber como proceder. Quando ele passa a ter conhecimento da filosofia da escola e as problemáticas existentes, é tempo de troca novamente. Assim, a professora pontua:

Sabemos que toda a rede estadual de ensino de Mato Grosso destina quatro horas semanais para dedicarmos à formação continuada. Vejo que isso foi algo positivo conquistado. Novamente destaco que o problema maior na formação continuada é dar ênfase em temáticas genéricas e não focar as especificidades. Em grande parte esse formato de formação está vinculado aos órgãos responsáveis, que estão acima da escola (PROFESSORA, 2020a).

Percebe-se a angústia na fala da professora, quando ela reafirma o quanto é necessário estudar as especificidades da escola nos momentos destinados para as formações continuadas. Há assuntos que coletivamente são pertinentes às discussões, no entanto abordam-se diferentes formações e atuações dos professores no âmbito escolar. São essas particularidades a que se deve atentar. As problemáticas de uma turma de quinto ano não são as mesmas de uma turma de nono ano. Considera-se para isso a idade, a maturação emocional, cognitiva, bem como o currículo.

Com a exposição da professora, percebe-se o quanto a formação continuada ainda é deficitária. Muito se discute, escreve-se sobre ela, entretanto na prática diária continua sendo ainda um problema muito sério que envolve políticas públicas. A escola, em determinados momentos, não tem autonomia em estudar vários projetos. Dessa forma, fixa os estudos em apenas um, com temáticas de estudo genéricas, já saturadas pelos professores. Percebe-se que isso constitui um problema crescente que desmotiva o professor a fazer a formação continuada.

Realizar a formação continuada é atrelar a ela os desafios, não somente da sua fragilidade pedagógica, mas envolver a coletividade, pois o ensino não individualista emerge da ligação da interdisciplinaridade no ambiente escolar, logo a formação continuada deve atender a problemas individuais e coletivos e pensar no aspecto social, cultural e econômico dos estudantes daquela instituição. Não se resolvem as questões que não são pedagógicas, mas compreendê-las faz com que o professor busque mecanismos que auxiliem o desenvolvimento e a aprendizagem do estudante. A formação continuada está respalda na lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394 e, de acordo com o artigo 67, os docentes estão assegurados nas seguintes formas:

Art. 67. Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da educação, assegurando-lhes, inclusive nos termos dos estatutos e dos planos de carreira do magistério público: I - ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos; II - aperfeiçoamento profissional

continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim; III - piso salarial profissional; IV - progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho; V - período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho; VI - condições adequadas de trabalho (BRASIL, 1996, p. 21).

Portanto, é um direito do professor participar de formação continuada visando à contribuição que ela oferece para atenuar dificuldades pedagógicas da profissão que emergem cotidianamente no processo que envolve o ensinar e o aprender. Entre tantos temas e sugestões propostos para estudos nos momentos de formação continuada, seria pertinente analisar e fazer escolhas de propostas de formação que contribuirão com a necessidade exposta que os professores enfrentam. Destaca-se, nesse sentido, a formação continuada voltada para a atuação com a escuta sensível. Para tanto, Tardif (2002) salienta:

Por outro lado, é evidente que a “pedagogia” não é uma categoria inocente, uma noção neutra, uma prática estritamente utilitária: pelo contrário, ela é portadora de questões sociais importantes e ilustra, ao mesmo tempo, as tensões e os problemas de nossa época que se encontram vinculados à escolarização em massa de massa e à profissionalização do magistério (TARDIF, 2002, p. 116).

O ensino para o estudante não é uma ação neutra, ele se torna mais intenso a cada vez que se dedica. A construção da profissão docente se dá quando o profissional internaliza sua real função e suas ideologias de vida profissional. Construir-se profissionalmente, enquanto professor, é navegar em mares muitas vezes calmos ou agitados e conseguir equilibrar o barco para que, ao término da viagem, esta tenha sido gratificante. É relevante que todo professor transforme sua prática na consolidação de sua teoria, seja ela oriunda da formação inicial ou continuada.

4.2 Planejamento e escuta sensível

Nesse subcapítulo aborda-se o planejamento e a aprendizagem dos estudantes com base na escuta sensível. O planejamento é um guia que orienta o trabalho pedagógico do professor e direciona o ensino a ser desenvolvida em sala de aula. Antes da prática, há esse momento de elaboração, reflexão e análise, ou seja, o planejamento.

Planejar faz parte do cotidiano das pessoas e, independentemente da

profissão, há antecipadamente uma organização que se denomina planejamento. Por meio do planejamento são previstos os passos a serem efetivados com antecedência dentro da atuação profissional. Nesse sentido, de acordo com Farias *et al.* (2015):

O planejamento é um ato, é um ato que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, meios, forma e conteúdo programáticos ao calendário escolar [...] mas definimos também outras questões de fundamental importância. Vejamos: o que queremos que nossos alunos venham a fazer, a conhecer? Por que este conteúdo e não aquele? Quais atividades? Com qual tempo e recursos contamos? (FARIAS *et al.*, 2001, p.111)

O ato de planejar associa-se à ação de organizar, coordenar e fundamentar-se. Dentro da atuação docente ele é fundamental, porque direciona todo o fazer pedagógico. Para que esse processo aconteça, Farias *et al.* (2015) afirmam que o tempo, os recursos e as atividades que comporão o planejamento são partes fundamentais a serem consideradas. Assim, é preciso refletir se o que está sendo planejado será suficiente para as aulas propostas, indagando se são muitas ou poucas atividades, bem como se há recursos para desenvolver o que se pretende fazer ou para as atividades planejadas. Tudo isso é indispensável e deve ser considerado dentro do processo de efetivação da ação docente.

De acordo com Vasconcellos (2000, p. 43), “planejar é elaborar o plano de intervenção na realidade, alinhado às exigências de intencionalidade de colocação em ação, é um processo mental, de reflexão, de decisão, por sua vez, não uma reflexão qualquer, mas gestada de intenções na realidade”. Ao referir-se ao planejamento escolar, ele considera alguns direcionamentos a serem seguidos: como parte principal de todo planejamento pontuar os objetivos daquilo que se almeja alcançar; a forma como será trabalhado é descrita pela metodologia; e o que se vai trabalhar vem relatado como conteúdo; e adjunto, indaga-se como saber se o que será trabalhado alcançará o estudante, denominado como avaliação. A professora relata como ela realiza o planejamento das suas aulas na perspectiva da escuta sensível e o que ela considera dentro desse processo:

Eu considero, no momento de preparar meu planejamento, a escuta sensível que fiz com meus estudantes durante a semana, com isso eu direciono as atividades a serem trabalhadas naquela semana. Considerando principalmente a sala heterogênea que temos, onde têm alunos que estão mais adiantados e outros nem tanto, em termos de domínio do conteúdo do currículo posto para estudo ao ano em questão.

Precisa sempre pensar naquele estudante que não consegue acompanhar, e para ele é necessário diferenciar a forma de abordagem do conteúdo e das atividades. Ele aprende, mas no tempo dele. O que não deve é deixá-lo no cantinho sem atividades e participação nas aulas, porque ele não acompanha a turma, precisa trazê-lo para discussão e participação (PROFESSORA, 2020a).

A professora pontua questões pertinentes sobre a importância de refletir antes de efetivar o planejamento. Ela, de forma antecipada, faz uso da escuta sensível no intuito de verificar como cada estudante se encontra no desenvolvimento da aprendizagem e também emocionalmente, e considera isso no momento de planejar. Como ela destaca, a sala de aula é composta por diversos estudantes, não se planeja para uma sala homogênea, pois esse universo é diversificado. As especificidades existentes são consideradas e respeitadas no momento do planejamento. Fazer uso da escuta sensível, conhecer cada estudante, como aprende e quais suas necessidades e potencialidades cognitivas, emocionais e físicas, dentro do processo de aprender, permite que o professor ensine de forma a atender os interesses e necessidades advindas dos estudantes. A escuta sensível, atrelada ao planejamento, como destaca a professora, fornece subsídios de fundamental importância para o planejamento. Por meio dela o professor tem conhecimento das situações problema emergentes na turma de atuação. Quando ela coloca que cada estudante possui seu tempo de aprendizagem e que isso carece ser respeitado, não significa deixar ele em um “cantinho”, sem envolvê-lo nas questões pedagógicas, mas considerar o seu tempo de aprendizagem. Como ela também relata, é pensar em envolvê-los na aula que está sendo ministrada e proporcionar-lhes aprendizagem. Ela acrescenta:

Ao planejar uma aula de campo, um passeio em que fomos ao teatro, é empolgante, mas exige primeiro muita atenção e preocupação. Pensa-se na segurança dos alunos. Em como será a viagem. Até na ansiedade que eles estão. É gratificante, mas demanda muito cuidado e escuta sensível o tempo todo, é preciso organizar a melhor forma de atender a todos durante o momento da visita e depois, ao permitir que todos se pronunciem em relatar o momento de vivência. Nesse caso, a ida ao teatro, assistir à peça e às apresentações de dança (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

Escutar sensivelmente não é somente atentar a formas de aprender. Em uma aula como a relatada pela professora, a atenção dela para com seus estudantes é de suma importância, pois foi necessário, dias antes, que ela observasse e

conseguisse analisar sua turma por meio da escuta sensível. Fariam um passeio, a ida ao teatro, um espaço de que os estudantes gostam muito, logo seria preciso atenção e cuidado. Para isso, a professora necessitou levantar dados: já foram ao teatro antes? Gostaram da peça exibida? Possuem algum problema de saúde que não podem estar em um ambiente fechado e amplo como é o teatro? Além disso, teve de pesquisar com as famílias e conseguir a autorização para que pudesse levá-los. Todos os itens necessários foram antecipadamente planejados para que pudesse ser realizada a ida ao teatro.

Ao proporcionar um momento como esse aos estudantes, fica-se a imaginar quão bom deve ter sido esse momento. Para comprovar, busca-se na fala da estudante o relato desse dia.

Foi muito legal, nos divertimos muito, gostamos do passeio, não foram todos os alunos, mas quem foi se divertiu muito. Quando voltamos, conversamos bastante sobre a peça e a importância de ir ao teatro. A professora deixou que nós falássemos tudo que vimos lá e o que gostamos (ESTUDANTE, 2020).

No seu jeito meigo de falar e na euforia exposta na fala, é possível verificar o quanto eles se divertiram na ida ao teatro. Isso ficou em evidência no diálogo entre a pesquisadora e a estudante, quando esta, ao expor esse relato, demonstrou sua alegria no tom de fala e com sorrisos. Também se observa que, posteriormente à aula, eles movimentaram bastante as discussões. Ser professor é experimentar momentos como esse, sair do conforto da sala de aula e aventurar-se com segurança com os estudantes. Eles jamais esquecerão esse instante. A aula deve ter sido diferente, proporcionou vivências, envolvendo a arte, ludicidade e cultura. Em um outro trecho do diálogo com a estudante, ela expõe:

A gente entendia quando ela ia mais na carteira daquele que tinha mais dificuldades, mas mesmo assim ela atendia todos nós. Quando a professora tinha que sair de sala para buscar algo na coordenação, a gente mesmo ia atender o aluno que não estava entendendo a atividade, ela sempre deixou que nós ajudássemos uns aos outros na sala de aula (ESTUDANTE, 2020).

É possível levemente fechar os olhos e entrar nessa cena. Esse relato tão empático e solidário faz sentir vontade de vivenciar esse momento. São palavras de uma menina de dez anos de idade, que, com sua essência e pureza, informa que ela e seus colegas compreendiam as visitas mais constantes da professora à carteira dos estudantes com dificuldades. Esse depoimento deixa evidente que eles

aprenderam a ouvir, assim como a professora faz com eles.

A escuta sensível tem mesmo o poder de mudanças; ela leva o professor a conhecer mais seus estudantes, além do processo pedagógico. Dessa forma, ele tem oportunidades de auxiliá-los ainda mais. No seu planejamento, o professor busca contemplar os estudantes com situações de aprendizagem que vão ao encontro das suas necessidades de aprendizagem.

O professor que se compromete com a aprendizagem dos estudantes considera as múltiplas formas de aprender, bem como a diversidade existente no universo escolar. Nesse sentido, afirma Padilha (2001):

Lembramos que realizar planos e planejamentos educacionais e escolares significa exercer uma atividade engajada, intencional, científica, de caráter político e ideológico e isento de neutralidade. Planejar, em sentido amplo, é um processo que visa dar respostas a um problema, através do estabelecimento de fins e meios que apontem para a sua superação, para atingir objetivos antes previstos, pensando e prevendo necessariamente o futuro, mas sem desconsiderar as condições do presente e as experiências do passado, levando-se em conta os contextos e os pressupostos filosófico, cultural, econômico e político de quem planeja e de com quem se planeja (PADILHA, 2001, p. 63).

O ato de planejar nos faz pensar o quanto ele é importante dentro do processo que envolve o ensino e a aprendizagem. Não há como ser neutro na ação de ensinar, ensina-se na perspectiva de proporcionar ao estudante o pensamento crítico e reflexivo. O professor carece fazer com que seu estudante saia da zona de conforto e passe a sentir-se parte integrante dentro da sua comunidade. Dessa forma, o ensino é político quando ele contribui para que seu estudante seja questionador, lute pelos seus direitos e exerça seus deveres dentro da sociedade de que faz parte.

O planejamento emergente a ser abordado na concepção dos autores Lorenzon e Silva (2014) enfatiza as contribuições da escuta sensível para realizá-lo. Partir dos interesses dos estudantes, manifestados em diversos momentos de vivências no âmbito escolar, é fundamental.

[...] os quatro princípios do Planejamento no Enfoque Emergente se manifestam de forma conjunta: o protagonismo infantil; o ambiente, espaço e relação; a escuta sensível por parte dos professores; e a investigação. Dessa forma, podemos afirmar que os temas de investigação surgem a partir da escuta por parte dos professores de temas que são de interesse ou necessidade das crianças, quando elas estão em trocas intersubjetivas no ambiente externo (LORENZON; SILVA, 2014, p.216).

Conforme os autores, o planejamento emergente considera as necessidades dos estudantes. Para isso, faz uso da escuta sensível anteriormente ao processo. Assim, é preciso uma investigação antecipada para ter conhecimento sobre as ações a serem balizadas e os objetivos que serão traçados durante o ato de planejar.

A professora pontua, em uma de suas falas, como visualiza a ação de planejar. Considera as especificidades da sua turma e por meio da escuta sensível observa a necessidade de seus estudantes e elabora estratégias para intervir pedagogicamente.

Com o olhar atento na sala de aula, eu consigo fazer um planejamento que visa atender a todos, e não apenas somente parte dos estudantes. Ao observar a turma e considerar isso ao planejar, é possível fazer com que aquele aluno que tenha muita dificuldade possa avançar, considerando o ano em que ele se encontra. Com o olhar embasado na escuta, eu, professora, consigo observar se meu estudante está ou não conseguindo fazer as atividades e acompanhar a turma. O professor precisa proporcionar, então, atividade direcionada para ele. E pensar: será que isso está dentro desse planejamento que eu planejei? Aquele estudante consegue? E aquele aluno que já consegue ir além, ele também carece de um feedback, de ser suprido com suas necessidades, senão ele fica ocioso, ou importunando (PROFESSORA, 2020a).

As considerações elencadas pela professora são pertinentes no que tange à sua forma de planejar. Ela afirma que são vários os níveis de conhecimento dos estudantes existentes na sala de aula e é necessário que todos sejam contemplados nas situações de aprendizagem ofertadas. Novamente percebe-se a escuta sensível presente nessa ação, visto que, ao conhecer seus estudantes, ela consegue delinear objetivos, finalidades e metodologias de trabalho. Ela faz uso do planejamento emergente, uma vez que considera os níveis de aprendizagem de seus estudantes.

A professora relata que, por meio da escuta, ela procura visualizar se o planejado está ou não indo ao encontro das necessidades pedagógicas do seus estudantes. É importante ressaltar nesta escrita essas considerações tão pertinentes e válidas.

Ao escutá-los nos mais diversos instantes em que se encontra com eles, é possível ter-se a dimensão da sua forma de aprender, criar e pensar. O planejamento emergente parte do princípio da análise e investigação. Silva,

Schneider e Schuck (2014) corroboram:

[...] os princípios do planejamento no Enfoque Emergente estão relacionados e complementam-se um no outro. Partindo da concepção da criança como protagonista, capaz de grande capacidade de aprendizagem, podendo agregar conhecimento aos processos de ensino e de aprendizagem, não só dela, como de todo o grupo, abre-se espaço para a sua participação (SILVA; SCHNEIDER; SCHUCK, 2014, p. 67).

Dentro do processo de planejar com enfoque emergente, os autores consideram pertinente ressaltar o protagonismo do estudante. Ao realizar a ação de planejar, o professor necessita refletir sobre como seu estudante aprende, se as situações de aprendizagem planejadas para ele estão contemplando suas necessidades pedagógicas.

As manifestações culturais e sociais no ambiente escolar advindas dos estudantes, nos momentos em que estes estão interagindo coletivamente, proveem aos professores a dimensão de como direcionar o planejamento. Dessa forma, o ato de planejar articula-se com a organização de materiais e espaços que favoreçam a aprendizagem. Para Lorenzon e Silva (2014):

A existência de espaços que favoreçam a heterogeneidade, em que cada criança possa demonstrar seus interesses, suas necessidades ou encontre elementos que a envolvam, permite aos professores conhecer as crianças e seus gostos. A observação das crianças quando ocupam os espaços externos à sala de aula, por exemplo, permite às professoras a constatação de temas que podem ser incrementados no planejamento pedagógico do professor (LORENZON; SILVA, 2014, p.215).

Os autores abordam algo interessante que se entrelaça com a escuta sensível e favorece o planejar com enfoque emergente, que é a observação a ser feita dos estudantes em espaços diversos e que permite que eles se manifestem. Por meio dessa ação, o professor consegue conhecer mais sobre cada estudante, e isso soma consideravelmente no momento de planejar.

Dessa forma, planejar é uma ação primordial dentro da profissão de professor. É assumir a responsabilidade por meio desse processo em propiciar ensino e aprendizagem aos estudantes, agregando e considerando nesse ato as relações socioeconômicas, culturais e políticas, atendendo à realidade daquela comunidade a que os estudantes pertencem. Articulam-se nesse procedimento objetivos, conteúdos, metodologia, métodos e avaliação, todos com base na escuta sensível e

no Projeto Político Pedagógico⁹ da instituição de ensino, na qual ocorre a docência. As situações de aprendizagem devem partir daquilo que emerge do cotidiano da turma e, assim, tornam-se atrativas aos estudantes.

4.3 A escuta sensível na construção da aprendizagem dos estudantes

Discutem-se, neste subitem, as contribuições da escuta sensível na construção da aprendizagem dos estudantes. Aprendizagem envolve mudanças que estão relacionadas com as experiências vivenciadas. São elas que fomentam o ato de aprender. Para isso todo nosso corpo se envolve. A interação com o outro e com o meio também é fator determinante nessa ação. Freire (1996) postula:

[...] não existe ensinar sem aprender e com isso eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos (FREIRE, 1996, p. 19).

A aprendizagem é algo que dá substância à nossa existência. O ato inicia desde os primeiros dias de vida e estende-se até o último dia de existência. Ela faz parte do nosso cotidiano, aprendemos todos os dias. Cada sujeito possui uma forma única de aprender, e isso envolve fatores sociais e culturais que impulsionam o contorno de aprender. A estrutura organizacional de como se aprende está ligada às perspectivas e buscas de situações internas e externas em que cada um está imerso.

As aptidões, as competências e habilidades a serem adquiridas correlacionam-se com o processo de interesse, busca e criação do sujeito. As experiências fundem-se com informações recebidas e as transformam em base para a aprendizagem. Aprender é algo complexo e não involuntário; exige foco, determinação e querer. Dessa forma, conforme a professora:

⁹ Projeto Político Pedagógico é um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade. É um elemento de organização e integração da atividade prática da instituição neste processo de transformação (VASCONCELOS, 2002).

A construção da aprendizagem dos estudantes precisa da escuta, com base nela eu vejo como vou proceder no meu planejamento, no direcionamento da minha ação, da minha didática em sala de aula. Observando aquele aluno que consegue fazer as atividades consideradas para o nível da sua turma. Também tem aquele que consegue ser mais rápido e eu posso colocá-lo com o outro para que está com dificuldades para que ambos possam ir aprendendo juntos. A aprendizagem acontece desde que o professor considera as dificuldades dos estudantes e propõe atividades do nível de conhecimento deles (PROFESSORA, 2020a).

Observa-se, pela fala da professora, que ela considera o nível de aprendizado de cada um de seus estudantes e parte das necessidades levantadas, antecipadamente, pela escuta sensível. Ela parte do entendimento das diferenças existentes em sua turma. Dessa forma, procura atender à heterogeneidade de sua turma. Escola é lugar de sonhar, conviver e aprender e, ao se deparar com os discursos da professora, é possível visualizar que as múltiplas aprendizagens são consideradas. É nas interações com o outro que os estudantes aprendem o quanto importante é relacionar-se com pessoas diferentes. A disseminação de culturas, bem como as diversas formas de pensamento, agregam no crescimento e desenvolvimento.

O professor é aquele que busca provocar as aprendizagens. Para tanto, ele fomenta discussões, reflexões e estimula nos estudantes a busca pelo aprender. A escuta sensível auxilia o professor a conhecer seus estudantes e, partindo desse enfoque, instiga-os a construir sua aprendizagem.

Para que a aprendizagem ocorra, são imprescindíveis os estímulos, a observação, o querer e a busca. O mediador desses processos no universo escolar é o professor. A todo momento sua ação pedagógica deve incitar seu aprendiz ao conhecimento. Dessa forma, o planejamento deverá considerar que o mais importante é elaborar perguntas que instiguem os estudantes a vivenciar a busca, a exercitar as várias possibilidades de resposta.

O caminho percorrido ao longo dos anos de docência da professora proporcionou, segundo ela, muita aprendizagem. Nesse período, as diferentes experiências vivenciadas por ela e os vários estudantes que ela teve a oportunidade de ensinar fizeram com que ela se tornasse uma profissional mais comprometida com o desenvolvimento humano dos mesmos. Quando a professora relata o quanto importante ela vê sua profissão para o aprendizado, crescimento e desenvolvimento

dos estudantes, percebe-se que ela busca considerar cada sujeito presente em sua sala de aula, bem como suas expectativas, medos, frustrações e sonhos.

Apreendi durante a minha trajetória na profissão que o conteúdo é sim muito importante para o aluno, mas é preciso ter um conjunto, entre o currículo e as demais aprendizagens que envolvem sentimentos, habilidades emocionais. É preciso ver o aluno como um ser humano que está ali com seus sonhos, medos, alegrias, tristezas, frustrações, e que nós somos, muitas vezes, a única esperança que eles veem para ajudá-los. Ouvi-los é valorizar o eu dos estudantes. Constató sempre na minha prática que eu sou importante pra eles, desde dizer a eles e ouvi-los dizer um bom dia, até um tchau professora (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

As palavras escritas pela professora em seu diário de memórias permitem perceber sua evolução profissional. Ela mesma o afirma ao dizer que aprendeu nessa “trajetória”. As considerações que a professora faz, ao considerar as habilidades emocionais para ensinar seus estudantes, leva a imaginar que as aprendizagens alcançadas por eles envolveram conhecimento de vida e para a vida, eles foram protagonistas das suas aprendizagens, tendo como instigadora desse processo a professora.

Ensinar e aprender envolve compreender e respeitar o outro não somente por meio de falas, mas também por ações, e a professora nas suas ações, em sala de aula com seus estudantes, tem feito isso. Nessa perspectiva, ela afirma:

Quando atuei na coordenação pedagógica, aqueles estudantes tidos como os “piores alunos indisciplinados”, pelos professores, eles chegavam e diziam para mim: coordenadora, nosso (a) professor (a), ele não escuta a gente, eu só queria falar algo para ele, no entanto ele não ouve, não “dá moral”, “não liga”. Poxa, não é eu permitir a baderna em sala, mas é eu, professor(a), ter a sabedoria para tirar, desviar o foco da indisciplinação em sala de aula, ouvir os estudantes, o que eles têm a falar. Eu vejo que muitos professores, infelizmente, misturam indisciplinação com o não aprendizado (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020b).

O ambiente escolar é um lugar de encontros, socializações e interações, e nele encontra-se o professor, o aluno, os funcionários e o gestor, cada um com sua importância e em funções diferentes. O relato um pouco doloroso proferido pela professora faz questionar e levar à reflexão. Não é por estar na função de professor que o estudante é inferior. O respeito ao momento deve existir para que flua aprendizagem; no entanto um professor autoritário, que não ouve a versão dos

estudantes em determinados ocorridos, torna-se intransigente e descaracteriza a real função da docência, que é o ato de ensinar e aprender de forma particular e coletiva. As relações que se constrói dentro do ambiente escolar permitem o outro a olhar o outro. Para complementar, Skliar (2019) ressalta:

Ainda que o olhar ofereça uma dualidade composta por focos e por margens pouco exploradas, sabemos que nas instituições educativas se tomam decisões diariamente, como produto da naturalização do olhar. Para além da linguagem técnica e especializada, para além das fichas e das relações pontuais no interior das salas de aulas, notamos que certas decisões sobre quem ou não poderá aprender, quem poderá ou não ser incluído, quem poderá ou não “ter” futuro dependem muito de um jogo (muito sério, muito grave) de olhares (SKLIAR, 2019, p. 31).

A escuta sensível e seus subsídios na ação pedagógica podem ser uma contribuição importante ao profissional, já que ela pauta seus critérios na empatia, na ética e na resiliência. O escutador escuta para contribuir; a ética nessa ação é sublime: não se escuta para manipular ou diminuir o outro, mas com a intenção de auxiliar. A escuta tem sido uma ferramenta pedagógica de extrema importância para o professor compreender o estudante. Faour (2009) enfatiza:

Escutar é mais que ouvir. É mais que estar parada em frente a alguém, dividindo o mesmo metro quadrado. Escuta-se com todas as células do corpo. Escuta-se com as mãos, com os olhos, com a respiração, escuta-se inclusive com os ouvidos. Uma postura escuta, um gesto escuta, a boca escuta. Há que deixar apagar e se concentrar no outro (FAOUR, 2009, p. 123).

Discutir sobre a escuta é buscar compreender o universo dos estudantes. É preciso embrenhar todo seu ser em um universo paralelo e, ao mesmo tempo, particular. É ligar um ser ao outro por intermédio de vivências de diversos sentimentos, e saber lidar com isso não é fácil, já que exige do escutador buscas, assim como deve acreditar que, pela escuta, ele pode contribuir com as aprendizagens dos seus estudantes. Nesse contexto, Faour (2009) afirma:

Escutar é um desafio maior que nossa percepção alcança. Falar também. Dois sentidos paradoxais. A voz está na voz. A voz não sai da boca, garganta, cordas vocais. A nossa voz, o sopro que faz de você quem você é, está nos ouvidos. Que não são os nossos. A nossa voz reside nos ouvidos de quem nos escuta. Nos tímpanos dos outros. É lá que fazemos a diferença e que nos tornamos quem somos (FAOUR, 2009, p. 103-104).

A escuta sensível no âmbito escolar articula-se com o processo de ensinar, respaldando-se na perspectiva de inclusão e conhecimento do outro. O professor carece ter sensibilidade e percepção ao conhecer o universo dos estudantes, e isso

o fará repensar suas verdades.

As aprendizagens constroem-se em dualidade entre a busca e o acreditar. Partindo dessa crença, o professor estimula seus estudantes a acreditarem em si e em sua capacidade de conseguir, bem como os estimula a buscar o aprendizado, aprendizado esse que contemple todo seu desenvolvimento e não se respalda apenas no domínio cognitivo de uma lista de conteúdo. Conforme pontua a estudante:

A professora é muito dinâmica ao trabalhar com a gente, isso é muito divertido. Se tínhamos dificuldades, não ficávamos com medo de perguntar para ela. Quando tínhamos dúvidas perguntávamos e ela sempre nos ajudava. A professora sempre trazia muita brincadeira para gente trabalhar a matemática, o português e em questão a relação de quando a gente brigava na escola; ela nunca foi brava com a gente, nunca nos magoou (ESTUDANTE, 2020).

Observa-se que a estudante fala dos acontecimentos em sala de aula de forma a expressar sentimentos de gratidão e afeto para com sua professora, além de incluir todos os seus colegas ao referir-se “para trabalhar com a gente”. Ela coloca que, mesmo diante de pequenos conflitos envolvendo os estudantes em sala de aula, a professora conseguia ouvi-los e ponderar ao chamar a atenção dos estudantes. A escuta poderá ser realizada individual ou coletivamente, depende do que se busca escutar. Para Dunker e Thebas (2019):

Mas como educar para uma escuta inclusiva, empática, cooperativa? Acreditamos não existir uma única resposta, nem a melhor nem a certa. O que existem são pistas. E, na maioria das vezes, elas são mais valiosas do que respostas definitivas. Essas pistas se encontram nas histórias que vivemos. Às vezes camufladas em metáforas e às vezes bem ali à mostra, concretizadas em ações que deram certo, que não deram certo, ou que deram erradas mesmo (DUNKER; THEBAS, 2019, p. 158).

Escuta não é uma fórmula mágica que resolve as problemáticas rapidamente. Ao praticar a escuta sensível, o professor praticante não encontrará um procedimento acabado. Ele constrói sua identidade, analisa a melhor metodologia a ser usada, incorpora e realiza a escuta. A estudante, com suas palavras, traz mais contribuições à escrita deste texto:

A professora é uma ótima professora, e uma pessoa muito legal e carinhosa, ela sempre percebia quando a gente não estava bem e vinha conversar e perguntar o que tinha, isso com todos os alunos. Se a gente chegasse triste ela notava e perguntava no particular na mesa dela. Se estava feliz, ela também percebia. Ela dizia: “aconteceu algo que fez você ficar tão feliz assim”. Sempre deu muita atenção, carinho, é boa professora para ensinar, ela foi uma professora muito atenciosa (ESTUDANTE, 2020).

Na fala da estudante, exposta no início do diálogo, é perceptível em seu pequeno rosto e suas expressões o entusiasmo ao referir-se à turma em questão. A estudante fala de seu amor, admiração e prazer em ter sido estudante desta professora. Ela presenteia esta pesquisa com sua sinceridade, ao pontuar que a professora dedicava momentos de atenção a todos e identificava nos estudantes os sentimentos demonstrados por eles naqueles momentos.

A professora, bem como a estudante, não expuseram, em nenhum momento durante as conversas, empecilhos no que se refere a não efetivar a prática da escuta sensível, advindas da gestão escolar. Em determinados momentos, ainda a serem expostos no próximo capítulo desta dissertação, ela relata ter havido empecilhos, mas em relação a outros itens.

A escola possui certa autonomia dentro do seu espaço, no seu currículo e depende muito de qual educação ela quer ofertar, assim como o professor, no mesmo viés, dentro da sua sala de aula e no seu processo de ensinar. Fazer a diferença está atrelado ao ser profissional de cada um. Se a escola e o professor trabalharem na perspectiva da inclusão e quiserem fazer a diferença na vida de cada estudante, eles o farão, apesar dos obstáculos já destacados neste texto.

Nesse sentido, a escuta no âmbito escolar vem somar ao desempenho da profissão de professor, de tal modo que este, ao agregá-la a seu fazer pedagógico, terá a seu favor mais uma ferramenta no seu processo de ensinar. No que tange a escutar o estudante ou o seu colega de trabalho, as chances de efetivar a inclusão são bem maiores, já que a escuta contribui para o desenvolvimento humano atrelado ao processo inclusivo.

A escuta sensível auxilia o docente a compreender determinados comportamentos e ações dos seus estudantes. A difusão da importância da prática de escutar precisa ser discutida pelos profissionais da escola no intuito de se fazer compreender. Dialoga-se com Rogers (2001) sobre a aprendizagem significativa:

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de fatos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação futura que escolhe ou nas suas atitudes e personalidade (ROGERS, 2001, p. 1).

É uma aprendizagem penetrante, que faz o estudante compreender o

significado do que está aprendendo, a intensidade da ação. Ela não se limita a um aumento de conhecimento, mas adentra profundamente todas as parcelas da sua existência. Cabe ressaltar que, para que uma aprendizagem ocorra, ela precisa ser significativa.

Dessa forma, estabelecem-se diferentes tipos de relações entre fatos, objetos, acontecimentos, noções e conceitos, desencadeamento e modificações de comportamentos, contribuindo para a utilização do que é aprendido em diferentes situações. Freire (1997) entende que só há aprendizagem quando houver participação consciente da criança, como sujeito do processo. Indo ao encontro desse escrito, expõe-se um trecho do diálogo com a estudante:

A professora sempre colocou a gente para apresentar trabalhos lá na frente, muito legal. Na metade do ano, a professora começou a dar para gente levar para casa o livro viajante. Um livro grande com várias histórias e todo dia um aluno levava para casa, lia o livro com a família e no outro dia a gente apresentava para os colegas a história, só que a gente não lia e, sim, contávamos a história para a turma e depois a professora perguntava o que nós aprendemos com o livro, a mensagem do livro, quando não conseguíamos ela ajudava (ESTUDANTE, 2020).

A estudante faz referência a uma metodologia utilizada pela professora em relação ao incentivo à leitura e ao protagonismo dos estudantes. Quando ela permite que seus estudantes exponham em forma de seminário seus trabalhos, além de ela estimular o protagonismo, contribui para que os estudantes possam ser criativos, reflexivos e questionadores. Ao mesmo tempo, a professora realiza a escuta sensível quando seus estudantes estão fazendo exposições de seus textos ou das leituras realizadas com as famílias. E isso lhe permite conhecê-los ainda mais.

A escrita deste capítulo pautou-se nas contribuições da formação continuada de professores, o planejamento diário e a escuta relacionada com a aprendizagem dos estudantes. Foram correlacionados autores e coleta de dados. Buscou-se, com a escrita, articular o segundo objetivo específico: conhecer as contribuições da escuta sensível para a construção da aprendizagem dos estudantes. Entende-se que foi possível evidenciar neste capítulo a concretização desse objetivo.

Este capítulo denota a relevância do planejamento e da formação continuada de professores na construção da aprendizagem dos estudantes. Ao conhecer a forma de trabalho da professora, fortalece-se a concepção de que a escola vai além

de um espaço com amontoados de mesas e cadeiras, burocracias e enormes listas de conteúdo. Ela é um lugar de convivência, interação, aprendizagens mútuas e preparação para a autonomia e o protagonismo de histórias.

5 O CURRÍCULO E A ESCUTA SENSÍVEL: POSSIBILIDADES E FRAGILIDADES

5.1 Currículo e as limitações do trabalho com a escuta sensível

O quinto capítulo desta dissertação intitula-se “Currículo e a escuta sensível: possibilidades e fragilidades” e contempla o objetivo específico que consiste em “identificar as dificuldades enfrentadas pela professora ao trabalhar com a escuta sensível”. Dessa forma, dialoga-se sobre esses aspectos no decorrer do texto.

O currículo dentro do espaço escolar é visto como uma organização das disciplinas e sua relação com os conteúdos trabalhados no cotidiano da sala de aula. Muitas vezes, ele é visto pelo corpo docente como algo técnico, imposto e mecanicista. Entretanto, ao aprofundar o conhecimento sobre o mesmo, rompe-se com a concepção técnica. O currículo direciona o funcionamento de uma instituição no que tange ao pedagógico, está articulado com as políticas públicas vigentes e com o Projeto Político Pedagógico da instituição.

Em busca de conhecer a filosofia de uma escola, seus preceitos, forma de trabalho e organização, analisa-se o Projeto Político Pedagógico e seu currículo. Dessa forma, tem-se a dimensão do trabalho da instituição de ensino. Para a definição de currículo, dialoga-se com alguns autores que discorrem sobre essa área. Explica Sacristán (2000):

O currículo é uma práxis antes que um objeto estático emanado de um modelo coerente de pensar a educação ou as aprendizagens necessárias das crianças e dos jovens, que tampouco se esgota na parte explícita do

projeto de socialização cultural nas escolas. É uma prática, expressão da função socializadora e cultural que determinada instituição tem, que reagrupa em torno dele uma série de subsistemas ou práticas diversas, entre as quais se encontra a prática pedagógica desenvolvida em instituições escolares que comumente chamamos de ensino. O currículo é uma prática na qual se estabelece diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, elementos técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam (SACRISTÁN, 2000, p.15 -16).

De acordo com Sacristán (2000), o currículo está além de ser algo engessado ou focado na lista de conteúdos. Abrange mais, além de amontoados de conteúdos que visam apenas ao desenvolvimento cognitivo. Ele permeia o universo social, cultural e econômico da comunidade escolar. Dessa forma, mesmo havendo determinações vindas das políticas públicas vigentes, o currículo de cada instituição é único, pois ele direciona aprendizagens que permitam envolver o cotidiano dos seus estudantes.

Conhecer e sistematizar conhecimento não necessariamente há de romper com os saberes da cultura e da sociedade. Com o intuito de conhecer as interferências do currículo no processo do trabalho com a escuta sensível, durante a entrevista indagou-se para a professora se o currículo da instituição em que atua dificultava essa articulação. Ela respondeu:

Em partes sim, algumas definições de políticas públicas dificultam a abordagem humana, às vezes, elaborada pela escola ao trabalhar. Em determinados momentos para se cumprir as políticas, atropela-se a ênfase no social e cultural da comunidade. A fragilidade enfrentada atém-se ao engessamento das políticas públicas (PROFESSORA, 2020a).

A professora relata como visualiza o currículo na instituição em que atua. Na metodologia desta dissertação, está exposto que é uma escola localizada em um bairro da periferia e acolhe estudantes com vários níveis sociais e culturais, bem como atende pelo Ciclo de Formação Humana, portanto o ensino envolve projetos e trabalhos voltados para o desenvolvimento humano integral.

Em sua fala, foi possível verificar o quanto as políticas públicas engessam o currículo organizado pela escola. As imposições de trabalho com pacotes de ensino idealizados por cada governo que assume a direção de um estado interferem na aprendizagem dos estudantes e automaticamente na forma de agir de uma instituição. Conforme Moreira e Candau (2007):

O currículo é, em outras palavras, o coração da escola, o espaço central em que todos atuamos, o que nos torna, nos diferentes níveis do processo educacional, responsáveis por sua elaboração. O papel do educador no processo curricular é, assim, fundamental. Ele é um dos grandes artífices, queira ou não, da construção dos currículos que se materializam nas escolas e nas salas de aula. Daí a necessidade de constantes discussões e reflexões, na escola, sobre o currículo, tanto o currículo formalmente planejado e desenvolvido quanto o currículo oculto. Daí nossa obrigação, como profissionais da educação, de participar crítica e criativamente na elaboração de currículos mais atraentes, mais democráticos, mais fecundos (MOREIRA; CANDAU, 2007, p.19).

O currículo torna-se o direcionador do ensino no ambiente escolar, pois ele rege o funcionamento da instituição. Contudo, é importante que o professor faça parte da construção curricular da instituição na qual atua. Para isso, cabe ao professor ser aquele profissional agente nas questões pedagógicas do seu ambiente de trabalho, participar ativamente das discussões e juntos buscarem soluções para as problemáticas que emergem.

Para deixar de ser técnico, o currículo precisa contemplar a realidade escolar, e o professor deve se enxergar no mesmo. Ele carece ser mobilizador e responder aos questionamentos oriundos da comunidade. Mesmo ele definindo os saberes a serem alcançados pelo alunado, é fundamental analisar se o que está descrito no mesmo corresponde ao que se espera dos estudantes daquela instituição. Com base no exposto abaixo, o currículo da instituição deve considerar as necessidades pedagógicas tanto do aluno quanto do professor:

Para mim, vejo que o currículo é importante, mas cada escola precisa ter o seu e o professor que for trabalhar nessa instituição ele precisa seguir as regras da escola. Sem isso acaba dando margens para que alguns professores, como aqueles que citei que falam que o aluno não precisa gostar dele, façam um trabalho que não vai proporcionar aprendizagem para a vida. A metodologia de trabalho é muito importante. Precisamos trabalhar e trabalhar em conjunto, adotar práticas inovadoras na escola. É preciso divulgar isso e trazer a comunidade para dentro da escola, pois a escola é um sonho que todos os profissionais, inseridos nela, precisam sonhar juntos e fazer a diferença (PROFESSORA, 2020a).

Em sua fala, a professora explica como ela visualiza o currículo escolar: um entrelaçamento de saberes advindo do coletivo de professores. Ao pensar juntos, os professores têm a oportunidade de estabelecer metodologias inovadoras que possam ressignificar o ensino. Quando os profissionais atuantes na instituição valorizam os saberes entre eles e compreendem a importância do conjunto de ideias, conseguem ofertar um ensino mais inclusivo. Conforme afirma Veiga-Neto (2004):

Parto de uma constatação bastante simples: não há dúvidas de que o uso expandido do conceito de currículo não leva em consideração o seu caráter ordenador, hierarquizador e representacional que sempre esteve presente desde quando ele foi criado. Em outras palavras e como já referi: o currículo foi criado como um artefato escolar envolvido com a fundação da episteme da ordem e representação e sempre se colocou a serviço dela. E, por aí, ele esteve sempre envolvido com a própria constituição da Modernidade. Isso não significa, é claro, que não se possa mudar ou atualizar os sentidos de currículo; não há um sentido impresso nessa palavra, da mesma forma que jamais existe um sentido impresso em qualquer palavra. Mas é preciso sempre examinar o que se perde e o que se ganha com as eventuais mudanças de sentido, sejam tais mudanças feitas por deslocamento, por ampliação ou por restrição (VEIGA-NETO 2004, p.14).

Como destaca o autor, o conhecimento sobre o currículo faz com que desmistifiquemos a concepção de entender que currículo é algo técnico e hierárquico. Ao analisar a fala do autor e da professora, verifica-se a dualidade de pensamentos, ambos dentro da sua visão de vivência. O autor deixa implícita a autonomia de pensar o currículo para cada instituição; a professora pesquisada, sua idealização do mesmo. Em meio a tudo, depara-se com a literatura e a prática, em confronto com a realidade vivida pelos profissionais da educação, sendo os entraves as políticas públicas impostas a cada quatro anos. Quando vão pensar em ensino de qualidade? Quando vão ouvir os professores, as instituições e os teóricos?

Percebem-se os conflitos e as divergências dos vários segmentos que regem a educação. Os estudantes no meio, sendo negligenciados ou recebendo um ensino que, em partes, não os preenche, mas os exclui e delimita seu pensamento, poda sua indagação e reflexão. Depara-se com a ideologia imposta, que caminha em benefício próprio, desconsiderando a realidade e as vivências de tantos estudantes, frustrando e limitando a forma de pensar e de ensinar de tantos professores. Nos questionamentos feitos, que seguiram um roteiro pré-estruturado na entrevista com a professora pesquisada, houve a necessidade de avançar durante o diálogo. Dessa forma, questionou-se se ela compreendia a Base Nacional Comum Curricular como um alicerce para a elaboração do currículo de cada instituição. Assim ela expôs:

A princípio eu achava que a BNCC cobrava demais e que não considerava a escuta sensível. A forma de apresentação da mesma, como uma imposição, assustou. Hoje, depois que estudei e compreendi melhor, eu vejo de uma forma diferente. Ela veio cobrar a reelaboração do currículo. É preciso entender seu objetivo e as entrelinhas postas na mesma (PROFESSORA, 2020a).

A professora foi enfática ao revelar sua primeira impressão em relação à BNCC, assim como foi para muitos educadores. Todavia, ao compreender as

habilidades e sua forma de trabalho, relata as contribuições que ela trará para a elaboração do currículo de cada instituição. Espera-se que as competências elencadas na BNCC e as habilidades a serem alcançadas pelos estudantes em cada ano de ensino possam trazer a liberdade de elaboração do currículo por cada escola. Ainda em conversa com a professora, ela assevera:

Cabe a mim, enquanto professora, buscar contemplar meus estudantes com as competências e habilidades postas na BNCC, mas considerando e ponderando e constantemente fazendo uso da escuta sensível de todos os objetivos e conteúdos trabalhados em sala de aula. Quando eu direciono e faço meu trabalho pautado na escuta, eu considero meus estudantes. E vejo que a BNCC oportuniza, sim, o trabalho com a escuta sensível. Quando os professores exercem realmente seu papel de educador, que é esse canal entre competências, habilidades e objetos do conhecimento. Procuro contemplar e atender meus estudantes, oportunizando e fazendo a diferença no ensino (PROFESSORA, 2020a).

Prosseguindo o diálogo sobre a BNCC, a professora faz-nos refletir sobre o processo de ensino voltado para contemplar as competências e as habilidades do documento. Ela pontua que é possível articulá-los com a escuta sensível. Percebe-se que ela atenta às competências e habilidades, e isso a faz pensar em uma forma de ensinar que considera o pensar de cada estudante, bem como suas habilidades.

O currículo proposto nas instituições de ensino segue as políticas públicas vigentes. Em específico desde o início de 2020, a Base Nacional Comum Curricular deu suporte para que a escola elabore seu currículo. Conforme já mencionado, a professora compreende que a BNCC oportuniza o trabalho com a escuta sensível, que isso está assegurado nas competências e habilidades. Há que se ponderar que, como esse processo de implementação está ocorrendo neste ano de 2020, em meio a um período pandêmico, é precoce afirmar que não encontrará empecilhos ou fragilidades em fazer uso da escuta sensível.

Promover a escuta sensível durante o ensino é uma escolha do professor. Entretanto, tudo que articula o processo de ensinar deve ser considerado e efetuado, desde o currículo, planejamento, metodologia e a prática de ensino. Quando a escola está organizada de forma a não dar a liberdade de escolha ao professor, principalmente no engessamento do currículo, vai dificultar o trabalho com a escuta sensível.

Quando há flexibilidade de atuação do docente frente ao currículo adotado

pela escola, bem como da forma de pensar e planejar a ação docente, o professor consegue ter liberdade de pensar sua atuação e articulá-la com a escuta sensível. Ela está ligada ao ato de ensinar não somente como parte de uma técnica ou uma metodologia, mas articula-se aos contornos da ação de ensinar.

Ao escutar o estudante, o professor interliga essa ação ao seu planejamento, pois ele parte desse processo para chegar até ele com a prática de ensino que melhor contemplará as necessidades de aprendizagem visualizadas no processo de ensinar. Logo, o currículo precisa permitir que o professor faça essa articulação. Sendo as vivências no âmbito escolar algo extremamente relevante, expõe-se abaixo um trecho do diálogo com a estudante.

Ah, esse dia foi muito legal, a professora do outro quinto ano e a nossa levaram a gente para um piquenique fora da escola e isso foi muito divertido, e muito bom, porque a gente se juntou, brincou, jogou futebol, comemos muito bolo, doces, refrigerantes e teve a hora da roda de música, então isso foi muito legal e gostosinho (ESTUDANTE, 2020).

A estudante relata uma ocasião de uma experiência que a marcou, não somente a ela, mas toda a turma. Foi um momento especial cuja ocorrência só foi possível porque o currículo da instituição permitiu. Dessa forma, a professora, nesse passeio, proporcionou aos seus estudantes aprendizado de vida. Ela saiu do engessamento de conteúdos e ofertou-lhes uma fusão de conhecimentos. O dia em que ocorreu o fato ficará na memória daqueles estudantes, já que foi algo prazeroso e marcante.

Compreender o que vem a ser o currículo de uma instituição de ensino e sua principal função depara-se com divergências que necessitam ser expostas neste texto. A teoria com suas definições destaca a importância de considerar o entorno escolar e envolver os professores nas discussões, e a professora expõe sua realidade e as políticas públicas que objetivam favorecer as divergências e fazer valer a lei da imposição a cada troca de governo. Ambos buscam deixar seu legado na educação. Uns segmentos consideram a realidade dos estudantes, enquanto outros a ignoram. Em busca de mais afirmações que façam refletir sobre o diálogo estabelecido, acrescentam-se as concepções de Veiga-Neto (2004):

Restringir demais o conceito simplesmente às instâncias daquilo que acontece e se ensina nas salas de aula pode ter o efeito de “tecnicizar” o ato educativo. Nesse caso, os efeitos políticos no âmbito da cultura e da

sociedade parecem ser os mesmos daqueles causados pela conteudização do currículo. Se a conteudização do currículo é uma redução da ordem da epistemologia, a sua restrição ao “ensinar e aprender na sala de aula” é uma redução da ordem do espaço. Em ambos os casos, reduzir o conceito significa nos enfraquecer diante do currículo, isso é, subtrair de nós mesmos o poder – ou, pelo menos, parte do poder – de nos valermos do currículo para intervir pedagógica e politicamente no mundo social e no mundo da cultura (VEIGA-NETO, 2004, p.13).

Na citação de Veiga-Neto (2004), é possível perceber o quanto considerar a cultura e o social da comunidade escolar se faz pertinente no momento de estruturar o currículo e de desenvolvê-lo em sala de aula. Fala-se em saberes, e não em memorizações e repetição. Aprender e ensinar vai além de decifrar listas e mais listas de exercícios. A escuta sensível faz-se presente em meio ao desenvolvimento do currículo, pois, por meio dela, é possível tornar humanizado algo que parece ser tão técnico. Ainda com o autor Neto-Veiga (2004) expõe-se:

Em suma: currículo e mundo social e da cultura guardam íntimas e mútuas relações de interdependência, tendo a escola (obrigatória e universal) como, digamos, mediadora. Em outras palavras, o currículo ajuda a construir/constituir a sociedade e a cultura ao mesmo tempo em que é por essas construído/constituído (NETO-VEIGA, 2004, p. 10).

A escola, em sua função mediadora do ensino, que busca oportunizar conhecimento na igualdade, respeitando as diferenças de pensamentos, encontra-se na fala do autor quando coloca a construção e constituição de uma sociedade. Isso é tão intenso nessa afirmação que faz com que repensemos a forma de fazer educação. Nela se aprende a ser e a ver o outro como seu semelhante, entendendo suas particularidades e diversidades.

O currículo discutido pelos autores traz o conceito que oportuniza à escola a liberdade de criação e permite que os professores tenham oportunidade de reinventar-se diante dos problemas que emergem cotidianamente. No entanto, cada estado e município possuem políticas públicas que estruturam e direcionam como deve ser trabalhado o currículo. Mas é somente na escola que este é implementado e efetivado. Dessa forma, as discussões são amplas no que tange a currículo e planejamento.

Mesmo diante de desafios no que se refere ao currículo e sua efetivação no âmbito escolar, os professores se reinventam a cada dia para colocar em prática um currículo inclusivo, que atenda a todos em suas especificidades.

Como exposto pela professora, ela buscou, dentro das possibilidades ofertadas, efetivar as práticas de ensino partindo da escuta sensível. Evidencia-se, assim, que as burocracias e políticas públicas dificultam em determinados momentos sua ação docente com base na escuta sensível. Ainda há um caminho longo a ser percorrido entre o que se lê nos escritos de autores e o que as políticas públicas de fato impõem a cada estado, município e escolas.

5.2 O ensino com base na escuta sensível?

A concepção de escola é que ela seja um ambiente que oferta o ensino formal, respaldado na legislação e nas políticas públicas, um lugar propício à aprendizagem e ao ensino. É uma denominação assertiva ao conceito de escola a nível superficial. Mas a escola é somente isso? Assim, reflete-se sobre a função ampla desse espaço.

Compreende-se que a escola vai além do ensino formal. As mais variadas culturas, etnias, costumes e religiões transformam-na em um lugar rico e favorável às mais diversas aprendizagens. Cabe a ela sistematizar o ensino, prover conhecimento tecnológico, científico e para vida. Silva (2002) salienta:

A escola é o *lócus* de construção de saberes e de conhecimentos. O seu papel é formar sujeitos críticos, criativos, que dominem um instrumental básico de conteúdos e habilidades de forma a possibilitar a sua inserção no mundo do trabalho e no pleno exercício da cidadania ativa (SILVA, 2002, p.196).

Para a autora, a escola necessita propiciar conhecimento que leve os estudantes a serem sujeitos da sua aprendizagem. Ela rompe com o conceito de aprendizagem pautada no domínio conteudista. O envolvimento com a comunidade em atividades extracurriculares ganha forças no ambiente escolar, e isso a torna um lugar de construção e socializações, provando que ela vai além de ofertar ensino formal.

O ensino deve ser pensado de forma a oportunizar que os estudantes sejam protagonistas da sua aprendizagem, pautados na realidade existente naquele contexto, atendendo às buscas e aos anseios dos mesmos. Assim, a conjuntura atual de ensino exige do profissional em exercício que possibilite momentos de discussões e reflexões sobre o cenário social atual. Ensinar não se respalda apenas

em proporcionar aos estudantes o domínio de conteúdo do currículo. Instigar e problematizar a aula faz com que eles interajam de maneira participativa e autônoma. A professora pesquisada assim entende o ato de ensinar:

Ensino de forma a aliar-se a mediação da aprendizagem, aquilo que leva os estudantes a aprenderem e entenderem que precisam buscar as respostas e não esperar prontas. Eu faço uso das práticas de ensino para organizar meu trabalho pedagógico e pensando nessa organização desde o planejamento do que eu quero desenvolver em sala de aula, procurando levar meus estudantes a pensar, até que ele chegue à conclusão, entenda a atividade e responda. Jamais eu ficar dando resposta, acho que hoje eu tenho esse entendimento, não sou eu que tenho que dar as respostas, mas sim eles que carecem buscar (PROFESSORA, 2020b).

Cada professor possui sua metodologia e desenho de ensinar, porém há necessidade de estar constantemente em busca de ressignificação. Para não cair no comodismo e fazer uso das mesmas práticas, o professor necessita ouvir sensivelmente seus estudantes e, com base na escuta, agir, ou seja, realizar uma reflexão crítica que o leve a redirecionar suas ações.

O empoderamento que a escola possui precisa sobressair e deixar de ser controlado, com limitações advindas das burocracias. Ela é muito mais que amontoados de regras. Há necessidade de tê-las, sim, mas elas não podem restringir a diversidade na forma de ensinar de cada professor. Nessa perspectiva, Canivez (1991) afirma:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra (CANIVEZ, 1991, p. 33).

É necessário transcender os bancos escolares, pois o ensino de forma mecânica não se encaixa na sociedade atual. Educar para a vida é preparar a criança para comunicar-se nas diferentes linguagens, levá-la a desenvolver-se pedagogicamente e conseguir resolver conflitos e situações problema.

Diante de algumas constatações no que tange à profissão docente, hoje esta é instigante e plausível de investigações profundas. O que faz o professor prosseguir e ter forças para enfrentar mandos e desmandos, imposições, cobranças é o valor

que atribui à profissão e a crença que carrega e o conhecimento de que as mudanças virão do ensino. Dessa forma, traz-se um trecho que valoriza o pensar em continuar a ensinar, pois alguém reconhece, e esse alguém chama-se estudante: *“Nós sempre fazíamos muitas brincadeiras, principalmente nas aulas de educação física. Era muito legal, quando íamos brincar, divertido, eu sempre vou lembrar da professora, gosto muito dela, ela é querida e carinhosa”* (ESTUDANTE, 2020).

O trabalho docente na sala de aula é desafiante, mas gratificante quando se depara com os relatos acima, pois fortalece a ação docente e dá combustível para que o professor, cada vez mais, busque fazer seu trabalho pautado na ética e no compromisso de proporcionar ensino de qualidade. Continuando o passeio pelo universo do professor, desafios, fragilidades e potencialidades na profissão e no processo de ensinar, indagou-se à professora como ela visualiza o ensino. Ela assim se manifesta:

Ensinar é uma mistura de um todo. Quando eu tenho conhecimento de várias teorias eu faço uso na sala de aula buscando quais estudantes se adaptam e melhor aprendem. Ensinar, começa pelo pensar? Qual é a turma que eu tenho? Onde eles estão? Com o diagnóstico da turma e sabendo como se encontra o nível de conhecimento de cada um, eu vou planejar de forma a atendê-los. Eu gosto de fazer uso daquilo que visualizo que para meus estudantes vai funcionar, que eles aprendam (PROFESSORA, 2020a).

A professora relata como faz para ensinar seus estudantes e salienta atender a todos quando possível. Para isso, ela faz o uso da escuta sensível e tem conhecimento como cada um de seus estudantes aprende. Dessa forma, busca no planejamento de suas aulas contemplá-los. Nessa perspectiva, Anastasiou (1997) acrescenta:

Ensinar é uma tarefa que inclui um uso intencional (algo que alguém se destina a fazer, portanto, com meta explícita) e um uso de êxito (resultado bem sucedido de ação). Inclui, assim, um conjunto de esforços e de decisões práticas que se refletem em caminhos propostos, ou seja, nas opções metodológicas (ANASTASIOU, 1997, p. 95).

Ensinar é atender às particularidades dos estudantes, e isso vem sendo constantemente debatido. As escolas enfrentam barreiras que limitam seu crescimento, principalmente a falta de liberdade e de poder de decisão quanto ao financeiro. O professor em determinados momentos fica sem ação ou sem saber como proceder frente aos desafios que fogem da competência da sua profissão. A esse respeito, Prado e Cunha (2007) salientam:

O professor-reflexivo faz pesquisa-ação, experiência que repercute em três dimensões: a do desenvolvimento profissional, a da prática social e política e, por consequência, dá visibilidade ao conhecimento produzido pelos professores. Na pesquisa-ação, os professores pesquisam sobre a sua prática e sobre o contexto de seu trabalho e, refletindo sobre suas atividades, sobre seu ensino e as condições sociais que o produzem, criam saberes denominados “teorias práticas do professor” (PRADO; CUNHA, 2007, p. 04).

As mudanças na forma de ensinar do professor somente ocorrerão se este visualizar a importância das mesmas para seu trabalho. Isso depende também da concepção que o professor possui do seu trabalho, uma vez que sair da zona de conforto traz instabilidade e mudanças e envolve desconforto. Ser um professor reflexivo é desenvolver uma prática que seja transformadora, significativa, pertinente ao contexto social dos estudantes, é romper com uma prática mecanicista, que tem como foco a transmissão de conteúdo. É necessário considerar todo o contexto e a realidade vivenciada pelos estudantes. De acordo com Kolb (1984, p. 26.), “[...] aprender é examinar as hipóteses, experimentando-as, incorporando-as ou modificando-as em função das novas situações de experiência”. Conforme o autor, a aprendizagem é um experimento que relaciona teoria e prática e, nesta, vivenciam-se e conhecem-se as ideias, valores, crenças e culturas imersas no ato de aprender. Escutar o outro é observá-lo profundamente, investigando-o nas suas ações.

Quem se propõe a ensinar canaliza todo seu esforço para que o aprendiz consiga compreender aquilo que está sendo ensinado, retribuindo com feedback. A professora, na sequência de suas pontuações referentes a esse processo, relata:

[...] ensino de cada professor que faz com que ele cria mecanismo de mobilizar os saberes em sala de aula. O professor precisa refletir sobre sua prática de ensino, se realmente está atendendo as necessidades dos estudantes ou não, eu preciso reorganizar o meu trabalho para potencializar o aprendizado e levar meus estudantes a aprender (PROFESSORA, 2020).

Sistematizar o ensino e sentir a necessidade de investigação ainda é deficitário nos professores, porém o contexto atual impulsiona para o olhar investigativo e para transformar em conhecimento para outros as experiências vivenciadas, principalmente por meio do ensinar na contemporaneidade. Contudo, ainda há a necessidade de o professor sentir-se um aprendiz, ter a compreensão de que sua realidade é um espaço que oportuniza e proporciona respostas às problemáticas educacionais emergentes no cotidiano escolar. De acordo com Antunes (2008):

Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes (ANTUNES 2008, p. 32).

Ser reflexivo na profissão docente é buscar melhorar a sua prática e contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem que promova o protagonismo das crianças. Quando reflete sobre a própria prática, o professor tem a oportunidade de melhorar seu trabalho a partir de fundamentos e ações que se transformam em práticas que buscam modificações educacionais e uma melhor qualidade no seu processo de ensinar. Os professores e toda a equipe escolar buscam resolver ou minimizar tanto situações pedagógicas quanto administrativas, porém isso fica restrito e no campo do empirismo. Por falta de tempo ou de outra justificativa, deixam de relatar e torná-las uma pesquisa. De acordo com Freire (2002):

Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistia validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 2002, p. 12 - 13).

O processo de ensinar é um caminho determinante e fundante que possibilita o aprender. Mas como saber se está proporcionando aprendizagem? O diálogo reflexivo e a sensibilidade em ouvir o que os estudantes expõem sobre a condução do processo direcionam a melhorar o processo de ensinar. A ação-reflexão-ação possibilita o pensar e ouvir antes de agir. Portanto, para tal ação, é preciso aprender a como fazer. Freire (2002) assegura que ensinar e aprender é um exercício de diálogo e troca de ideias, conhecimentos, aprendizagens e sintonia. Para a professora, a aprendizagem é alavancada quando se proporciona ao estudante que ele seja o sujeito da mesma. Ela expõe:

Considera-se a aprendizagem do estudante, que ele seja realmente sujeito da própria aprendizagem. Para isso fazemos uso de diferentes formas de ensinar o trabalho com a sequência didática, ou com projeto. Não pronto, mas sim desafiando e instigando, para que eles busquem (Entrevista, com a professora, junho, 2020).

Ensinar é uma prática que perpassa, que vai além de ser uma técnica; envolve o eu, o entendimento que tenho sobre o meu agir e pensar. Aprendemos e ensinamos desde a mais tenra idade e iniciamos isso com nossos cuidadores na

infância, com os pais ou responsáveis. Nesse contexto, aprofundamos mais sobre o ensino que tem por objetivo o ensino formal no âmbito escolar.

No entendimento de Fazenda (2002), a interdisciplinaridade leva todo professor a reconhecer os limites de seu saber para acolher as contribuições das outras disciplinas. Assim sendo, uma ciência é complemento de outra, e a dissociação, a separação entre ciências é substituída pela convergência para objetivos comuns. Assim, a autora discorre de forma diferenciada sobre a interdisciplinaridade. Ela entende que necessariamente não precisa haver um envolvimento de todas as disciplinas. Se os objetivos, a metodologia e o processo avaliativo conjugam entre si, é possível afirmar que o processo de interdisciplinaridade ocorreu.

Conforme Fazenda (2002):

Ser interdisciplinar não permite atitudes de incoerência que se caracterizam pelo aniquilamento de alguns atributos de interdisciplinaridade que são “a afetividade, o respeito e a humildade, que impele às trocas inter-subjetivas e parcerias.” Quem não for coerente não consegue ser interdisciplinar. A coerência vai de pensamentos a atos, é uma virtude que é movida pela humildade, ou seja, se não formos humildes para perceber que somos limitados, dentro de um ser naturalmente e incoerente, nunca iremos nos flagrar em um momento, *flash* de coerência (FAZENDA, 2002, p. 37).

O conceito que por muito tempo perdurou foi partir de um tema gerador e encaixar todas as disciplinas dentro do mesmo tema, sem o mesmo estar propiciando abertura para isso, algo que levava os professores a desistir de realizar planejamento interdisciplinar. Relacionar todas as disciplinas em uma mesma temática seria forçá-las, o que não é interessante, pois as disciplinas que naturalmente conseguem fazer a interdisciplinaridade ajustam entre si sem serem forçadas. Entretanto, aquelas que não conseguiam acabavam sendo forçadas e perdia-se o objetivo da interdisciplinaridade, que é proporcionar aos estudantes enxergar o conteúdo de uma aula como extensão de outra. É possível realizar a interdisciplinaridade entre duas, três disciplinas; determinados conteúdos, com mais disciplinas.

De acordo com Freire (2002), ensinar parte do pressuposto da relação entre sujeitos na qual se estabelece o ensino, que deve propiciar aprendizagem sobre algo. Conforme a professora expõe, faz-se necessário olhar para sua prática e

analisar se está sendo coerente com as dificuldades emergentes dentro da sala de aula.

Quando o estudante compreende o conteúdo e as atividades na prática, é importante, pois a aprendizagem acontece. É a forma de ensinar de cada professor que faz com que ele crie mecanismos de mobilizar os saberes em sala de aula. O professor precisa refletir sobre sua prática de ensino, se realmente está atendendo as necessidades dos estudantes ou não, eu preciso reorganizar o meu trabalho para potencializar o aprendizado e levar meus estudantes a aprender (PROFESSORA, 2020).

Na essência, o ensino somente ocorre com intensidade quando possibilita rupturas e quebra paradigmas consolidados, quando contribui para levar os estudantes ao caminho que transporta ensino e conhecimento referente ao que está sendo instruído. Isso fica evidenciado na fala da professora pesquisada: repensar a forma de ensinar em determinados momentos é preciso.

A fim de que ocorra o despertar do aprender, na concepção de Freire (2002) é preciso romper com o ensino bancário. O aprender possibilita aos estudantes aprendizagem libertadora, aquela em que o estudante se apropria daquilo que está sendo ensinado de uma forma subjetiva.

Ensinar é agir, olhar e escutar sensivelmente, contribuir para que a aprendizagem flua de tal forma que leve o estudante a seguir nas suas buscas pelo ensino. É navegar em mares desconhecidos que ofertam adrenalina, medo, paixão, interesse, vontade e muita atenção a tudo. Anastasiou (1997) assevera:

Ensinar é uma tarefa extremamente complexa e que exige do professor uma contínua pesquisa dos elementos intervenientes do processo construído com o aluno, pelo aluno, pelo coletivo, na transmissão–assimilação–construção do saber escolar (ANASTASIOU, 1997, p. 99).

Ensinar não é fácil, já que exige de quem o faz dedicação e buscas constantes por aperfeiçoamento. Articulando a fala do autor com a da professora, observa-se que ela conhece a forma como cada estudante seu aprende. Para que ela tivesse esse conhecimento, foi necessária a escuta sensível para conhecer como cada um de seus estudantes aprende, ao passo que o autor destaca e enfatiza a importância da pesquisa e do conhecimento no processo de ensinar. A professora relata em seu diário de memórias:

A forma de ensinar depende muito da turma que se tem, cada estudante tem um jeito diferente de aprender. Por meio da escuta sensível eu consigo perceber isso, então preparo atividades e direciono as explicações conforme a forma de aprender de cada um. Ensinar é estar atento às reivindicações dos estudantes (DIÁRIO DE MEMÓRIA DA PROFESSORA, 2020).

A forma de ensinar necessita ser vista pelo professor como um momento que possibilite a reflexão teórica sobre a ação. Partindo dessa análise, ele pode enxergar as oportunidades e possibilidades de proporcionar ensino que auxilie os estudantes na superação dos desafios.

O ambiente escolar é um espaço mágico e ao mesmo tempo desafiador, com multiplicidades de sentimentos que permeiam esse espaço, pois é nele que o professor se depara com sonhos, mas também com estudantes desmotivados, sem perspectiva. Muitas vezes até mesmo o professor encontra-se vivenciando tal sentimento. O grito fica preso na garganta sem poder soltá-lo, ou, ao soltá-lo, não é escutado. São tantas as problemáticas na escola que os professores acabam esquecendo quem são, perdem-se na sua identidade diante do caos instalado muitas vezes no seu ambiente de trabalho. Prado e Cunha e (2007) afirmam que o professor pesquisador, aquele que faz uso do cotidiano e o transforma em pesquisa, consegue ter uma dimensão maior das suas problemáticas evidenciadas no ambiente escolar e, por meio da pesquisa, tem a oportunidade de transformar a realidade:

A diferença entre um/a professor/a que produz conhecimentos e saberes e mantém uma postura interessada e um/a professor/ex-pesquisador/a é que o primeiro muitas vezes não sabe ou não quer manejar os instrumentos e sistematizar sua produção de forma que seu conhecimento possa ser reconhecido como pesquisa. A pesquisa supõe uma intencionalidade, um sentido de direção, um objetivo que mobiliza a reflexão (PRADO; CUNHA, 2007, p. 06).

De um lado, toda a importância do ensino para mudanças e quebra de paradigmas tão necessário; de um outro, o medo, submissão, desconforto, sentimento de perda identitária, repulsa, contradições, abandono. Esse é o retrato da profissão docente de hoje.

As burocracias educacionais de um sistema ideológico, as cobranças excessivas, associadas a mazelas de uma sociedade que enfrenta problemas

socioeconômicos, tudo isso é descarregado na escola. A busca por consolidação na profissão, por estabilidade profissional e por conhecimento para lidar com os desafios trazidos pelos estudantes - que não é pedagógico - adoce o corpo e mente do professor. As mazelas advindas do mundo externo, real dos estudantes e as imposições dos órgãos representativos educacionais, às vezes com determinações e ordens, são as principais feridas que afetam os professores.

O paradoxo vivenciado diariamente pelos professores leva-os a arrancar de dentro do seu ser as forças para seguir em frente na profissão que escolheram. Apesar dos desafios, eles têm o conhecimento de que esse lugar, em que pulsa vida e sentimentos, é cheio de transformações e questionamentos passíveis de investigação.

Esse espaço no qual os professores estão inseridos diariamente, muitas vezes passa a ser somente a sala de aula cheia de situações problema que emergem das burocracias impostas por um sistema de educação que limita o trabalho com suas regras exageradas, que não coloca na frente os estudantes e os professores. Essa situação acaba deixando os professores angustiados e sem tempo para ser um pesquisador. Assim, diante dos anseios e aflições, eles buscam soluções pedagógicas rápidas que os auxiliem no seu fazer pedagógico. Morin (2000) salienta:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar (MORIN, 2000, p. 39).

O autor aborda a importância do ensino que considere o biológico, o psicológico, o social, o humano e a cultura, ou seja, é necessário considerar o desenvolvimento integral. Soa complexo, mas não se separam esses aspectos. A educação do futuro precisa sensibilizar as pessoas da sua condição de existência e toda a vida à sua volta. Faz-se necessário o respeito à vida, bem como à natureza, ao universo e a toda a diversidade existente.

Ensinar e aprender, inevitavelmente, caminham juntos, porém é necessário adequar-se à realidade na qual professores e estudantes se encontram-se imersos.

Essa ação, para que de fato se efetive e faça jus ao seu significado e leve à transformação almejada, deve perpassar as diferentes esferas educacionais, bem como deve haver a união de todo o segmento educacional. Ensinar é contribuir para que o outro ser seja questionador, reflexivo, sujeito ativo da sua aprendizagem, autônomo e protagonista de sua vida.

5.3 Escola, ensino e ressignificação de práticas diante do inesperado

Que bom que existe a “escola”, para ser parceira das famílias no processo de educar. Ela possui a função de propiciar a educação na perspectiva de promover a inserção social. Não caminha sozinha, nem deve ser a única instituição responsável por promover essa ação. É fundamental a união com as famílias e demais instituições na busca por oportunizar o desenvolvimento integral dos estudantes. Vivenciam-se muitas mudanças no âmbito educacional e almeja-se ensino com qualidade e inclusivo para todos os estudantes.

As práticas e metodologias adotadas para trabalhar, bem como o conhecimento referente à docência, passam constantemente por uma reciclagem. Para que se possa efetivar o trabalho, é preciso considerar as mudanças, principalmente aquelas que diretamente envolvem a infância e o processo educacional.

Em tempos difíceis, em meio a uma pandemia da Covid-19, o ensino passa por alterações. Os lares dos estudantes e professores tornam-se a sala de aula. Essa adaptação foi necessária para que as aulas retornassem. Depois de três meses sem aula, o retorno foi necessário. Estudantes e professores estão a enfrentar vários desafios, entre eles como ensinar e aprender em um momento tão crítico socialmente. A entrevista com a professora ocorreu no momento em que o ensino remoto estava iniciando para as escolas públicas estaduais de Mato Grosso. Em diálogo com a professora sobre o ensino remoto, ela comenta:

O momento tão difícil que todos estamos enfrentando, não tem sido fácil pensar o trabalho docente sem estar com os alunos na escola. Estamos começando esse processo e já dá para ver que não será fácil. Nossas crianças estão acostumadas com a sala de aula, a correria no pátio no momento do intervalo. Vão demorar para acostumar com essa forma de estudar. E será mais difícil ainda para aqueles que não têm acesso à internet e que o trabalho será pela apostila (PROFESSORA, 2020).

Durante a entrevista, o ensino remoto estava apenas iniciando, estava na segunda semana de aula. No entanto, observa-se que já há uma preocupação da professora em relação a dificuldades a serem enfrentadas, tanto pelos estudantes, quanto pelos professores. A escola, para os estudantes, é mais que um espaço no qual eles estudam; eles a visualizam como um lugar de interagir com seus pares, conversar, brincar e tantas outras coisas. Isso justifica a preocupação da professora em relação a essas trocas que, no ensino remoto, não são possíveis. Cunha (2009) ressalta:

A escola deve educar, também, para o desenvolvimento da autonomia do aprendente, abrangendo toda a complexidade que há na individualidade de cada um, pois a natureza humana é uma unidade complexa, é um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico (CUNHA, 2009, p. 113).

A escola tem sido um espaço de contribuição na construção de identidades. Apesar do desafio enfrentado pelo professor, tem sido um ambiente que impulsiona e difunde conhecimentos para a vida, acolhe e inclui, ultrapassa os muros e seus direcionamentos não são reduzidos à sala de aula, cadeiras e mesas enfileiradas.

Nessa parceria, os professores caminham ao lado da escola e buscam na formação teórica interligada à prática a contribuição para que o ensino melhore. Essa busca, que vem do profissionalismo, faz o professor refletir, inquietar-se. Sem isso, permanecer na profissão torna-se quase impossível. Ser professor na conjuntura atual é estar em constante movimento. Análogo a isso, Cerqueira apresenta:

Nesse aspecto, acreditamos que fazer da escola um lugar que reconheça crenças, desejos, fantasias, valores e os saberes espontâneos trazidos pelos alunos proporcionaria aos profissionais da educação abertura de espaços para romper com a resistência ao desconhecido revolucionando assim as práticas pedagógicas. Desse modo, levaria os profissionais a refletirem sobre o papel que desempenham em sala de aula como também possibilitaria que os mesmos reconhecessem seu estilo de aprendizagem (CERQUEIRA, 2006, p. 33-34).

A sala de aula é um espaço em que os estudantes buscam a realização dos seus objetivos, a construção do conhecimento e a consolidação da sua identidade educacional. O ato de ensinar consolida-se quando aquele que está sendo ensinado passa a construir seus conceitos e, partindo disso, busca aprofundar seus conhecimentos. As práticas de ensino trilham caminhos que transportam de forma clara e objetiva o conceito do que se pretende ensinar. Pautam-se no diálogo

reflexivo, que procura concretizar a teoria e a prática em uma conversa que favoreça a reflexão sobre o fazer e o aprender.

Dessa forma, a escola e o ensino fazem com que professores e estudantes busquem forças para superar desafios existentes na contemporaneidade, principalmente porque em tempos de pandemia o ensino ganhou novos contornos. O ensino ofertado pelas diferentes instituições tem sido busca constante de todos os profissionais da educação que estão na prática fazendo o ensino acontecer em tempos pandêmicos. Salientam Borstel, Fiorentin e Mayer (2020):

Pandemia reforçou que a sociedade, a escola e as famílias precisam reinventar-se a cada dia. Vivemos num momento de muitas incertezas, em que escola e família precisam mais do que nunca estar afinadas e alinhadas no processo educativo, formativo e emocional de todos os envolvidos. Mais do que nunca é preciso que o aluno tenha autonomia, protagonismo, engajamento e equilíbrio emocional diante de tantas incertezas. São novos tempos, que exigem novas posturas e atitudes de todos. E a escola no meio desse processo readaptou-se rapidamente, mostrando agilidade e flexibilidade (BORSTEL; FIORENTIN; MAYER, 2020, p. 42-43).

Em virtude de toda a complexidade que envolve a pandemia da Covid-19, foram necessárias mudanças no ensino. Os estudantes e profissionais ausentam-se do espaço físico escolar, mas não do ensino, como forma de prevenção para que o vírus não se alastre com muita rapidez, já que o isolamento diminui o contágio. A escola é um espaço em que há muitos estudantes e profissionais circulando e convivendo juntos, por isso o afastamento foi necessário.

Diante do cenário exposto, a preocupação vai além de incluir os estudantes e oportunizar-lhes momentos de ensino formal. A pandemia da Covid-19 trouxe medo, insegurança, devastação, dor para todos, para alguns com maior intensidade, principalmente ao perderem entes queridos. As crianças, em meio a tudo isso, têm sido uma preocupação. Elas estão fora do ambiente escolar formal. Foram privadas dessa socialização única que somente a escola oportuniza. De acordo com Oliveira e Silva (2015):

A busca pela melhoria da qualidade do ensino deve ser uma constante na vida dos educadores, considerando que cada dia é um grande desafio a este profissional, em estimular, orientar e direcionar os alunos a se formarem cidadãos conscientes, com perfil ético, crítico, criativo, habilidades em enfrentar desafios diante do que tem se apresentado na contemporaneidade, onde a tecnologia representa uma grande revolução nos métodos de ensino, trazendo várias transformações no acesso ao conhecimento (OLIVEIRA; SILVA, 2015, p. 11).

Conforme os autores, o professor procura constantemente aprofundar seu conhecimento para proporcionar uma boa aula aos seus estudantes, além de manter uma postura ética frente aos desafios que neste momento de pandemia todos dessa profissão estão enfrentando.

A educação tem passado por um período revolucionário, e professores e estudantes estão em processo de aprendizado. A tecnologia e a profissão docente nunca ficaram em tamanha evidência. Os desafios enfrentados pelos estudantes e professores têm fortalecido a figura desse profissional no processo de ensinar.

A profissão docente fica em evidência e mostra para a sociedade seu valor e necessidade. Ser professor é estar preparado para ensinar, seja qual for a metodologia adotada. O ensino remoto mostrou isso. As ferramentas adotadas são as mais variadas: *e-mails*, *whatsapp*, *facebook*, apostilas e aplicativos. Correlacionado a esse momento, em entrevista, a professora visualiza o cenário atual e relata:

O que ameniza um pouco o ensino remoto é que posso diariamente conversar com eles e com as famílias, para se cuidarem. O que prevalece é a saúde, ficar bem. Estamos vivendo tempos difíceis. Chegar até o meu aluno, não está sendo fácil, porque é preciso o uso de tecnologia, principalmente de internet. E isso torna-se complicado, porque nem todos os alunos têm acesso à internet e quando têm é limitado, somente dados móveis. Nesse caso, nossas crianças ficam desassistidas. Isso tem deixado o ensino remoto complicado, a falta de acesso e de tecnologia aos estudantes, os que não possuem acesso ficam à mercê de compreender sozinhos as atividades das apostilas, ou quando tem ajuda da família e responsáveis. Não consigo direcionar as explicações a todos, o trabalho está acontecendo aos poucos e para poucos, mas não está sendo fácil para nós, professores, e nem para os estudantes (PROFESSORA, 2020).

Em mais um momento do discurso, a professora expõe sua preocupação com aqueles estudantes que terão dificuldades de estudar pela plataforma *Teams*¹⁰. Esse aplicativo, mais sofisticado que o *meet*¹¹, está sendo usado pelos professores para atender os estudantes, no entanto são pouquíssimas as crianças que conseguem acessar devido à falta de internet.

¹⁰ *Microsoft Teams* é o que a própria *Microsoft* chama de “espaço de trabalho baseado em um chat que integra todas as pessoas, os conteúdos e as ferramentas que a sua equipe precisa para melhorar o seu engajamento e ser mais eficaz”. Disponível em: <https://brasil.softlinegroup.com/sobre-a-empresa/blog/microsoft-teams-entenda-o-que-e-e->. Acesso em: set. 2020.

¹¹ Reunião popular que tem por fim deliberar acerca de questões políticas ou sociais (ex.: *um meeting ao ar livre*). Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/meeting>. Acesso em: set. 2020.

O leitor pode questionar como a autora deste trabalho relata essas informações, com base em que dados? Em dados de vivências, pois é professora também quem escreve e enfrenta o momento atual, atuando em uma turma do quinto ano, na mesma escola em que a “professora pesquisada atua”. É nesse contexto de dor e sofrimento que se dialoga com Santos (2003):

Em um sentido estrito do termo, o medo é concebido como uma emoção-choque devido à percepção de perigo presente e urgente que ameaça a preservação daquele indivíduo. Provoca, então, uma série de efeitos no organismo que o tornam apto a uma reação de defesa como a fuga, por exemplo (SANTOS, 2003, p. 49.)

O medo assola a todos, há pressão em dar sequência com o ensino remoto, assim como o presencial. Em ritmos ainda mais acelerados, estão os professores à disposição dos estudantes cinco horas por dia e ocupando as demais horas preenchendo papeladas e planilhas, alimentando dois sistemas: O SigEduca¹² e o Teams. Os estudantes estão pressionados a realizar avaliação diagnóstica em plena pandemia, crianças preenchem os gabaritos em sua casa sem a orientação presencial dos professores, isso desde o primeiro ano do Ensino Fundamental. A exclusão no ensino tem chocado a classe de professores. No diálogo com a professora, ela coloca:

[...] acredito que apesar da dificuldade existente para todos, isso nos faz refletir. Essa distância me fez visualizar como nós, professores, somos importantes na vida dessas crianças. O trabalho pelo ensino remoto, mesmo não estando próximo aos estudantes, eu consigo direcionar as atividades. Por meio das explicações eles passam a ter direcionamento. Percebi que eles estavam com muita vontade de voltar a estudar. É muito difícil não estar próximo dizendo a eles, olha: aqui não é assim, precisa melhorar, presta atenção, vamos fazer novamente, aqueles direcionamentos presenciais (PROFESSORA, 2020).

A intenção e a vontade de atuar, de ensinar existe, no entanto há dificuldades em relação ao acesso de todos os estudantes, pois alguns não possuem a ferramenta principal que conecta o professor ao estudante e conduz o ensino remoto, a “internet”. Quantos estudantes se encontram nessa realidade? Inúmeros, incontáveis. Como a professora coloca, é impossível conseguir realizar o trabalho da mesma forma que em uma aula presencial.

Atuar com o ensino remoto é um aprendizado, uma resignificação de

¹² SigEduca é o módulo de Gerenciamento Eletrônico de Documentos (GED) da SEDUC para subsidiar o trabalho pedagógico e compor o registro da vida escolar dos alunos ao longo do ano letivo. Disponível em: <http://cos.seduc.mt.gov.br/>. Acesso em: out. de 2020.

práticas, para estudantes e professores. Talvez seja cedo para discorrer sobre as maiores fragilidades, pois são tantas que ainda não é possível mensurar os impactos ao certo. Afirmam Oliveira e Silva (2015):

A tecnologia sempre esteve presente na vida do homem, este sempre tem procurado uma melhor estratégia para realizar as coisas, buscando assim maximizar a qualidade de suas ações, para o alcance de metas, através de planejamento. O uso das tecnologias está presente nos ambientes educacionais, como recursos facilitadores do processo de ensino aprendizagem, ampliando possibilidades, e atuando como agente da inclusão social (OLIVEIRA; SILVA, 2015, p. 4-5).

Dessa forma, a tecnologia, neste momento tão complicado, tem contribuído de forma significativa para manter as aulas e os atendimentos aos estudantes sem a necessidade de estar presente fisicamente. Nesse processo, quando se relata a metodologia adotada para dar seguimento às aulas, tudo parece transcorrer muito bem. Porém pontua-se que, para os profissionais da educação, todo esse processo teve impactos, visto que foi necessário reaprender algumas coisas e aprender outras, emergir no mundo tecnológico, sem tempo para pensar se conseguiria ou não. Em suma, foi necessário o reinventar da profissão e das práticas de ensino.

Nesse período de tantas indagações, há necessidade de se aproximar mesmo mantendo a distância uns dos outros, a nível profissional, no intuito de fortalecer as práticas. Estreitou-se o vínculo entre os professores para que o ensino chegasse em parte para alguns estudantes. Diante dessa situação, observa-se o quanto a solidariedade e a empatia são importantes. Os professores reinventam-se a cada dia procurando minimizar os impactos da pandemia no ensino dos estudantes. Nessa perspectiva, Dunker e Thebas (2019) afirmam:

A empatia não é apenas reconciliação, mas conflito produtivo e trabalho criativo com a diferença. Entre a humanidade e a inumanidade, em cada um de nós, escuta empática que envolve a perda de nossas aparências, os reconhecimentos de nossas incoerências e a partilha de nossas contradições (DUNKER; THEBAS, 2019, p. 250).

Ser empático nas vivências cotidianas é imprescindível, pois não é uma situação confortável, principalmente para aqueles estudantes que muitas vezes não participam da aula porque a sua franquia de internet é apenas “a de dados móveis” do aparelho celular. As diferenças socioeconômicas entre os estudantes ficaram evidenciadas com muita nitidez neste período.

Diante de toda essa situação, os estudantes em sua maioria estão se

adaptando à forma de ensino ofertada. Eles e suas famílias ressaltam a dificuldade em fazer as atividades sem a presença física do professor e sentem a falta das aulas práticas, bem como da interação e da socialização propostas pelo ensino presencial.

Entre tantos desafios, talvez o maior de todos para o professor seja não conseguir proporcionar o ensino aos estudantes conforme planejado. Nesse sentido, cita-se o problema de acesso à *internet*. O aplicativo *teams*, como já mencionado, é um aplicativo complicado de ser manuseado pelos estudantes e professores, bem como necessita de uma *internet* com uma potência boa, mas, em determinados dias, isso não é possível. A *internet* na região de Alta Floresta oscila muito. O aplicativo *teams* ocupa um espaço grande na memória do celular. Em virtude disso, muitos estudantes não o baixaram, pois o aparelho que eles têm não comporta esse aplicativo.

O professor vem enfrentando grandes obstáculos para chegar ao seu aluno, o que se pode perceber em parte no relato da professora. O professor não tem tido mais horas marcadas para atender os estudantes, que constantemente entram no *Whatsapp* do professor para tirar as dúvidas referentes ao caderno pedagógico que usam para estudar.

Ao mesmo tempo em que o professor se encontra reservado em seu lar, evitando sair para não se contaminar, seu domicílio se transformou público. Esse profissional teve uma exposição de sua vida que até então era reservado a ele e sua família. A intimidade acaba sendo exposta, apesar do cuidado em evitar a exposição.

O seu telefone foi exposto para estudantes e seus familiares. As dúvidas acabam sendo minimizadas via *whatsapp*. Cada professor, em função de seu compromisso com o ensino, tem procurado efetivar seu trabalho dentro das limitações existentes, mesmo diante das imposições advindas das políticas públicas do estado de Mato Grosso.

Muitos são os desafios para conseguir lecionar utilizando recursos existentes há tempos, porém sem tanto uso no ensino presencial. Agora, todavia, são protagonistas no processo de ensinar. Destaca-se que a situação que, no início do ano, se julgava ser efêmera, não é mais.

Quão excludente está sendo a forma de ensino remoto. Os estudantes que carecem de atendimento especializado não estão recebendo, e há aqueles que, em decorrência de sua situação econômica, estão sendo privados de estudar por não possuírem celulares, *internet* e computadores.

Em meio a entraves profissionais, manter-se bem, com saúde intelectual e financeira, tem sido almejado por todos, bem como o fim de toda essa angústia. A carreira de professor sempre foi marcada por lutas de igualdade profissional e reconhecimento. Neste momento, a busca pelo respeito, dignidade e comprometimento com o ensino, mesmo em tempos de pandemia da Covid-19, tem sido árdua.

Ser professor é reinventar-se, ir além de suas forças, é ter a capacidade de argumentação e criação, fortalecer-se diante das fragilidades. Diariamente temos testado nossa paciência, resiliência e, acima de tudo, a empatia, bem como aprender a fazer uso de recursos e tecnologias, sem imaginar que seriam tão necessárias. Finaliza-se o texto pontuando as inúmeras dificuldades encontradas durante este percurso, bem como a importância do professor na vida dos estudantes. Mesmo diante de todos os recursos e tecnologia, evidencia-se a necessidade da presença constante do professor, mediando o processo de ensino aprendizagem.

A interação e a socialização entre estudantes e professores fazem a diferença e são essenciais neste processo. O professor segue reinventando-se na profissão em tempos de pandemia e buscando proporcionar aos estudantes apoio, ensino e trocas de experiências, mesmo à distância.

A professora teve participação importante nesse item, ao pontuar o que ela visualiza do currículo escolar, bem como ao mencionar algumas dificuldades em fazer uso da escuta sensível devido ao currículo engessado e às políticas públicas vigentes. Em vários períodos, foi possível visualizar as dificuldades enfrentadas por ela ao efetivar seu trabalho com base na escuta sensível.

O capítulo dá ênfase ao distanciamento entre o currículo discutido pelos autores e aquele que de fato é efetivado na sala de aula. Os autores trazem a concepção de ensino impregnada no currículo e, com ele, a abertura para escutar

sensivelmente os estudantes, fazer uso de metodologias diferenciadas, respeitar as particularidades de cada estudante e o meio social e cultural. Em determinados momentos é explícito, em outros fica implícito na fala da professora que há discrepância entre o currículo proposto pelo sistema e o ideal de ensino. A fragilidade exposta e imposta, o cumpre-se.

Destaca-se que este capítulo mostra um lado obscuro de represálias dentro do processo educacional, aquele que limita e não abre espaço para discordâncias. E isso não é inclusivo, mas excludente. Todas as discussões realizadas em prol da inclusão e da aceitação, bem como do respeito ao outro e de proporcionar aos estudantes o protagonismo, ainda se encontram na teoria. Os professores, como a professora que foi protagonista deste trabalho, para fazer seu trabalho da forma como acham correto, como visualizam que seu estudante aprende, muitas vezes, se desdobram para articular os conteúdos propostos dentro da aula mais dinamizada.

Na escrita desta dissertação foi evidenciada a prática de ensino de uma professora que leciona fazendo uso da escuta sensível. Por meio dela, ela passa a conhecer mais seus estudantes e efetiva nas suas práticas de ensino e aprendizagem conhecimento para a vida, buscando contemplá-los nas especificidades de cada um.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O FINDER DE UM CICLO QUE ABRE POSSIBILIDADES PARA OUTROS

As reflexões aqui relatadas fizeram parte de uma busca por desvelar as práticas de ensino de uma professora que faz uso da escuta sensível para ensinar. O interesse em aventurar-se e conhecer mais profundamente a prática de ensino da professora foi alavancado pelo intuito de mostrar aos demais professores as contribuições dessa prática na docência. Esta pesquisa mostrou que é possível fazer do uso da escuta sensível para ensinar e, por meio dela, saber como os estudantes pensam, agem e aprendem de forma diferente uns dos outros. Isso significa propiciar ensino que garante aprendizagem inclusiva. No entanto, há fragilidades, mas não imposição, pois ela mesma faz uso da escuta para ensinar e os dados evidenciaram isso.

Em relação às vivências expostas a cada fala da estudante durante o diálogo e contempladas nas páginas desta dissertação, pode-se afirmar o quanto o trabalho da professora pesquisada considera a escuta sensível para ensinar.

A forma como a professora busca trabalhar com seus estudantes, considerando-os nas suas singularidades e, ao mesmo tempo, na coletividade, respeitando as dificuldades e potencialidades de cada um, se dá por meio da escuta sensível que ela utiliza com seus estudantes. Em diversos momentos, ficou evidente o quanto a professora procura envolver seus estudantes em projetos, promover a interação e socialização entre eles.

Constata-se que a professora ensina de forma a propiciar o protagonismo, o

que fica evidente na fala dela ao incentivar os estudantes a serem participantes na aula, apresentando trabalhos, rodas de conversa, dentro da sala de aula e fora dela. Evidencia-se o quanto a professora se preocupa com a aprendizagem que sai do contexto conteudista de sala de aula. Ela faz isso quando os leva para os passeios, proporcionando-lhes estudantes contato com outras culturas e com a ludicidade, oportunizando, assim, aprender de forma prazerosa e instigadora.

Nos relatos da estudante, percebe-se a alegria ao descrever os acontecimentos do ano letivo de 2019. Ela deixa fluir em suas palavras o carinho para com sua professora. Traz em forma de relato vivências que a fazem lembrar com meiguice cada momento vivido com seus colegas. Ainda é possível constatar nas falas da professora e da estudante a conectividade dos acontecimentos, pois elas descrevem com detalhes os momentos de experiências, o que enfatiza o quanto a escuta sensível foi importante no processo de ensinar e aprender desta turma.

Ao referir-se à formação continuada de professores, a professora descreveu que ela é de suma importância, no entanto relata as fragilidades existentes ao fazê-la, uma vez que na escola estes momentos formativos são ofertados a todos os docentes, com diferentes formações e necessidades de estudo que, muitas vezes, diferem, mas acabam estudando as mesmas temáticas por imposições de políticas públicas.

A fala da professora revela que, em determinados momentos, o currículo limita sua ação, e isso gera consequências no aprendizado dos estudantes.

Realizar a pesquisa e escrever a dissertação trouxe uma experiência ímpar, agregou crescimento profissional e pessoal. Cada palavra que compôs estes parágrafos foi almejada pela pesquisadora e possui significados embebidos pela busca de uma educação igualitária, inclusiva e significativa para todos os estudantes. A pesquisadora carrega em sua essência o sonho de trazer algo tão pertinente para discussão.

Os escritos neste trabalho não são o fim, mas o término de um ciclo que iniciou em janeiro de 2019. A intenção com esta pesquisa foi, desde o início, mostrar as práticas de ensino realizadas por uma professora em atuação. O intuito é que demais professores leiam este trabalho e possam se permitir fazer uso da escuta

sensível para ensinar. Os escritos estão embrenhados de ações que mostram ser possível desenvolver o trabalho com a escuta sensível, que agrega na ação do professor e no aprendizado dos estudantes. Ensinar ouvindo-os e conhecendo-os significa levá-los a serem participantes ativos no seu processo de aprendizagem.

Considera-se que a escuta sensível, quando adotada pelo professor no processo de ensinar, permite que ele rompa paradigmas, vença obstáculos e trabalhe com a inclusão. Para que de fato isso se efetive, o professor carece querer e apropriar-se do que vem a ser essa escuta sensível. Não se decide fazer o uso dela, simplesmente, por achar que é algo que vai somar em sua ação docente. É preciso fundamentar-se, conhecer a profundidade do que é ouvir, pois escutar exige do escutador dedicação, libertar-se de preconceitos. Ao mergulhar no universo do estudante, o professor entra em sua intimidade, e as descobertas não são para causar estranhezas, mas para se colocar no lugar dele.

Espera-se que os professores que lerem estes escritos possam conhecer as contribuições no aprendizado dos estudantes e o que o ensino pautado na escuta sensível proporciona. Espera-se colher frutos da pequena semente semeada. Escrevê-lo trouxe a reflexão sobre a importância da pesquisa para o ensino, pois, por meio da mesma, é possível mudar, refletir, discutir e rever práticas de atuação ao ensinar.

Encaminhando-se ao término desta dissertação, deixa-se explícito que o entusiasmo inicial para escrevê-la, bem como a euforia e energia canalizada, foram parceiras. A trajetória de escrita foi compensada ao dialogar com a professora e com a estudante e delas ouvir as palavras tão encantadoras que permitiram viajar e vivenciar cada momento exposto em suas falas, ali, na sala de aula, nas práticas diárias, seja em ação no processo de ensinar ou no planejamento e na formação continuada. A escuta fez parte de cada ação profissional da professora pesquisada, bem como da pesquisadora ao ouvi-la.

Diante do imenso desafio enfrentado por todos em relação à pandemia da Covid-19, elencam-se as dificuldades encontradas por esta pesquisadora ao escrever esta dissertação, bem como ao coletar os dados. Foi necessário reorganizar os procedimentos metodológicos, que já haviam sido aprovados pelos

membros da banca de qualificação.

Devido à pandemia, foi necessária uma readequação na forma de ensinar, o que tem deixado os professores e estudantes em movimento por meio de descobertas e buscas por aprendizagem que chegue a todos. As trocas de mensagens e conversas têm sido parceiras para minimizar a distância estabelecida em função da covid-19.

Conforme evidenciado na pesquisa, a escuta sensível efetivada pela professora contribuiu para que os estudantes durante o ano letivo conseguissem manter um bom relacionamento e aprender de forma que incentivasse o protagonismo dos mesmos. Com base na escuta sensível, a professora realiza seu planejamento de forma a atender às especificidades pedagógicas de cada estudante, respeitando-os nas suas particularidades e formas diferentes de aprender.

Constatou-se, também, a importância da escola organizada por ciclos de formação humana no processo de ensinar fazendo uso da escuta sensível. A professora ressaltou as contribuições na exposição da sua fala e também na sua atuação enquanto docente, explicitada nos excertos extraídos dos dados coletados.

Finalizando este trabalho, convém salientar que, mesmo com os percalços vivenciados em função do período pandêmico, escrevê-lo foi gratificante. Entende-se que a problemática de pesquisa foi respondida e, com base nos dados coletados, foi possível constatar que a professora que atua no 2º ciclo de uma escola ciclada utiliza a escuta sensível nas práticas de ensino. O objetivo desta dissertação – investigar as características de um ensino pautado na escuta sensível – foi atingido. Nos capítulos deste trabalho constata-se como a professora efetiva a escuta sensível no seu processo de ensinar. Paralelamente às contribuições dessa ação, fica evidenciado no aprendizado dos estudantes a relevância dessa escuta sensível.

Ouvir de duas pessoas imersas no processo de ensino, de formas diferentes, uma professora e uma estudante, que ambas contribuíram de forma significativa para a composição deste texto foi gratificante e de grande aprendizado. Muitos são os desafios vivenciados na educação e, especificamente, na arte de ensinar. No entanto, quando se realiza a ação docente com dedicação, estudo e

comprometimento com a aprendizagem, rompem-se barreiras e quebram-se paradigmas que impedem a relação professor e estudante, bem como a aprendizagem mútua se estabelece entre ambos.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Camargos das Graças Léa. Metodologia de ensino: Primeiras aproximações. **Educar**, Curitiba: Editora da UFPR, n. 13, p. 93-100. 1997.

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

ARROYO, Miguel G. Ciclos de desenvolvimento humano e Formação de educadores. **Educação e Sociedade**, Campinas, n. 68, 1999.

AUSUBEL, David. P. **Aquisição e Retenção de Conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano, 2003.

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. **Série Pesquisa em Educação**, Brasília: Líber Livro Editora, v. 3, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARRETTO, Sá Siqueira Elba; MITRULIS, Eleny. Trajetória e desafios dos ciclos escolares no país. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 15, n. 42, mai./ago. 2001.

BASTOS, Rita. A fotografia como retrato da sociedade. **Sociologia**, Porto, v. 28, dez. 2014.

BRASIL. Decreto nº 6.571, de 17 de setembro de 2008. **Art. 60 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e acrescenta dispositivos ao Decreto nº 6.253, de 13 de novembro de 2007**. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: ago. 2019.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/9394.htm. Acesso em: ago. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2016.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** Campinas: Papirus, 1991.

CERQUEIRA, Cristina Tereza Siqueira. **(Con)Texto em escuta sensível**. Brasília: Thesaurus, 2011.

CERQUEIRA, Cristina Tereza Siqueira. O professor em sala de aula: reflexão sobre os estilos de aprendizagem e escuta sensível. **PSIC** - Revista de Psicologia da Vetor Editora, Brasília: Universidade de Brasília, v. 7, n. 1, p. 29-38, jan./jun. 2006.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem**: relação de amorosidade e saber na prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Wark, 2010.

CUNHA, Antônio Eugênio. Autismo e Inclusão - **Psicopedagogia e Práticas Educativas na Escola e na Família**. Rio de Janeiro: Editora Wark, 2009.

DUNKER, Chistian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista**: como escutar os outros pode transformar vidas. São Paulo: Planeta do Brasil. 4. ed. 2019.

FAOUR, Carla. **A arte de escutar**: histórias que revelam a beleza de ouvir e ser ouvido. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2009.

FARIA, Maria Izabel de Sabino; SALES, Branco Castelo Oliveira de Josete; BRAGA, Carvalho de Sampaio Margarete Maria; FRANÇA, Marques Lima Socorro do Maria. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília-DF, 2001.

FAZENDA, Ivani C. A. **Dicionário em Construção**: Interdisciplinaridade: 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 25. ed. Impresso no Brasil em 2002. (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIEDMANN, Adriana. **Lunetas**. 2019. Disponível em: <https://lunetas.com.br/2019>. Acesso em: 15 out. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Shmidt. Pesquisa qualitativa tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas São Paulo**, [s.l.], v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

HAMMEL, Ana Cristina; BORGES, Lilian Faria Porto. **A formação humana e a opção pelos ciclos de formação**. Seminário de pesquisa em educação da região Sul. 2012.

IMBERNÒN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para mudança e a certeza**. São Paulo: Cortez, 2001.

KOLB, D. **Experiential learning**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1984.

LIBÂNIO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola – Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LORENZON, Mateus; SILVA, Jacqueline Silva da. O princípio do ambiente na abordagem de planejamento no enfoque emergente: influências no planejamento pedagógico dos professores interfaces da educação. **Interfaces da Educ.**, Paranaíba, v. 5, n. 15, p. 207-221, 2014.

LUCA, Andreia Quirino de; ANDRADE, Daniel Fonseca de; SORRENTINO, Marcos. O diálogo como objeto de pesquisa na educação ambiental. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 37, n. 2, p. 589-606, maio/ago. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n2/14>. Acesso em: 20 mar. 2020.

MATO GROSSO. Secretaria de Estado de Educação. **Escola Ciclada de Mato Grosso, novos tempos e espaços para ensinar-aprender a sentir, ser e fazer**. 2. ed. Cuiabá: SEDUC, 2001.

MEC. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. **Indagações sobre currículo, Conhecimento e Cultura**. Brasília 2007.

MEETING, **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/meeting>. Acesso em: out. de 2020.

MELILLO, Aldo; OJEDA, Élbio Nestor Suárez. **Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas**. São Paulo: Artmed, 2005.

MINAYO, M. C. de S. *et al.* (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Título original: Les sept savoirs nécessaires à l'éducation du futuro.

NETO, Alfredo Veiga. Currículo, cultura e sociedade. **Revista Educação Unisinos**, [s.l.], v. 8, n. 15 jul./dez. 2004.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

O QUE são aulas remotas. **Sae Digital**. Disponível em: <https://sae.digital/aulas-remotas/>. Acesso em: out. 2020.

OLIVEIRA, Nayron Carlos de; SILVA, Adriana Lopes Barbosa. Docência no Ensino Superior: O Uso de Novas Tecnologias na Construção da Autonomia do Discente. Docência no Ensino Superior e o uso de novas tecnologias. **Rev. Saberes**, Rolim de Moura, v. 3, n. 2, jul./dez. 2015.

PADILHA, P. R. **Planejamento Dialógico**: como construir o projeto político pedagógico da escola. São Paulo: Ed. Cortez, 2001.

PALÚ, Janete; SCHÜTZ, Jenerton Arlan; MAYER, Leandro (orgs.). **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta, 2020. 324 p.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; CUNHA, Renata Barrichelo. A produção de conhecimento e saberes do/a professor/a pesquisador. **Educar**. Curitiba: Editora UFPR, n. 30, p. 251-264, 2007.

RINALDI, Carla. Diálogos Com Reggio Emília. **Escutar, investigar, e aprender**. Tradução de Vania Cury. 1. ed. São Paulo: Paz e Terra. 2012.

ROGERS, Carl R. **Liberdade de Aprender em Nossa Década**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins, 2001.

SACRISTÁN, J. Cimen. **O currículo uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. **Psicologia ciência e profissão** [online], [s.l.], v. 23, n. 2, p. 48-49. ISSN 1414-9893. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000200008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 25 mai. 2020.

SCHNEIDER, Mariângela Costa et al. O que fazer com o que emerge das crianças? planejando com as crianças do primeiro ano do ensino fundamental. **Imagens da Educação**, [s.l.], v. 7, n. 3, p. 74-85, 2017.

SILVA, Aida M. Monteiro. Da Didática em Questão às Questões da Didática. CANDAU, Vera Maria (org.). **Didática, Currículo e Saberes Escolares**. In: X ENDIPE. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 187-197.

SILVA, Jacqueline Silva da; SCHNEIDER, Costa Mariângela; SCHUCK, José, Rogério. O princípio do protagonismo infantil e da participação da criança na construção do planejamento no enfoque emergente. **Contemporânea de Educação**, [s./], v. 9, n. 17, jan./jun. 2014.

SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Ed. Mediadora, 2019.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 7. ed. São Paulo: Libertad, 2002.

VASCONCELOS, Maria Lucia M. de Carvalho. **A formação do professor do ensino superior**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

VEIGA, Ilma Passos da. **Projeto político pedagógico**. São Paulo: Papiros, 2010.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de anuência para a instituição de ensino

Por meio deste Termo de Anuência, a Escola Estadual Rui Barbosa, vinculada à Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), localizada no município de Alta Floresta/MT, autoriza a realização, em seu estabelecimento de ensino, da pesquisa intitulada “A escuta sensível e a prática de ensino de uma professora atuante com o 2º ciclo”, da aluna Andreia Cristina Pontarolo Lidoino, do curso de Pós-Graduação, Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari-Univates, situada no município de Lajeado, Rio Grande do Sul.

O objetivo geral da pesquisa é investigar as características de um ensino pautado na escuta sensível.

A participação desta Instituição é um ato voluntário e a deixa ciente de que a pesquisa não lhe trará nenhum apoio financeiro, despesa ou dano.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer qualquer dúvida quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estamos cientes de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados. Devido a isso, autorizamos a divulgação das informações, como as entrevistas com a professora, as observações da prática de ensino da professora com sua turma, anotações no Diário de bordo e fotografias para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e formativa de educadores.

Pelo presente termo de anuência, declaramos que autorizamos a realização das atividades previstas pela aluna na Escola Estadual Rui Barbosa.




 Direção da Escola

 VANTUIR PEREIRA DA SILVA

 Gestor

 Portaria/SEDUC/613/2018

 E. E. Rui Barbosa - Alta Floresta/MT

Alta Floresta/ MT, 11 de Novembro de 2019.

APÊNDICE B - Termo de consentimento livre e esclarecido para a professora

Autorizo a minha participação na pesquisa intitulada “A escuta sensível e a prática de ensino de uma professora atuante com o 2º ciclo”, a ser desenvolvida pela aluna Andreia Cristina Pontarolo Lidoio, mestranda do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari – Univates, situada no município de Lajeado, Rio Grande do Sul.

Foi esclarecido que a pesquisa utilizará observações da minha prática de ensino a ser desenvolvida e efetivada com os estudantes que compõem minha turma do 2º ciclo, e de que a aluna realizará anotações da prática observada no Diário de bordo, assim como que serão realizadas entrevistas com a minha pessoa.

Foi esclarecido, também, que as informações terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso, portanto também autorizo a pesquisadora a colocá-las na futura dissertação.

Minha participação é feita por ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Esta pesquisa pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo as divulgações das entrevistas e observações realizadas dentro e fora da sala de aula na qual atuo, realizadas para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Alta Floresta/ MT, ____de____de 2019.

Nome do (a) professor(a): _____

Pesquisadora Andreia Cristina pontarolo Lidoio: _____

APÊNDICE C - Termo de consentimento livre e esclarecido para os responsáveis pela estudante

Autorizo minha filha a ser partícipe da investigação desenvolvida pela pesquisadora Andreia Cristina Pontarolo Lidoio, mestranda do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari – Univates, situada no município de Lajeado, Rio Grande do Sul.

Foi esclarecido que a pesquisa fará uso dos relatos da minha filha, disponibilizados por ela por meio do diálogo que terá com a pesquisada, referente ao ano em que ela foi aluna da professora pesquisada, e que o diálogo será efetivado com base nas fotografias do ano letivo em que ela foi estudante da professora, bem como será exposto na futura dissertação intitulada “A escuta sensível e a prática de ensino de uma professora atuante com o 2º ciclo”.

Estou ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação da minha filha é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete nem prejudica em nada o desenvolvimento da minha filha.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Esta pesquisa pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo a fazer uso dos relatos da minha filha sobre o ano em que foi aluna da professora, para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Alta Floresta/MT, _____ de _____ de 2020

Responsável legal pela estudante: _____

Pesquisadora Andreia Cristina Pontarolo Lidoio

APÊNDICE D - Termo de consentimento livre e esclarecido para a estudante

Autorizo a minha participação na pesquisa intitulada “A escuta sensível e a prática de ensino de uma professora atuante com o 2º ciclo”, a ser desenvolvida pela aluna Andreia Cristina Pontarolo Lidoino, mestranda do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Ensino da Universidade Vale do Taquari – Univates, situada no município de Lajeado, Rio Grande do Sul.

Foi esclarecido que a pesquisa fará uso dos meus relatos, disponíveis por meio do diálogo que terei com a pesquisada, referente ao ano em que fui aluna da professora e o diálogo será efetivado com base nas fotografias desse ano letivo.

Minha participação é um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

A pesquisadora colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Esta pesquisa pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo os meus relatos sobre o ano em que fui aluna da professora para fins exclusivos de publicação e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Alta Floresta/ MT, ____ de _____ de 2020.

Nome do (a) estudante (a): _____

Pesquisadora Andreia Cristina pontarolo Lidoino:

APÊNDICE E- Roteiro da entrevista com a professora

- ✓ Como você descreve o ensino pautado na escuta sensível?
- ✓ Em uma escola onde o ensino é pautado no ciclo de formação humana, o trabalho com a escuta sensível se torna mais possível de desenvolver? Por quê?
- ✓ Quais as contribuições da escuta sensível para a construção da aprendizagem dos estudantes?
- ✓ A formação continuada de professores deveria abordar as contribuições do ensino pautado na escuta sensível? Por quê?
- ✓ Quais são as dificuldades enfrentadas por você ao trabalhar com a escuta sensível?
- ✓ Você considera importante a pesquisa a ser realizada, em que expõe o trabalho de uma professora que atua fazendo uso da escuta sensível para ensinar? Justifique sua resposta.
- ✓ Poderia descrever como será escrever um diário de memórias partindo de fotografias da sua prática de ensino em anos anteriores?
- ✓ Poderia descrever sua concepção sobre o diálogo, no qual farei com uma a estudante que fez parte da sua turma e foi indicada por você para relatar como foram as vivências na turma no ano de 2019?
- ✓ Professora, como você realiza o planejamento das suas aulas na perspectiva da escuta sensível? E o que você considera para isso?
- ✓ Na sua concepção como ocorre a construção da aprendizagem dos estudantes tendo a escuta sensível como com base?
- ✓ O currículo proposto na escola dificulta a realização do planejamento com base na escuta sensível? Por quê?
- ✓ Em sua concepção, o currículo proposto com base na BNCC oportuniza o trabalho com a escuta sensível. Por quê?
- ✓ Professora, qual sua compreensão sobre as práticas de ensino?
- ✓ Você poderia relatar um pouco sobre o ensino que está sendo ofertado remotamente, diante de todos os acontecimentos que estamos vivenciando em tempo pandêmico?

APÊNDICE F - Roteiro do diálogo com a estudante

Cinco fotografias que direcione:

- ✓ Como a professora desenvolvia sua prática de ensino: metodologia;
- ✓ A professora conseguia dar atenção a todos os estudantes;
- ✓ Ela era empática com os estudantes;
- ✓ Ela dava atenção individual aos estudantes quando solicitada pelos mesmos;
- ✓ Ela ouvia os estudantes quando esses procuravam-na para conversar;
- ✓ Qual a relação afetiva dela com os estudantes;
- ✓ Conversava com eles em momentos que não estavam em aula, como encontros em outros espaços;

ANEXO

ANEXO A – Roteiro norteador do diário de memória e do diálogo com a estudante

A seguir são apresentas oito fotografias que foram feitas no ano de 2019. Essas fotos são de diversos momentos de trabalho da professora pequisada com sua turma e envolveram diferentes contextos da sua prática de ensino. As fotos foram palco e serviram de suporte para que a professora produzisse os seus relatos no diário de memória, assim como para que a estudante pudesse dialogar a respeito da prática da professora.

Figura 1 - Pequenique na pracinha , próximo à escola Estadual Rui Barbosa, a professora e sua turma, realizando uma aula diferente



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 2 - Feira do conhecimento: Culminância do projeto trabalhado e apresentado pela professora e seus estudantes intitulado: “Vire ou Recicle”



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 3 - Confeção de caixinhas de cartolina. Interação e trabalho coletivo nessa aula



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 4 - Trabalho de arte, sobre a arte em relevo com EVA



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 5 - Brincadeira do Rei mandou, realizada coletivamente em sala de aula



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 6 - Incentivo para que os estudantes se empenhassem em fazer uma boa avaliação do SAEB



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 7 - Trabalhando com massinha, confeccionando animais



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 8 - Os estudantes do 1º ao 5º ano no cinema



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).

Figura 9 - A comunidade escolar comemorando o dia de “Ação de Graça”



Fonte: E.E. Rui Barbosa (2019).



UNIVATES

R. Avelino Talini, 171 | Bairro Universitário | Lajeado | RS | Brasil
CEP 95914.014 | Cx. Postal 155 | Fone: (51) 3714.7000
www.univates.br | 0800 7 07 08 09